



ESCOLA SUPERIOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Instituto Politécnico de Lisboa

*As representações dos atores políticos Putin e Zelensky nos programas
Agora CNN, CNN Prime Time e CNN Meia Noite*

Jéssica Soraia Palma Ângelo

Relatório de estágio submetido como requisito parcial para obtenção do
grau de Mestre em Jornalismo

Sob orientação das professoras Fernanda Bonacho e Ana Paula Sá

Escola Superior de Comunicação Social

Outubro de 2024

Ao meu querido pai,

o meu eterno herói sem capa, que me iluminou para conseguir terminar este desafio.

Foi por ti, pela mãe e pela mana. Sempre foi. E sempre será.

DECLARAÇÃO ANTI-PLÁGIO

Declaro que o presente relatório de estágio é um trabalho original da minha autoria para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo. Atesto ainda que todas as citações se encontram devidamente identificadas e acrescento ter consciência de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho apresentado.

18 de outubro de 2024.

A candidata,

Jéssica Ângelo

RESUMO

O presente trabalho retrata a experiência de estágio na redação da TVI/CNN Portugal de 8 de janeiro a 7 de abril de 2024 e tem como objetivo analisar representações dos atores políticos Vladimir Putin e Volodymyr Zelensky na cobertura jornalística televisiva da CNN Portugal.

A investigação observou a construção e o enquadramento noticiosos dos dois líderes durante fevereiro e março de 2024, com especial atenção às motivações subjacentes. A análise revelou uma abordagem predominantemente episódica, marcada pela personalização, dramatização e amplificação do conflito, o que contribuiu para a criação de narrativas polarizadas. Putin foi o ator mais mediatizado, com um enquadramento negativo centrado no *problem frame*, destacando o confronto com o Ocidente, a ameaça nuclear e o carácter repressivo do seu regime. Em contrapartida, Zelensky foi retratado de forma mais informativa, focando-se na sua luta por apoio ocidental, ainda que também alvo de críticas, sobretudo quanto à sua consistência política.

O levantamento estatístico de 341 conteúdos jornalísticos, as entrevistas aos profissionais da redação e as observações descritas ao longo do período de estágio revelam a doutrina política dominante e as pressões inerentes ao jornalismo televisivo, como a limitação de tempo e de recursos.

A estratégia metodológica adotada é de cariz documental (revisão da literatura, análise de todos os conteúdos informativos dos programas *Agora CNN*, *CNN Prime Time* e *CNN Meia Noite*, análise de discurso e representação imagética) e não documental (entrevistas exploratórias a profissionais e observação participante).

Palavras-chave: Enquadramento e construção noticiosos; Vladimir Putin; Volodymyr Zelensky; narrativa mediática; CNN Portugal.

ABSTRACT

This paper describes the internship experience in the TVI/CNN Portugal newsroom from January 8 to April 7, 2024, and aims to analyze the representations of political actors Vladimir Putin and Volodymyr Zelensky in CNN Portugal's television news coverage.

The research looked at the construction and framing of news stories about the two leaders during February and March 2024, with special attention to their underlying motivations. The analysis revealed a predominantly episodic approach, marked by personalization, dramatization and amplification of the conflict, which contributed to the creation of polarized narratives. Putin was the most present actor in the media, with a negative framing centered on the problem frame, highlighting the confrontation with the West, the nuclear threat and the repressive nature of his regime. In contrast, Zelensky was portrayed in a more informative way, focusing on his fight for Western support, although he was also criticized, especially for his political consistency.

The statistical survey of 341 pieces of journalistic content, the interviews with newsroom professionals and the observations made during the internship period reveal the dominant political doctrine and the pressures inherent in television journalism, such as limited time and resources.

The methodological strategy adopted is of a documentary nature (literature review, analysis of all the information content of the programs Agora CNN, CNN Prime Time and CNN Meia Noite, discourse analysis and image representation) and non-documentary (exploratory interviews with professionals and participant observation).

Keywords: News framing and construction; Vladimir Putin; Volodymyr Zelensky; media narrative; CNN Portugal.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	4
1.1 Uma visão ocidental da guerra Rússia-Ucrânia	4
1.1.1 Antecedentes e o ator NATO	5
1.1.2 Mediatização da guerra: a influência da política externa	7
1.2 A construção do real e as especificidades do jornalismo televisivo	9
1.2.1 A importância do enquadramento	11
1.2.2 Os valores-notícia de seleção e construção	12
1.2.3. O primado das emoções e das audiências	15
1.3 Mediatização da política	17
1.3.1 Um enquadramento de confronto	19
1.3.2 De palavras dadas com o poder	21
1.3.3 Uma encenação consciente.....	23
1.3.4 Jornalista e <i>spin doctor</i> : uma relação simbiótica?.....	24
CAPÍTULO II	27
2.1 Dois canais, uma redação: a TVI e a CNN Portugal	27
2.1.1 Prioridade informativa da CNN e aproximações com a TVI	30
2.1.2 Hierarquias e organização da redação	32
2.2 Diário de Estágio	34
2.2.1 A predominância do jornalismo de secretária	35
2.2.2 O jogo “política/guerra” de Volodymyr Zelensky: a substituição do chefe das forças armadas.....	40
2.2.3 A morte de Alexei Navalny	42
2.2.4 O aniversário da guerra	45
2.2.5 As eleições na Rússia	50
2.2.6 O atentado em Moscovo.....	52

2.2.7 A primeira saída sozinha em três meses de estágio	53
CAPÍTULO III	55
3.1 Objetivo, escolha e pertinência do estudo	55
3.2 Estratégia metodológica	56
3.2.1 Pesquisa documental	57
3.2.2 Pesquisa não documental	58
3.3 Análise do <i>corpus</i> e discussão dos resultados	59
3.3.1 O gênero jornalístico de eleição na cobertura de Putin e Zelensky	59
3.3.2 O ator político mais mediatizado	61
3.3.3 Principais temas e valores-notícia	63
3.3.4 A morte de Alexei Navalny e o aniversário da guerra.....	65
3.3.5 Dramatização na construção da narrativa.....	71
3.3.6 Enquadramento e construção da narrativa	73
3.3.7 Confrontos éticos e/ou deontológicos na cobertura do conflito	75
3.3.8 Representação visual de Putin e Zelensky	76
CONCLUSÃO	82
BIBLIOGRAFIA	84
ANEXOS	91
Anexo 1. Entrevista a Sérgio Furtado.....	91
Anexo 2. Entrevista a Hugo Beleza	97
Anexo 3. Entrevista a Carla Rodrigues	102
Anexo 4. Entrevista a Helena Lins	107
Anexo 5. Grelha de Análise	113
Anexo 6. Categorização do <i>corpus</i>	115
Anexo 7. Tabelas de análise do discurso	118

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Presença de Putin e Zelensky nas promos.....	63
Gráfico 2. Principais vozes na cobertura dos atores políticos.....	68
Gráfico 3. Posição em relação a Putin e Zelensky – Aniversário da guerra.....	69
Gráfico 4. Tom em relação a Putin e Zelensky - Aniversário da guerra.....	70

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Género jornalístico por jornal de análise.....	59
Tabela 2. Presença de Putin e Zelensky por mês de análise.....	61
Tabela 3. Presença de Putin e Zelensky por jornal.....	61
Tabela 4. Principais temas e valores-notícia em torno de Putin e Zelensky.....	64
Tabela 5. Posição em relação a Putin e Zelensky – Morte de Navalny.....	66
Tabela 6. Tom em relação a Putin e Zelensky – Morte de Navalny.....	67
Tabela 7. Adjetivos em relação a Putin e Zelensky – Morte de Navalny.....	67
Tabela 8. Adjetivos em relação a Putin e Zelensky - Aniversário da guerra.....	70
Tabela 9. Proveniência dos conteúdos por equipa de jornalistas.....	74

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. CNN Meia Noite, 14 de março de 2024.....	77
Figura 2. Agora CNN, 29 de fevereiro de 2024.....	78
Figura 3. CNN Meia Noite, 14 de março de 2024.....	78
Figura 4. Agora CNN, 23 de fevereiro de 2024.....	79
Figura 5. CNN Meia Noite, 27 de março de 2024.....	79
Figura 6. CNN Meia Noite, 24 de fevereiro de 2024.....	79
Figura 7. CNN Meia Noite, 24 de fevereiro de 2024.....	80
Figura 8. CNN Meia Noite, 10 de fevereiro de 2024.....	80

INTRODUÇÃO

Passados dois anos de uma guerra que representou um ponto de viragem na história mundial, a invasão da Ucrânia pela Rússia elevou a tensão internacional a um novo patamar. Voltámos ao jogo da propaganda, à ameaça nuclear, à corrida ao armamento e à sensação de urgência do reforço da defesa na Europa. O conflito entre Volodymyr Zelensky e Vladimir Putin estendeu-se aos Estados Unidos e à Europa, redefinindo a ordem internacional e lembrando a divisão política Ocidente VS Rússia da Guerra Fria.

Houve uma série de acontecimentos que coincidiram com a minha estadia de estágio na redação da TVI/CNN Portugal e que contribuíram para o cenário político internacional atual. É dessa experiência que nasce a presente investigação. Este estudo de caso explora a guerra Rússia-Ucrânia e analisa, mais especificamente, as representações dos atores políticos Vladimir Putin e Volodymyr Zelensky nos programas *Agora CNN*, *CNN Prime Time* e *CNN Meia Noite* – uma matéria que ainda não tinha merecido uma análise académica pormenorizada a partir da redação da TVI/CNN Portugal.

Esta investigação pretende mostrar a forma como é construída a narrativa discursiva e imagética da cobertura jornalística televisiva da CNN Portugal em torno dos presidentes russo e ucraniano e também apurar as motivações por detrás de determinado enfoque político. Para tal, segue-se a pergunta de partida que irá nortear o presente trabalho: *Como é realizada a construção e o enquadramento noticiosos em torno dos atores políticos Putin e Zelensky nos programas Agora CNN, CNN Prime Time e CNN Meia Noite, no mês de fevereiro e março de 2024?*

Partindo desta curiosidade, e focando os acontecimentos-chave em torno de Putin e Zelensky que marcaram o período de estágio, foram formuladas as seguintes hipóteses de investigação, que correspondem aos objetivos mais concretos do estudo:

1. Qual é o género jornalístico de eleição na cobertura televisiva dos dois atores políticos?
2. Qual é o ator político mais mediatizado nos dois meses de análise, em cada jornal e nas promoções de conteúdos?
3. Quais os principais temas e valores-notícia associados aos atores políticos?
4. O que dizem os atores políticos e outras vozes sobre a morte de Alexei Navalny e o aniversário da guerra?

5. Existe uma aposta na dramatização na construção da narrativa em torno dos atores políticos envolvidos no conflito?
6. Quais as razões por detrás do enquadramento e construção da narrativa da CNN Portugal em relação ao conflito?
7. Quais os confrontos éticos e/ou deontológicos na cobertura do conflito?
8. Como são representados os atores políticos do ponto de vista visual?

O *corpus* de análise será composto por todos os conteúdos informativos dos programas *Agora CNN*, *CNN Prime Time* e *CNN Meia Noite* que foquem Vladimir Putin e Volodymyr Zelensky e a estratégia metodológica engloba dois tipos de pesquisa: a pesquisa documental, relacionada com a análise de conteúdo, que engloba o visionamento do alinhamento dos telejornais, a análise discursiva e imagética e a revisão bibliográfica; e, por outro lado, a pesquisa não documental, sustentada na observação participante e em entrevistas exploratórias aos editores e jornalistas da CNN Portugal.

No Capítulo I – o estado da arte da presente investigação – o ponto 1.1 Uma visão ocidental da Guerra Rússia Ucrânia dedica-se a uma breve contextualização histórica da guerra e à sua mediatização nos veículos de informação ocidentais.

Sendo que a televisão constituiu o meio predileto para o consumo informativo sobre a guerra Rússia-Ucrânia (Eddy e Fletcher, 2022), o tópico 1.2 A construção do real e as especificidades do jornalismo televisivo começa por destacar a televisão e o próprio jornalismo enquanto motores de partilha de uma cultura e memória coletivas (Lopes, 2008). Nesta lógica, refere-se o legado de Gaye Tuchman (1978) – que vê a notícia como uma construção – e a análise de Erving Goffman (1974) sobre os *frames*/enquadramentos. Segue-se a descrição dos valores-notícia de seleção e construção através de Nelson Traquina (2004), associados a uma forma de ver específica dos jornalistas que faz um acontecimento ser notícia e como ser notícia. A importância da imagem e das emoções no jornalismo e os constrangimentos comerciais que se fazem notar em redação são explorados através de Felisbela Lopes (2008) e Adelino Gomes (2012).

No último subcapítulo – 1.3 Mediatização da Política – é feita uma pequena introdução ao espaço público mediatizado, à comunicação política e ao dispositivo de comunicação política (Mesquita, 2004). Seguem-se as noções de *frames* temáticos, *frames* episódicos e enquadramento estratégico relativos à transmissão de questões políticas (Iyengar, 1991; Aalberg, Strömbäck e Vreese, 2012). Com o objetivo de analisar o enquadramento dos discursos de Putin e Zelensky e também aquilo que se diz sobre

eles, explora-se o legado de Foucault (1970) relativo ao discurso e à legitimação de poderes que lhe está associada.

A encenação e dimensão espetacular da política é abordada para focar a performance associada à personagem jornalística (Mesquita, 2004; Lopes, 2008; Foucault, 1970). É ainda referido o estudo de Caroline Fisher (2013), através do qual se realçam as semelhanças entre as funções de jornalista e *spin doctor*. Menciona-se também a existência de um conflito ético dentro do jornalismo: a reportagem objetiva e a reportagem *advocacy* (Janowitz, 1975).

O Capítulo II dedicar-se-á, numa primeira análise, à exploração das especificidades de uma redação que alimenta dois canais (a TVI e a CNN Portugal). Depois, vem o Diário de Estágio: uma análise crítica à cobertura da guerra na Ucrânia, que junta as principais observações ao longo dos três meses de estágio no *desk* da TVI/CNN Portugal, bem como os vários conteúdos noticiosos que realizei. O ponto alto do meu Diário de Estágio, assim como da minha estadia na Estação de Queluz de Baixo, reside no envolvimento direto na produção noticiosa dos acontecimentos-chave em torno de Putin e Zelensky.

Já o Capítulo III abarcará a explicitação da estratégia metodológica, a análise do *corpus* e a discussão de resultados, realizadas através de uma dimensão espacial, temporal e formal. Na dimensão espacial, a proveniência dos conteúdos remete para as relações e práticas profissionais que os jornalistas estabelecem com as fontes internacionais; a variável do jornal serve para perceber qual a presença de Putin e Zelensky em cada programa. Na dimensão temporal, o mês de transmissão dos conteúdos informativos serve para comparar a aposta que é dada à guerra Rússia-Ucrânia e aos seus atores no mês de fevereiro e no mês de março. A dimensão formal engloba a caracterização do género jornalístico e valores-notícia; a equipa dos jornalistas; as principais temáticas abordadas; a presença do espaço de comentário/entrevista; os protagonistas (se Putin ou Zelensky); e, finalmente, as promos.

Capítulo I

Uma visão ocidental da Guerra Rússia-Ucrânia, a construção do real e as especificidades do jornalismo televisivo e a mediatização da política

“Os media não só nos dizem no que pensar, mas também como pensar nisso e, conseqüentemente, o que pensar.”

McCombs e Shaw, 1993

1.1 Uma visão ocidental da guerra Rússia-Ucrânia

Iniciada pela Rússia a 24 de fevereiro de 2022, a guerra Rússia-Ucrânia tem sido o conflito internacional mais mediatizado do século XXI. A proximidade do conflito (por se tratar de uma guerra na Europa, algo que não acontecia desde a Segunda Guerra), o contraste entre os valores democráticos europeus e a ascensão de valores autocráticos, a reconfiguração das relações internacionais, o regresso de preocupações nucleares e a tensão de um mundo que se parece novamente repartido como na Guerra Fria fazem com que o conflito Rússia-Ucrânia ganhe palco entre os assuntos da atualidade.

Estes foram alguns dos motivos enumerados pelo jornalista Filipe Caetano quando confrontado com a pergunta “Por que razão esta guerra continua a ser tão mediatizada?”, na palestra “*Jornalismo Internacional – O jornalismo de correspondência no conflito Rússia-Ucrânia*”, organizada pela docente Maria José Mata, na Escola Superior de Comunicação social, no dia 3 de outubro de 2023. Filipe Caetano foi um dos poucos jornalistas portugueses a fazer reportagem diretamente da Rússia, mais especificamente, da Praça Vermelha, em Moscovo.

Ash, Krastev e Leonard (2023) apresentam as principais conclusões de uma nova sondagem global multinacional, que revela uma divisão de opiniões entre o Ocidente e países não ocidentais sobre o conflito. Europeus e os americanos concordam em apoiar a vitória ucraniana, veem a Rússia como adversária e acreditam que a ordem global futura será definida por dois blocos, liderados pelos EUA e pela China. Em contraste, os cidadãos da China, Índia e Turquia preferem um fim rápido da guerra, mesmo que a Ucrânia tenha de ceder território, e acreditam mais numa ordem multipolar do que bipolar.

Países emergentes como a Índia e a Turquia pretendem agir de forma independente e não querem envolver-se numa disputa direta entre os EUA e a China.

Para entender o contexto atual das relações internacionais, é essencial revisitar as motivações históricas do conflito armado entre a Rússia e a Ucrânia.

1.1.1 Antecedentes e o ator NATO

Há um marco histórico pós Segunda Guerra que é preciso realçar: a criação da NATO¹, um importante ator do conflito russo-ucraniano de 2022. A Ucrânia, que tinha sido restabelecida pela União Soviética da ameaça alemã em 1941 (um acontecimento que ainda hoje fortalece o discurso russo² de glória no combate ao nazismo) começou a dar os primeiros passos em direção à aliança ocidental com o governo de Leonid Kravchenko (1991-1994), ainda que com a preservação de relações amistosas com a Rússia (Menegello e Cordova, 2022). As políticas do presidente Kuchma (1994-2001) continuaram a ocidentalização da Ucrânia, mas desta vez com maiores tensões com a Rússia, que entendeu a entrada da Ucrânia na GUAM (Organização para a Democracia e Desenvolvimento Económico) em 1999 como um afrontamento à CEI (Comunidade dos Estados Independentes).

A adesão da Ucrânia à Parceria para a Paz da NATO, a assinatura do Acordo de Parceria e Cooperação com a União Europeia e a adesão ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares, em troca da garantia de respeito à sua soberania e independência por parte da Rússia, dos Estados Unidos e do Reino Unido, ilustram o interesse ucraniano de pertencer à NATO e à União Europeia, algo que constitui uma ameaça para Putin (Menegello e Cordova, 2022). Aliás, esse interesse ucraniano começou a materializar-se a 14 de dezembro de 2023: o dia em que o Conselho Europeu decidiu abrir as negociações formais de adesão da Ucrânia à União Europeia, apesar de a Hungria não concordar com essa decisão (Tribuna³, 2023).

¹ A Organização do Tratado do Atlântico Norte é uma aliança militar internacional composta por países norte-americanos e europeus e foi criada através do Tratado de Washington, em 1949, para travar a expansão soviética ao Ocidente e um possível revanchismo alemão.

² No contexto da guerra Rússia-Ucrânia de 2022, Vladimir Putin frisou: “Estou a dirigir-me às nossas Forças Armadas e à milícia de Donbass. Vocês estão a lutar pela nossa Pátria, pelo seu futuro, para que ninguém esqueça as lições da Segunda Guerra Mundial, para que não haja lugar no mundo para torturadores, esquadrões da morte e nazistas” (Rússia, 2022, tradução de Menegello e Cordova, 2022, p.6).

³ Tribuna, Mara. Momento “histórico” e decisão política “muito forte”: negociações de adesão da Ucrânia à UE marcam o 659.º dia de guerra. Expresso. (14 de dezembro de 2023). Disponível em [Momento](#)

Além da crescente aproximação da Ucrânia ao flanco ocidental, outro antecedente que contribuiu para o conflito russo-ucraniano de 2022 foi o Euromaidan: uma série de protestos iniciados na Ucrânia em 2013 após o presidente da altura, Viktor Yanukovich, deixar de assinar o acordo de cooperação com a União Europeia. O documentário *Winter on fire: Ukraine's Fight For Freedom* (2015) mostra, precisamente, a repressão governamental aos protestos, o aumento da luta da população contra as forças oficiais e a deposição do presidente ucraniano, depois de 93 dias de protestos.

Mas a vontade de ocidentalização da Ucrânia não foi consensual. Em oposição ao viés pró-ocidental dos protestos do Euromaidan, em 2014 deu-se a auto proclamação das repúblicas populares de Donetsk e Lugansk⁴, duas regiões que passaram a ser controladas por separatistas pró-russos. A anexação da Região da Crimeia⁵ por parte da Rússia realizou-se por via das alegações dos líderes separatistas da região, que pediram proteção relativamente aos novos líderes de Kiev que consideravam extremistas, sendo eleito para o Parlamento da Crimeia um primeiro-ministro favorável à Rússia. A 21 de fevereiro de 2022, Vladimir Putin reconheceu formalmente a independência destas duas regiões separatistas, com o governo russo a anunciar uma “operação militar especial em solo ucraniano” com o objetivo de “desmilitarizar e desnazificar o país” (Menegello e Cordova, 2022, p.5).

Ao analisar os discursos da cúpula de Newport de 2014, Zabolotsky e Mielniczuk (2021) constataram um “ponto de inflexão crucial da postura da NATO em relação a Moscovo” (p.85). Em resposta à anexação da Crimeia, a NATO referiu: “Nós não reconhecemos e não reconheceremos a anexação ilegal e ilegítima da Crimeia. [...] Estamos profundamente preocupados com o facto de a violência e a insegurança na região, provocadas pela Rússia e pelos separatistas apoiados pelos russos, estarem a provocar uma deterioração da situação humanitária e a destruição material no leste da Ucrânia” (NATO, 2014, citado por Zabolotsky e Mielniczuk, 2021, p.98).

[“histórico” e “decisão política muito forte”: negociações de adesão da Ucrânia à UE marcam o 659.º dia de guerra - Expresso.](#)

⁴ Áreas ao leste da Ucrânia que abrangem cerca de um terço da região de Donbass; é considerada uma zona estratégica, visto que possui acesso ao Mar Negro e o conseqüente escoamento ao Mar Mediterrâneo, além de se tratar do maior polo industrial e da maior fonte de energia da Ucrânia, estando grande parte das suas indústrias ligadas ao carvão e à siderurgia (Menegello e Cordova, 2022).

⁵ “Foi realizado um referendo, marcado pela ausência de observadores internacionais confiáveis, que resultou no apoio popular à anexação da Crimeia pela Rússia, com 99,5% de votos favoráveis” (BBC News Brasil, 2022, citado por Menegello e Cordova, 2022, p.8).

A crise ucraniana de 2014 representa o auge de um “enquadramento da Rússia enquanto par oposto à definição de uma identidade coletiva dos países membros da aliança militar” (p.85). De um lado estão os países ocidentais “democráticos e moderados da NATO”; do outro, a “Rússia agressiva, não democrática e irracional” (p.86). Todo o discurso da NATO sobre a instabilidade na Europa é formatado como um “produto da agressão russa, um efeito sintomático do imperialismo russo na região euro-atlântica” (Zabolotsky e Mielniczuk, 2021, p.101). À semelhança das medidas sancionatórias europeias e americanas em resposta à invasão russa de 2022 à Ucrânia, em 2014 a NATO já tinha ratificado uma série de sanções⁶ ao Kremlin e a suspensão de toda a cooperação civil e militar entre a NATO e a Rússia, com o intuito de empurrar Moscovo ao isolamento.

Mais do que condenar a ação russa e apoiar a Ucrânia, a cúpula de Newport de 2014 teve como principal objetivo o resgate do senso de comprometimento, indivisibilidade e comunidade entre os membros da aliança militar ocidental, elevada a garantidora da paz e da estabilidade, em oposição a um “Outro”: a Rússia. Esta narrativa dominante da política externa da NATO perdurou e fortaleceu-se com a invasão russa de 2022 à Ucrânia e passou para a cobertura dos principais veículos de comunicação ocidentais.

1.1.2 Mediatização da guerra: a influência da política externa

Menegello e Cordova (2022), ao analisarem os principais jornais americanos, britânicos, franceses e alemães, verificaram, independentemente das ideologias políticas de cada um, a predominância de posições favoráveis à Ucrânia e a condenação dos atos russos, “resultando na condução da opinião pública a tal posicionamento, num verdadeiro movimento de agenda setting⁷” (Menegello e Cordova, 2022, p.22).

Para tal facto em muito contribuiu o fácil acesso dos jornalistas internacionais à Ucrânia, a estratégia de Volodymyr Zelensky de aproximação contínua do aparato mediático (que lhe garantiu uma imagem heroica junto da opinião pública) e as partilhas nas redes sociais por parte de jornalistas, políticos e civis a documentar os horrores da

⁶ “(...) limitar o acesso a mercados de capitais para instituições financeiras estatais russas, restringir o comércio de armas, estabelecer restrições à exportação de bens de dupla utilização para fins militares, restringir o acesso russo a tecnologias sensíveis do setor de defesa e energia, e outras medidas” (NATO, 2014, citado por Zabolotsky e Mielniczuk, 2021, p.103).

⁷ A agenda setting consiste na definição, por parte dos media, das temáticas que vão ser ou não noticiadas. No âmbito do debate público, há diferentes temáticas que se tornam mais ou menos relevantes e outras que são até excluídas (McCombs, 2009).

guerra para uma audiência global em tempo real (Eddy e Fletcher, 2022). Todo este panorama possibilitou uma cobertura próxima dos acontecimentos, mas também uma visão condicionada à versão do lado ucraniano, relacionada com as restrições e censura⁸ sentidas do lado russo (Teixeira, 2022).

O que está implícito é o chamado efeito CNN⁹, uma teoria fulcral para abordar a correlação entre os media e as relações internacionais e que diz respeito à “forma como a cobertura televisiva de grandes acontecimentos influencia a agenda e o próprio processo de decisão política, tanto a um nível interno como num plano internacional” (MC News, 2021). De facto, a situação da Ucrânia tornou-se um tema imperativo para a liderança política da Europa, tanto que foi criada uma diretiva¹⁰ direcionada ao asilo dos ucranianos. Comparando a crise migratória de 2015 com a situação dos refugiados ucranianos em 2022, António Guterres criticou: “Não pode deixar de nos fazer refletir porque é que a Europa recebe refugiados ucranianos e tantos países europeus foram tão reticentes em receber refugiados sírios e africanos” (Observador, 2023).

Relativamente à representação ideológica de Vladimir Putin e Volodymyr Zelensky nos perfis online da BBC, a análise de Raza e Malik (2022) concluiu que o enquadramento dos presidentes está longe de ser neutro: “a escolha da pose, cenário, objetos, fotogenia e atores sociais retratam Putin como distante, autoritário, rígido, fixo e inalterado nas suas opiniões (...) enquanto Zelensky é mostrado sob uma luz mais positiva como ser humano, como artista, como presidente revolucionário e como defensor da Ucrânia contra a agressão russa” (p.166). Este tipo de retrato vai ao encontro dos interesses mais amplos da BBC enquanto meio de comunicação social representativo britânico, já que a Inglaterra assumiu uma posição anti russa muito severa no palco político desde o início da guerra, tal como os Estados Unidos (Menegello e Cordova, 2022).

⁸ A jornalista e professora Janine Zacharia descreveu a realidade do jornalismo na Rússia, em entrevista para a Standford News: “Jornalistas independentes russos e correspondentes estrangeiros de longa data tiveram de fugir da Rússia. E os principais meios de comunicação americanos fecharam os escritórios em Moscovo. Para Putin, os jornalistas são tão inimigos quanto os combatentes ucranianos” (Witte, 2022).

⁹ O efeito CNN surgiu nos anos 90 quando a CNN cobriu as intervenções militares no Iraque (1991), na Somália (1992) e na Bósnia (1995) e caracteriza-se pela “cobertura em tempo real das notícias e pela constante aceleração do ritmo da comunicação internacional” (Gilboa, 2005, p.28).

¹⁰ “autorização de residência (que pode durar de um ano a três anos), acesso a emprego, a alojamento ou habitação, a bem-estar social ou aos meios de subsistência, a tratamento médico e educação para menores e garantias para o acesso ao procedimento normal de asilo” (CNN Portugal, 2022).

Por outro lado, na política externa francesa e, sobretudo, na alemã (e, conseqüentemente, nas suas narrativas mediáticas), Menegello e Cordova (2022) denotaram uma condenação mais branda às atitudes do Kremlin na Ucrânia, possivelmente para preservar futuras negociações e relações com a Rússia devido à forte dependência energética do gás russo.

Os veículos de informação ocidentais podem até não manipular totalmente as informações sobre o conflito russo-ucraniano, até porque foi a Ucrânia a ser invadida e a Rússia a clara violadora do Direito Internacional. Mas o que é facto é que a realidade da guerra será sempre um objeto de construção mediática, dependendo de contextos e interesses próprios.

Logo nos primeiros dias do conflito, a União Europeia bloqueou canais de notícias e meios de comunicação e informação russos, com a justificação de evitar a divulgação de notícias falsas (European Council, 2022). A par da censura mediática colocada em prática pela Rússia, também se pode discutir se suprimir informações que possam advir do outro lado do conflito não será outra forma de ditadura da informação. Ainda que se reconheça a força da desinformação do lado russo, não seria prudente (e mais democrático até) poder ver e ouvir o que o outro lado diz e debater sobre isso, do que praticamente não ter essa informação? A forma como as notícias moldam a visão ocidental em relação à guerra não é meramente uma hipótese, mas um processo inerente à construção do real, resultante da esfera de influência na qual estamos inserido.

1.2 A construção do real e as especificidades do jornalismo televisivo

A televisão não perdeu poder e continua a ter um papel central no panorama informativo. Prova disso são os resultados do relatório *Perceptions of media coverage of the war in Ukraine*, publicado pela Reuters Institute em 2022, que mostram que a televisão continua a distinguir-se dos outros meios de comunicação e que protagonizou o meio predileto no consumo informativo sobre a guerra Rússia-Ucrânia, sendo o recurso mais utilizado em três dos cinco países da pesquisa, nomeadamente, na Alemanha, no Brasil e no Reino Unido (Eddy e Fletcher, 2022).

Em cenários de crise, onde paira a necessidade de orientação e de informação credível, os cidadãos continuam a preferir o jornalismo *mainstream*, com a televisão a desempenhar a sua preponderante função de elo social e de construção de um acervo social de conhecimentos (Lopes, 2008). Recorrendo a Robert Park (1940), Felisbela

Lopes¹¹ (2008) explica que a ampliação da informação é *terrena* fértil para uma base de consenso que favorece a coesão social, pelo que o jornalismo, nomeadamente o televisivo, acaba por ser o motor de partilha de uma cultura e memória coletivas.

Lopes (2008) recupera a ideia de Roger Silverstone (1999) de que a televisão integra em si a desorganização do mundo ao mesmo tempo que fornece pontos de referência que ajudam os indivíduos a reestruturar o quotidiano. A autora reforça que a comunicação mediática nos casos socialmente desestruturantes se torna particularmente relevante porque possibilita “saber onde nos situarmos relativamente a esse acontecimento” (Lopes, 2008, p.65). A televisão e o jornalismo são, de facto, ferramentas fundamentais na forma como construímos a nossa perceção do mundo.

Ao examinar as notícias enquanto forma de construir a realidade, Gaye Tuchman¹² (1978) descreve-as como um quadro, através do qual o público aprende a relacionar-se com o mundo exterior. Tuchman (1976) notou que os jornalistas falam de *estórias* e não de acontecimentos, mas que resistem ao paradigma da notícia enquanto narrativa e construção. Stuart Hall (1984:4) também verificou essa resistência: “quando se afirma (...) que qualquer acontecimento pode ser construído das mais diversas maneiras e que se pode fazê-lo significar as coisas de um modo diferente, esta afirmação de algum modo ataca ou mina o sentido de legitimidade profissional dos jornalistas, e estes resistem bastante à noção de que a notícia não é um relato, mas uma construção” (citado por Traquina, 2004, p.14).

Para Tuchman (1976), dizer que uma notícia é uma *estória* não rebaixa a notícia nem lhe atribui uma índole ficcional. Antes, chama a atenção para o facto de que a notícia é uma realidade construída, possuidora da sua própria validade interna. Partindo deste pressuposto, a notícia é “um recurso social cuja construção limita uma compreensão analítica da vida contemporânea” (Tuchman, 1978, p. 215). Os jornalistas, para Tuchman

¹¹ Professora e investigadora em projetos do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, na Universidade do Minho, onde foi pró-reitora entre 2009 e 2014. O livro *A TV do Real: A Televisão e o Espaço Público* (Minerva, 2008) tem uma ligação umbilical com *A TV das Elites* (Campo das Letras, 2007): ambos resultam da tese de doutoramento de Felisbela Lopes.

¹² Gaye Tuchman é uma escritora, socióloga e professora norte-americana e os seus contributos influenciaram a área da comunicação. O livro *Making News: A Study in the Construction of Reality* (1978) – uma das referências basilares do presente trabalho – resulta da observação participante que Tuchman realizou em quatro redações de notícias e de entrevistas a jornalistas da imprensa escrita e televisiva. O legado desta autora torna-se fulcral, já que se pretende averiguar quais as linhas narrativas gerais da construção noticiosa da TVI/CNN Portugal em relação aos atores políticos Putin e Zelensky.

(1978), são um grupo com mais poder do que a maioria para “criar, impor e reproduzir significados sociais – para construir a realidade social” (p. 208).

Nesta perspetiva, estamos perante uma comunidade interpretativa, isto é, “um grupo unido pelas suas interpretações partilhadas da realidade” (Hymes, 1980:2, citado por Traquina, 2004, p.19), que culmina num “enquadramento de referência partilhado” (Zelizer, 1993:402, citado por Traquina, 2004, p.19) com as mesmas “estruturas cognitivas, perceptivas e avaliativas” em relação a um determinado acontecimento (Bourdieu, 1998, p.36, citado por Traquina, 2004, p.19). Nimmo e Combs (1983) afirmam que esta tendência dos jornalistas se seguirem uns aos outros é maior “quando as notícias se baseiam em rondas regulares e acontecimentos previsíveis, ou durante a cobertura de crises quando a informação fiável é escassa” (citados por Traquina, 2004, p.20).

1.2.1 A importância do enquadramento

A teoria do *framing* – ou enquadramento – desempenha um papel fundamental neste estudo, já que permite compreender a forma como a cobertura jornalística da CNN Portugal constrói e estrutura narrativas específicas em torno de Vladimir Putin e Volodymyr Zelensky. É esse o objetivo macro da presente investigação.

Sendo que toda a construção noticiosa pressupõe um determinado enquadramento, Tuchman (1976) refere que o conceito de *frame* de Erving Goffman¹³ (1974) é útil, na medida em que é precisamente através dos *frames*, isto é, dos enquadramentos, que a notícia oferece certas definições da realidade social.

Em *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience* (1974), Goffman divide o mundo numa parte empírica (uma faixa), que define como “qualquer fatia ou corte arbitrário do fluxo de atividade contínua”, e uma parte subjetiva (uma estrutura), que consiste nos “princípios de organização que governam os eventos [pelo menos os sociais] e o nosso envolvimento subjetivo neles” (pp.10-11).

¹³ Erving Goffman foi um conceituado sociólogo, cientista social, antropólogo e escritor norte-americano. Os seus trabalhos focaram a construção social do eu, a interação social, a sociologia da vida quotidiana, a organização democrática da experiência e as instituições totais, onde o indivíduo é isolado da sociedade (prisões, manicómios, conventos). O seu livro *Frame Analysis* (1974) introduziu a noção de *frame*/quadro/enquadramento e relacionou-a com o discurso, interação e cognição, realizando a ponte entre a sociologia e a antropologia com a linguística, discurso e análise da conversação. A teoria de Goffman sobre os enquadramentos torna-se central para explorar as motivações por detrás do enquadramento dos atores políticos Putin e Zelensky e qual o enfoque político que impera na cobertura da TVI/CNN Portugal.

Erving Goffman (1974) chama codificação ao “conjunto de convenções pelas quais uma determinada atividade, já significativa em termos de alguma estrutura primária, é transformada em algo padronizado, mas visto pelos participantes como algo diferente” (pp.43-44). Já a fabricação é “o esforço intencional de alguém ou mais indivíduos para administrar a atividade de modo que outros sejam induzidos a ter uma falsa crença sobre o que realmente está a acontecer” (p. 83). Neste sentido, Goffman (1974) argumenta que a codificação (*keying*) e as fabricações envolvem a transformação sistemática de materiais já interpretados dentro de um “esquema de interpretação significativo” (p.45).

Na mesma linha, Bateson (1972, citado por Denzin e Keller, 1981) considera que um *frame* é “um conjunto de mensagens ou ações significativas” e que a estrutura física real de um conjunto de mensagens é “adicionada por seres humanos” (p. 187). Como observa Goffman (1974), Bateson aproxima-se da concepção de Edward T.Cone (1968, citado por Denzin e Keller, 1981), o qual engloba na análise do enquadramento a componente imagética, referindo que a moldura de uma imagem anuncia e intensifica os ambientes internos e externos que lhe estão associados, isto é, tanto a mensagem que a constrói (e que a própria imagem reconstrói) como a sua interpretação.

No fundo, para Goffman (1974), cada *frame* pressupõe uma determinada apresentação das informações ao público e contém a sua própria lógica, os seus motivos e significados e as suas próprias atividades, o que, por sua vez, influencia as interpretações, reações e recodificações em relação a essa informação e, portanto, em relação à realidade que descreve. Nesse sentido, a análise ao enquadramento noticioso de Putin e Zelensky permite perceber quais os aspetos destacados e omitidos e, conseqüentemente, a posição do meio de comunicação em estudo em relação à guerra e aos atores políticos.

1.2.2 Os valores-notícia de seleção e construção

Thomas Patterson (1997) sublinha a ideia de que a notícia consiste num relato selecionado da realidade, numa “imagem refratada que passa através de um prisma – os valores-notícia da comunidade jornalística” (citado por Traquina, 2004, p.19). Este conceito de prisma assemelha-se ao de óculos de Pierre Bourdieu (1998:19): “os jornalistas têm lentes especiais através das quais veem certas coisas e não veem outras, e através das quais veem as coisas que veem da forma especial por que as veem” (citado por Traquina, 2004, p.20).

Esta peculiar forma de ver dos profissionais reflete-se nas escolhas jornalísticas e, por isso, está associada aos valores-notícia que fazem um acontecimento ser notícia e como ser notícia e isso “tem consequências relativamente à validação de políticas específicas que abordam os acontecimentos, questões ou atores dessas histórias” (Krutikova, Freire e Santos, 2019, p.47). Daí que o legado de Nelson Traquina¹⁴ (2004) seja basilar para nortear e fundamentar a análise dos valores-notícia de seleção e de construção¹⁵ relativamente à forma como a cobertura da TVI/CNN Portugal retrata os atores políticos Putin e Zelensky.

Relativamente aos valores-notícia de seleção (critérios contextuais), Traquina (2004) começa por referir a disponibilidade: a facilidade com que é possível fazer a cobertura do acontecimento, “quais são os meios que a cobertura jornalística exige, bem como qual é a despesa requerida, colocando implicitamente a pergunta se o valor-notícia desse acontecimento justifica esse gasto” (p.62). Este valor notícia serve para avaliar a presença da reportagem, os constrangimentos associados e as matérias disponíveis para realizar o enquadramento de Putin e Zelensky.

O equilíbrio é outro valor notícia de seleção: “a noticiabilidade de um acontecimento pode estar relacionada com a quantidade de notícias sobre este acontecimento ou assunto que já existe ou que existiu” (p.62). Como a presente investigação pretende debruçar-se sobre o mês de fevereiro (mês em que eclodiu a guerra na Ucrânia) e o mês de março, este valor é relevante para comparar a cobertura nos dois meses, ao nível da discrepância de peças, dos espaços de comentário/debate sobre o tema e do ator político mais mediatizado.

A visualidade (fotografias, vídeos, infografias, teasers, entre outros) é um fator de noticiabilidade fundamental em televisão e um dos critérios mais pertinentes na análise

¹⁴ Jornalista e professor, Nelson Traquina foi um importante investigador no ramo jornalístico em Portugal. Em *A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional* (2004) Traquina analisa criticamente a vasta literatura sobre jornalismo, explora a cultura dos profissionais, as suas rotinas e constrangimentos organizacionais e o crescente peso do polo económico do campo jornalístico, fatores que influenciam a construção do produto jornalístico.

¹⁵ Entre os valores-notícia de seleção, Traquina (2004) destaca os critérios substantivos e os critérios contextuais: “a) os critérios substantivos dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia; e b) os critérios contextuais dizem respeito ao contexto de produção da notícia” (p.55). Por outro lado, os valores-notícia de construção “são qualidades da sua construção como notícia e funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia” (p.55).

da representação dos atores políticos. Associado a este valor notícia, seguem-se as seguintes questões: Quais são as diferenças no enquadramento imagético dos dois presidentes? As imagens tendem para uma narrativa de sensacionalismo e espetacularização da guerra?

Traquina (2004) realça, ainda, o dia noticioso: existem dias ricos em acontecimentos e outros dias pobres em acontecimentos com valor notícia. Este critério é relevante para analisar e contrapor o tipo de cobertura feito no dia 24 de fevereiro (aniversário da guerra) e nos restantes acontecimentos-chave que marcaram o diário de estágio.

Ao nível dos valores de construção, o autor começa por referir a simplificação: “os clichês, os estereótipos e as ideias feitas são muitas vezes necessários; por simplificação, portanto, entendemos tornar a notícia menos ambígua, reduzir a natureza polissémica do acontecimento” (Traquina, 2004, p.64). É pertinente avaliar se as ideias feitas em relação à guerra – neste caso, uma narrativa que tende para uma visão ocidental do conflito – não entram em conflito com a objetividade e imparcialidade jornalísticas e com a tentativa de olhar a guerra e contextualizá-la através de um equilíbrio entre os dois polos em confronto.

Torna-se relevante também analisar o valor de consonância – se uma notícia insere o acontecimento numa “narrativa já estabelecida”, visto que “a notícia deve ser interpretada num contexto conhecido, pois corresponde às expectativas do recetor” (Traquina, 2004, p.65).

O autor considera ainda a amplificação: “quanto mais amplificado é o acontecimento, mais possibilidades tem a notícia de ser notada, quer seja pela amplificação do ato, do interveniente ou das supostas consequências do ato” (Traquina, 2004, p.64). Analisar a forma com que o conflito Rússia-Ucrânia e os seus atores políticos Putin e Zelensky são amplificados torna-se interessante para perceber as tendências políticas que se escolhem realçar.

“Por personalizar, entendemos valorizar as pessoas envolvidas no acontecimento: acentuar o fator pessoa” (Traquina, 2004, p.64). Este é o valor da personalização, um dos valores-notícia mais relevantes para o presente estudo. Nelson Traquina (2004) acrescenta que este valor costuma ser utilizado pelos jornalistas como uma estratégia para agarrar o leitor, não só pelo facto de as pessoas se interessarem por outras pessoas, mas também por facilitar a identificação do acontecimento através da dualidade negativo/positivo. O

objetivo é perceber como são caracterizados os atores políticos Putin e Zelensky, se a cobertura da CNN se alimenta sobretudo dessa personalização, demonstrando um desinvestimento nas questões sociais e uma aposta no confronto político.

O último valor notícia de construção é a dramatização, isto é, “o reforço dos aspetos mais críticos, o reforço do lado emocional, a natureza conflitual” (Traquina, 2004, p.65). Este valor notícia está também associado ao valor notícia da visualidade; é pertinente analisar se há uma excessiva dramatização do conflito em certos momentos da cobertura e se isso alimenta um determinado enfoque político, em prol de um determinado ator.

Associado a este último valor notícia está o *problem frame*¹⁶, o qual, segundo Altheide (1997), satisfaz a dimensão de entretenimento das notícias e protagoniza uma solução organizacional para um problema prático: como é que se podem enquadrar os problemas reais para que pareçam interessantes? Como é que se produzem reportagens compatíveis com formatos de entretenimento? O que está por detrás deste *problem frame* é, portanto, uma lógica de mercado, relativamente à forma como as organizações produzem notícias sobre problemas reais como uma mercadoria para vender.

1.2.3. O primado das emoções e das audiências

Tal como Felisbela Lopes (2008) evidencia, o jornalismo pode não só informar, mas também consolar e fazer chorar, porque frequentemente os espectadores relacionam-se com aquilo que veem através de emoções diferentes. Lopes (2008) recorre à noção de sensacionalismo de Gloria Awad (1995) que se associa a tudo aquilo que possa suscitar surpresa, interesse ou emoção: três características que remetem para valores-notícia do jornalismo. A questão é se são mobilizadas de forma consciente para que a informação não fique comprometida e submetida a interesses comerciais.

Como se editam os telejornais das 20h nas três grandes estações de televisão em Portugal? Esta é a pergunta orientadora do livro *Nos bastidores dos telejornais* de Adelino Gomes, que acedeu, entre 2007 e 2010, aos bastidores dos telejornais da RTP1, SIC e TVI. O livro reproduz partes significativas do seu diário de campo: frases, depoimentos, decisões que vão marcando o quotidiano das redações e que revelam a maneira como de facto se editam os telejornais, como se faz de um acontecimento uma notícia, o que fica

¹⁶ O *problem frame* implica o seguinte: existe algo que é indesejável; muitas pessoas são afetadas por este problema (é relevante); aspetos ou partes inequívocas são facilmente identificadas; pode ser alterado ou consertado; existe um mecanismo ou procedimento para resolver o problema; o agente e o processo de alteração ou reparo são conhecidos – geralmente o governo (Altheide, 1997).

de lado e porquê, como se decidem os alinhamentos e os intervalos, entre outras temáticas. O autor explora os critérios editoriais de interesse público, a independência dos jornalistas e a investigação crítica, não deixando de realçar que a edição dos telejornais gira em torno da guerra pelas audiências e de uma concorrência que, na hora da verdade – a emissão em direto do telejornal – se impõem sobre tudo.

Focando a rentabilidade emocional da imagem, Adelino Gomes (2012) alude aos cinco efeitos propostos por Weaver (1999) sobre a ênfase no espetáculo alcançada através da imagem: 1) os acontecimentos tornam-se mais estimulantes do que na vida real; 2) os acontecimentos são abordados de forma superficial; 3) a imagem oferece formas adicionais de interesse e autoridade; 4) a televisão torna-se um instrumento de política simbólica; 5) a imagem foca o lado temático e melodramático dos dramas nacionais.

Felisbela Lopes (2008) reflete sobre as emoções sob o olhar de António Damásio (2000:336): “Se o leitor tiver alguém que lhe conte duas histórias comparáveis, com igual número de factos e que apenas diferem porque numa delas alguns dos factos têm um elevado conteúdo emocional, o leitor lembrar-se-á de um número muito maior de pormenores da história emotiva do que da outra” (citado por Lopes, 2008, p.126).

Nos bastidores dos telejornais, Adelino Gomes (2012) recupera o defendido por Nuno Artur Silva, fundador das Produções Fictícias e Secretário de Estado do Cinema, Audiovisual e Media, que olhava para o jornalismo da TVI “como a continuação de um *reality-show* novelizado de fundo melodramático, sentimental e maniqueísta” (Gomes, 2012, p.86). Pedro Coelho (2021) também defende que a estratégia da “exploração das emoções e o colorido cenográfico que fabrica o espetáculo”, e que desencadeia “receitas de sucesso nos programas de entretenimento”, passou para o universo da informação, contaminando-o (p.167). É o chamado *infotainment*, isto é, “programas de informação televisiva baseados no conceito de entretenimento em vez de no informativo” e que se constitui simultaneamente como causa e consequência do fenómeno que norteia o panorama televisivo nacional: a concorrência entre as estações, guiada pelas audiências (Gomes, 2012, pp. 207-208).

Adelino Gomes (2012) observou, exatamente, os constrangimentos comerciais com que os editores se confrontam: há um “ritual diário de consulta sistemática e prioritária das audiências dos jornais televisivos da véspera” e as “percentagens de agrado ou desagrado” são apontadas como “guia das opções editoriais”; verifica-se um mesmo modelo relativo à “diversidade das vozes a distribuir pelo alinhamento do jornal, o qual

hierarquizava os conteúdos não necessariamente pela sua relevância editorial, mas pela ordem mais apropriada à captação de audiência e pela ordem presumida que a concorrência lhe iria atribuir”; o autor verificou também que os blocos de informação são alterados em função dos intervalos e daquilo que está a ser emitido pela concorrência (pp.323-324). Gomes (2012) constatou, junto de alguns jornalistas com preocupações de maior rigor ético, que a atividade de *zapping*¹⁷ leva as “redações, na ânsia de captar audiências, a fazer de uma imagem isolada «um contexto», isto é, a pintarem a realidade de cores diferentes das reais” (Gomes, 2012, p.325).

Torna-se claro que, em televisão, do ponto de vista jornalístico, aquilo que menos se vê é o que mais conta. Por detrás da ínfima parte da realidade que é transmitida, existe uma esfera organizacional em consonância “com uma engenharia de programação apta a acompanhar a imprevisibilidade daquilo que vai acontecendo e, por isso, com certas rotinas que asseguram alguma estabilidade no interior de uma corrente de informações” (Lopes, 2008, p.36). Importa discutir a linha editorial adotada, a cultura jornalística, a forma como se organiza a redação da TVI/CNN Portugal e as práticas profissionais e diárias que nela se realizam, bem como analisar a construção da emissão informativa, o olhar específico que nos dá e, sobretudo, o porquê.

1.3 Mediatização da política

No espaço público mediatizado contemporâneo, a comunicação política – o conjunto de processos e técnicas utilizados pelos atores políticos com o fim de influenciar a opinião pública – enquadra tanto as formas de expressão emanadas diretamente de instituições políticas como a sua mediatização, realizada pelo jornalismo, pela programação televisiva e radiofónica, pela publicidade ou pelas relações-públicas (Mesquita, 2004).

Mesquita (2004) recorre a Habermas (1984) para explicar a mudança de um *espaço público* para um *espaço público mediatizado*. A *esfera pública*, que desempenhava um papel de mediação entre o Estado e sociedade civil, “foi contaminada, através dos media, pela lógica de interesses particulares e transformou-se em instrumento de manipulação”. Na situação atual, podemos falar em “*espaço público mediatizado*, indissociável do funcionamento da comunicação social” (Mesquita, 2004, p.95). As sessões

¹⁷ “Termo usado com diferentes sentidos conforme os países e as áreas de estudo, fazer *zapping* tornou-se sinónimo (e é este o sentido que neste trabalho se lhe atribui) do ato de navegar por programas e canais, evitando a publicidade e outros conteúdos fora do interesse momentâneo do telespectador” (Gomes, 2012, p.393).

parlamentares, as campanhas eleitorais, as relações-públicas governamentais, municipais e locais, bem como a gestão mediática das sondagens e os inquéritos de opinião constituem a comunicação política (Mesquita, 2004).

Mário Mesquita¹⁸ (2004) explora o dispositivo de comunicação política através de Doumazane (1983), o criador do conceito. Este dispositivo tem intrínsecos uma série de elementos estruturadores da comunicação: 1) os atores, centrais no processo de comunicação (líder político); 2) os agentes, encarregues da mediação no processo de comunicação política (jornalista ou apresentador do comício); 3) o lugar a partir do qual se opera essa mediação (o palco de comício ou o estúdio de televisão); 4) a presença ou ausência do público.

Para complementar o dispositivo de Doumazane, Mesquita (2004) refere o contributo de Meunier e Peraya (1993), que realçam outros elementos possíveis de análise em termos da enunciação, nomeadamente, as palavras, as entoações, os gestos dos enunciadores, bem como os elementos de linguagem fotográfica ou cinematográfica que regulam a presença destes e as relações que estabelecem entre si.

Um impacto “global e sistémico”¹⁹. É assim que o secretário-geral da ONU, António Guterres, caracteriza as repercussões do conflito na Ucrânia. Após dois anos da invasão russa, a mediatização da guerra na Ucrânia pela Europa continua intensa, refletindo o impacto duradouro do conflito em vários setores. Na Conferência sobre a Recuperação da Ucrânia, realizada em Berlim em junho de 2024²⁰, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, anunciou um reforço da ajuda ao país; um apoio militar, humanitário e financeiro que ascende a quase 100 mil milhões de euros desde o início da guerra.

¹⁸ Jornalista, professor de jornalismo na Escola Superior de Comunicação social e vice-presidente do Conselho Regulador da Entidade Reguladora para a Comunicação Social. O livro de Mário Mesquita *O Quarto Equívoco O poder dos Media na Sociedade Contemporânea* (2004) resulta de 27 artigos de revistas especializadas, aulas, conferências e palestras que criticam e colocam em perspetiva as práticas e discursos do jornalismo, entre os anos 90 e o início deste século.

¹⁹ UNRIC. (n.d.). *O impacto global da guerra na Ucrânia*. ONU Portugal. Disponível em: [O impacto global da guerra na Ucrânia - Nações Unidas - ONU Portugal \(unric.org\)](https://unric.org/pt/impacto-global-da-guerra-na-ucrania)

²⁰ Comissão Europeia. (2024, junho 11). *UE reforça o apoio à recuperação da Ucrânia*. Comissão Europeia. Disponível em: https://commission.europa.eu/news/ue-reforca-o-apoio-recuperacao-da-ucrania-2024-06-11_pt

A cobertura mediática europeia também continua a acompanhar o sofrimento humanitário, com cerca de 40% da população ucraniana a precisar de ajuda. A ONU²¹ estimou que mais de 14 milhões de pessoas precisam de assistência em 2024, um aumento significativo em relação aos anos anteriores que reflete a deterioração das condições de vida no país.

Se por um lado os assuntos socioeconómicos da guerra na Ucrânia ganham palco no espaço público mediatizado ocidental, bem como na aplicação de políticas, verifica-se um enquadramento de confronto em torno dos atores políticos Vladimir Putin e Volodymyr Zelensky. E é sobretudo pelo foco nos líderes políticos, enquanto elemento fulcral no dispositivo de comunicação política, que a presente investigação ganha destaque: pelas narrativas que constroem, pela forma como se apresentam, e, sobretudo, pelo que se escolhe realçar e enquadrar na cobertura da CNN Portugal.

1.3.1 Um enquadramento de confronto

Shanto Iyengar (1991) examinou a influência dos noticiários televisivos, nomeadamente dos canais ABC, NBC e CBS, relativamente à forma como as pessoas atribuem responsabilidade política e formam opiniões e atitudes políticas. Iyengar (1991) analisa como são abordados os problemas de segurança (crime, terrorismo), problemas de bem-estar (pobreza, desemprego, desigualdade racial), entre outros.

O autor defende que os membros da audiência se envolvem no mesmo processo de raciocínio que os produtores de notícias televisivas e que não têm (nem querem) muito conhecimento factual sobre um acontecimento. Antes, querem simplificação, de modo a reduzir questões políticas a questões de responsabilização. Iyengar (1991) considera que a responsabilização política é atribuída através dos seguintes formatos: 1) a forma como se apresentam as pessoas, como vítimas ou perpetuadoras de problemas sociais; 2) a adoção de um enfoque político específico, por exemplo, enfatizando a forma como as ações das autoridades responsáveis estão a cumprir os objetivos políticos; 3) ou, em alternativa, detendo-se decisões controversas das autoridades.

Iyengar (1991) afirma que as notícias televisivas são apresentadas de duas formas: *frames* episódicos (contexto de um evento específico) ou *frames* temáticos (relativos a uma questão geral). O autor observou que o *frame* episódico, especialmente no que diz

²¹ ONU Portugal. (n.d.). *2 anos de conflito na Ucrânia: 40% da população precisa de ajuda*. UNRIC. Disponível em: <https://unric.org/pt/2-anos-de-conflito-na-ucrania-40-da-populacao-precisa-de-ajuda>.

respeito a problemas de segurança, domina os noticiários televisivos. Este tipo de enquadramento leva as pessoas a olharem a responsabilização em termos individualistas – um único problema, uma única questão, uma única responsabilidade individual, uma única solução imediata – ao invés de se ter em conta forças e problemas sociais mais amplos, compreendidos através de uma lente ideológica consistente.

Diretamente relacionado com a noção de *frame* episódico de Iyengar (1991), Aalberg, Strömbäck e Vreese (2012) olham a mediatização da política através de um enquadramento estratégico²² que privilegia um quadro de jogo²³ em detrimento de um quadro temático²⁴, onde se realçam “interpretações dos motivos das ações e das posições dos candidatos ou partidos, as suas estratégias e táticas para alcançar objetivos políticos, como é que fazem campanha e as escolhas relativas à liderança e integridade, incluindo características pessoais” (p.172).

Ao focar mais o quadro de jogo e os indivíduos de elite ou grupos políticos que nele atuam, o enquadramento estratégico torna o interesse próprio desses atores mais saliente e deprime o conhecimento sobre a substância das matérias políticas. Perceber se a cobertura da TVI/CNN Portugal vive deste tipo de enquadramento poderá fornecer tendências sobre o tipo de escrutínio realizado aos atores políticos Putin e Zelensky e sobre o próprio exercício crítico de debate em relação às questões internacionais atuais.

O enquadramento estratégico da política torna-se atrativo para os jornalistas porque se integra no foco duradouro do jornalismo no drama, no conflito e na negatividade e envolve indivíduos de elite ou grupos políticos, o que reflete a tendência jornalística da personalização. Além disso, o foco no jogo estratégico proporciona aos repórteres a atualidade e a novidade de que necessitam para o seu material noticioso diário, exige

²² Alguns estudos notam que este tipo de enquadramento “aumenta a desconfiança e o cinismo político ou tem um efeito negativo na aquisição de conhecimentos dos cidadãos” (Cappella e Jamieson, 1997, citados por Aalberg, Strömbäck e Vreese, 2012, p.163). Outros sugerem que pode “aumentar o interesse público na política, oferecer informações úteis adicionais ou que não deprimam a participação política” (Iyengar et al, 2004; Irwin e Van Holsteyn, 2008; De Vreese e Semetko, 2002; citados por Aalberg, Strömbäck e Vreese, 2012, p.163).

²³ Este quadro é definido por “histórias sobre ganhar ou perder em eleições legislativas, debates ou política em geral, estratégias para vencer e histórias sobre como os próprios políticos ou partidos são afetados pelos processos políticos” (Aalberg, Strömbäck e Vreese, 2012, p.168).

²⁴ É definido como “histórias sobre problemas e soluções políticas, descrições das posições políticas dos políticos e implicações de diferentes propostas ou legislações” (Aalberg, Strömbäck e Vreese, 2012, p.168).

menos recursos do que a investigação política e permite aos jornalistas produzirem as histórias dentro dos prazos (Aalberg, Strömbäck e Vreese, 2012).

A especificidade deste enquadramento denota a natureza interpretativa do jornalismo, visto que os próprios jornalistas consideram que a sua função é descobrir as estratégias políticas, mas também realça uma forma de defesa dos profissionais: “ao concentrarem-se nos aspetos estratégicos do jogo político, os repórteres mantêm uma postura aparente de independência e objetividade” (Aalberg, Strömbäck e Vreese, 2012, p. 164).

1.3.2 De palavras dadas com o poder

Em *A Ordem do Discurso*, Michel Foucault²⁵ (1970) associa o discurso à legitimação de poderes. A produção do discurso pressupõe uma seleção, uma organização e uma redistribuição através de “procedimentos que têm por função conjurar os seus poderes” (pp.8-9). Segundo o autor, o discurso não encerra somente a tradução das lutas ou dos sistemas de dominação, mas “aquilo pelo que se luta, o poder do qual nos podemos apoderar” (p.10).

Para Michel Foucault (1970), em todas as sociedades há narrativas maiores que se contam, se repetem e que variam; existem “os discursos que se dizem (...) e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles” (pp.21-22). Ora, o comentário, apesar de poder dizer algo além do texto primário, não tem outro papel senão o de dizer e realizar “o que já estava articulado silenciosamente no texto primeiro” (pp.25-26).

Os próprios jornalistas, na tradução e reprodução de discursos, poderão estar a focalizar uma determinada doutrina ao invés de outra e, portanto, a destacar um determinado foco e autor político e, de certa forma, a reproduzi-lo e a realizá-lo.

Nas “sociedades de discurso (...) o número dos indivíduos que falavam tendia a ser limitado; e só entre eles o discurso podia circular e ser transmitido. A doutrina, ao contrário, tende a difundir-se; e é pela partilha de um só e mesmo conjunto de discursos que indivíduos, tão numerosos quanto se queira imaginar, definem a sua pertença recíproca” (Foucault, 1970, pp.41-42). Foucault (1970) considera ainda que o autor é o

²⁵ Michel Foucault foi professor no célebre Collège de France, filósofo, historiador, teórico social e crítico literário. As suas teorias exploram a relação entre o conhecimento e o poder e o controlo realizado pelas instituições sociais.

“princípio de agrupamento do discurso”, a “unidade e origem das suas significações”, o “foco da sua coerência” (p.26).

Na conceção de Foucault (1970), a doutrina serve de manifestação e de instrumento de pertença prévia “de classe, de *status* social ou de raça, de nacionalidade ou de interesse, de luta, de revolta, de resistência ou de aceitação” (p.43). Desse modo, os indivíduos ligam-se a uma determinada doutrina, a certos tipos de enunciação, e desligam-se de outros ou nem chegam a ter-lhes acesso.

O filósofo francês destaca, precisamente, os procedimentos de exclusão do discurso, nomeadamente, aquilo que está interdito²⁶: “Não se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar de tudo em qualquer circunstância (...) qualquer um não pode falar de qualquer coisa” (Foucault, 1970, p.9). Existe também a separação e a rejeição relativamente aos discursos que circulam e se impõem na sociedade. A própria vontade de verdade, isto é, o “modo como o saber é aplicado numa sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído”, reitera a exclusão, tendo em conta a natural separação entre aquilo que é verdadeiro e falso (p.17).

Essa seleção dos discursos que circulam e se impõem na sociedade leva-nos a um dado de particular interesse fornecido por Noelle-Neumann (1974, citado por Lopes, 2008), que tem que ver com o facto de os meios de comunicação social operarem em espiral²⁷, ou seja, centrarem-se nas opiniões (que se julgam ser) dominantes, deixando nas margens (no silêncio) aqueles e/ou aquilo que não têm acesso ao discurso mediático. Assim sendo, Lopes (2008) entende que “o acervo de conhecimentos que circula no discurso mediático poderá não ser assim tão diversificado ou igualitário como se julgará” (p.54).

Também Gaye Tuchman (1978) concebe as notícias como um reproduzidor do *status quo* – o estado atual das coisas. A autora explica como as organizações noticiosas lançam

²⁶ Foucault (1970) menciona três tipos de interdições – o tabu do objeto, o ritual da circunstância e o direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala – e destaca as regiões onde a “grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam” (p.9): a sexualidade e a política; o autor considera que não se deve imaginar um não-dito ou um impensado que se deveria articular ou pensar, pelo que é preciso olhar os discursos enquanto “práticas descontínuas, que se cruzam, mas também se ignoram ou se excluem” (pp.52-53).

²⁷ Noelle-Neumann defende que há uma tendência de nos aproximarmos daquilo que se pensa ser a opinião maioritária em determinado momento. Os media, ao reproduzirem a ordem dominante, seriam um meio de o indivíduo evitar o isolamento social. Com base nestes argumentos, Neumann (1974) constrói a teoria da *espiral do silêncio*, que assinala, mais uma vez, a força dos meios de comunicação na promoção da coesão social (citado por Lopes, 2008).

uma “rede de notícias²⁸” que se assemelha estreitamente à distribuição de poder na sociedade e reflete sobre a forma como as atividades das instituições legitimadas e as necessidades organizacionais do trabalho jornalístico se cruzam: os jornalistas verificam afirmações factuais, procuram provas de apoio, atribuem todas as declarações avaliativas a fontes e confiam em fontes oficiais. Para Tuchman (1978), os repórteres “criam e controlam a controvérsia” (p. 91) e legitimam as instituições dominantes e os indivíduos dominantes dentro delas, enquanto adotam as reivindicações e maneirismos da objetividade.

Estando nós do lado ocidental do conflito, o enquadramento negativo de Vladimir Putin e da sua política de guerra – vista como uma clara violação dos princípios da ONU²⁹ – materializa-se enquanto opinião dominante na mediação da guerra na Ucrânia. Por outro lado, a jornalista de internacional da TVI/CNN Portugal, Carla Rodrigues, afirma que “(...) foi pela forma como reagiu à ofensiva que Zelensky se deu a conhecer ao mundo. E foi assim que o mundo lhe ganhou respeito. Como é que um homem cómico, um antigo ator, revelou tamanha capacidade política e intelectual de se fazer mostrar e de fazer acreditar na causa ucraniana.”

Analisar o enquadramento discursivo de Putin e de Zelensky na cobertura da CNN Portugal, à luz do legado de Michel Foucault, revela-se fulcral na presente investigação, já que permite investigar como as narrativas em torno destes líderes são construídas e as eventuais implicações na legitimação do poder destas personagens jornalísticas, que também advém, como o nome indica, daquilo que é reproduzido pelos jornalistas.

1.3.3 Uma encenação consciente

O conceito de personagem jornalística merece destaque na presente investigação sobretudo para refletir e averiguar o processo de construção das personagens (neste caso, Putin e Zelensky) resultante do trabalho de criatividade e pesquisa do jornalista. Tal facto atribui ao profissional grande responsabilidade relativamente aos deveres de exatidão, “assegurada através da crítica dos documentos e do cotejo das fontes”; autonomia, que se estabelece “perante gabinetes destinados a moldar os perfis das figuras públicas, visto que

²⁸ A “rede de notícias”, segundo Tuchman (1978), é “destinada a peixes grandes” (p. 21), ou seja, identifica as instituições legitimadas como pontos de recolha de informação porque é aí que se pode esperar encontrar importantes fontes de notícias (fontes oficiais).

²⁹ Nações Unidas. (2024, 14 de setembro). *Escritório dos Direitos Humanos pede corredor humanitário em Nagorno-Karabakh e protecção de civis na Ucrânia*. ONU News. Disponível em: [Invasão russa na Ucrânia viola da Carta da ONU, afirma Guterres | ONU News](#)

geralmente o jornalista opera sobre outros discursos e não só através do inquirido e da observação direta”; autenticidade, que visa o “reconhecimento da componente criativa na construção das personagens jornalísticas”; e, por fim, a subjetivação, que foca “a personagem como uma interpretação e uma construção e não como uma ilusão referencial” (Mesquita, 2004, pp.140-141).

Para Mário Mesquita (2004), “a política é espetáculo, encenação, dramatização” (p.100). Construído como um *show*, o telejornal concretiza esse espetáculo. Os programas de debate e de grande entrevista, articulando imagem e palavra, colocam em cena interlocutores que expõem pontos de vista sobre determinadas temáticas, cuja performance, “concretizada no discurso, na retórica do corpo e na encenação inerente a qualquer interação conversacional”, se caracteriza por uma certa componente espetacular (Lopes, 2008, p.36).

Elemento central nas narrativas mediáticas, a personagem jornalística³⁰ também é estruturante do próprio sistema político. Os atores políticos têm presente que é através daquilo que se diz e daquilo que se mostra que a ação política se constrói: “as dimensões escritas, icônicas e sonoras da construção da personagem jornalística são essenciais na perspectiva da estruturação dos campos da política” (Mesquita, 2004, p.138). O aparecer em público (ou, melhor, parecer em público) assume relevância no processo de mediação dos atores políticos Putin e Zelensky, porque corresponde a uma forma de ação, realização e afirmação de valores e visões do mundo, pelo que a personagem jornalística está associada a um lugar ideologicamente marcado.

No que diz respeito à representação dos autores do discurso, Foucault (1970) faz alusão a uma espécie de ritual que os indivíduos que falam devem possuir. Esse ritual define “os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso”, porque é a partir desse conjunto articulado que se realiza “a eficácia suposta ou imposta das palavras, o seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem” e os “limites do seu valor de coerção” (Foucault, 1970, p.30).

1.3.4 Jornalista e *spin doctor*: uma relação simbiótica?

No trabalho de seleção e construção noticiosas, os jornalistas têm consciência do trabalho de assessoria por detrás de Putin e Zelensky? Como é que os jornalistas

³⁰ A personagem jornalística distingue-se da personagem de ficção porque remete para um referente, isto é, “enuncia-se como a representação de uma pessoa existente no real” (Mesquita, 2004, p.111).

contornam as motivações de propaganda latentes e o que é que está por detrás de certo ângulo noticioso?

Caroline Fisher (2013) debruçou-se sobre a análise dos estereótipos relativos aos jornalistas e aos assessores de comunicação. De um lado está o jornalista, a desempenhar o seu papel de *watchdog*³¹, cuja identidade profissional está atrelada ao seu papel na democracia de servir os ideais da verdade, justiça, do escrutínio, de responsabilização das instituições de poder e da informação de interesse público. Do outro, está o *maquiavélico spin doctor*, que recorre muitas vezes a táticas moralmente duvidosas de mentira, manipulação, controlo da informação e persuasão, cuja principal finalidade é a defesa do interesse do cliente, apresentando-o sob uma luz favorável (Sanders, 2009). Assim, está implícita uma visão das relações-públicas e do jornalismo enquanto duas dimensões eticamente opostas, na medida em que “as suas motivações profissionais são antitéticas” (Moloney, 2006, p.162).

Por outro lado, Fisher (2013) verificou que os estereótipos associados ao jornalista e ao *spin doctor* não refletem a realidade mais complexa dos dois papéis. A autora baseou-se nas reflexões de 21 repórteres que trabalharam como jornalistas e assessores de media parlamentares e, ao contrário do retrato simplista de oposição, as respostas dos entrevistados mostraram que o jornalismo e a assessoria “partilham competências, objetivos e valores semelhantes” (Fisher, 2013, p.8).

Scott, um dos entrevistados, indicou que ambos os papéis pressupõem a pesquisa e redação de informações, trabalhar dentro de prazos e a construção de contactos. Outra habilidade compartilhada entre o jornalismo e a assessoria é a necessidade de um forte sentido noticioso: no cargo de assessor, para “saber que história vale a pena apresentar a um jornalista”; no cargo de jornalista, “para saber que história apresentar ao chefe de gabinete” (Fisher, 2013, pp.8-9). Um sentido noticioso apurado ajuda também o *spin doctor* a saber que “histórias podem causar problemas se chegarem aos meios de comunicação social e planear como lidar com elas caso isso aconteça” (Fisher, 2013, pp.8-9).

³¹ Na obra *The Sociology of News*, Michael Schudson (2003) discute o papel do jornalismo na sociedade, destacando a função de *watchdog*, em que o jornalista atua como um “cão de guarda” democrático que fiscaliza as instituições. O caso Watergate é um exemplo emblemático de combate à corrupção; resultou do trabalho de investigação de jornalistas do *Washington Post* e levou à renúncia do presidente Richard Nixon em 1974.

Alguns dos entrevistados consideram que “os jornalistas também procuram persuadir o público ao procurar o ângulo mais interessante” (Fisher, 2013, p.10). O entrevistado “Adam” (nome anónimo) considera que o jornalista e o assessor desempenham praticamente a mesma tarefa: “um secretário que escreve um comunicado de imprensa, apresentando uma determinada posição política de uma forma particular, é menos jornalístico do que uma pessoa que lê esse comunicado de imprensa, vai à conferência, vê o ângulo mais vendável e, em seguida, apresenta isso no jornal no dia seguinte?” (Fisher, 2013, p.10). No mesmo sentido, Andrew Fraser, com uma longa carreira no jornalismo impresso, apresentou o argumento irónico que dá aos seus colegas quando estes descrevem os profissionais da assessoria como manipuladores: “Ah, nunca temos um ângulo sobre nada, não é? Somos sempre tão diretos...” (Fisher, 2013, p.10).

Recorrendo à dualidade *reportagem advocacy* e *reportagem objetiva* proposta por Janowitz (1975), verifica-se nos testemunhos do estudo de Fisher (2013) um conflito ético dentro do próprio jornalismo, isto é, uma tensão entre os “repórteres de defesa que confundem o interesse público com os interesses daqueles que defendem através das suas histórias” e, por outro lado, os “jornalistas objetivos que não são influenciados por interesses especiais enquanto cumprem o seu papel de informante” (Fisher, 2013, p.11).

Interessa também perceber se a cobertura da TVI/CNN Portugal, ao enquadrar estes atores, não estará meramente a replicar o que é feito pela CNN “mãe” – a CNN Internacional – e por outras fontes internacionais e agências noticiosas. Assim, torna-se pertinente examinar o reenquadramento dessas informações, até porque as fontes determinam em grande parte o tipo de enquadramento noticioso realizado e, por isso, a reprodução e legitimação de posições e ações políticas.

Capítulo II

A experiência de estágio na TVI/CNN Portugal

“O que dá o verdadeiro sentido ao encontro é a busca, e é preciso andar muito para se alcançar o que está perto.”

José Saramago, 1997

2.1 Dois canais, uma redação: a TVI e a CNN Portugal

A TVI de hoje é um canal com notoriedade no espaço mediático português. Passados cinco anos, ultrapassou a SIC em fevereiro de 2024 e voltou a ser líder de audiências³² em Portugal. Mas o início da estação de Queluz de Baixo foi conturbado.

A TVI nasce a 20 de fevereiro de 1993 e logo no primeiro ano de atividade revela um prejuízo de cerca de 25 milhões de euros. Os falhanços comerciais aliados às baixas audiências motivadas pela baixa qualidade da programação levaram os acionistas ligados à Igreja Católica a abandonar o projeto logo em 1996, com quebras no lucro a chegarem aos 30 milhões de euros (Ferreira et al., 2011).

Em 1998, José Eduardo Moniz assume o cargo de diretor-geral. A partir daqui tudo muda. A aposta em programas de entretenimento como *Reis da Música Nacional* ou *Ri-te, Ri-te* elevaram a TVI a uma possível rival da RTP e da SIC, mas foi o futebol e a informação que levaram o canal a captar a atenção dos telespectadores (Lopes, 2000).

José Eduardo Moniz apostou em produções portuguesas, particularmente na ficção. 2000 é o ano da grande reviravolta. A TVI chega à liderança com o reality show *do Big Brother*. Com ele nasceu “uma nova forma de fazer televisão” (Ferreira, Reis, & Santos, 2011, p.9).

³² Desde fevereiro de 2024, a TVI tem vindo a reforçar a sua liderança. Na informação, o TVI Jornal e o Jornal Nacional continuam a crescer e a CNN Portugal é o canal de informação preferido dos portugueses. Disponível em: [Cinco anos depois, TVI ultrapassa a SIC e volta a ser líder de audiências | Televisão PÚBLICO \(publico.pt\)](#); [TVI reforça liderança. CNN Portugal é o canal de informação preferido dos portugueses - CNN Portugal \(iol.pt\)](#).

A informação da TVI também ganhou novas nuances. Tornou-se mais popular e próxima do novo posicionamento da empresa. A política editorial passou a estar virada para a vida quotidiana e o cidadão comum, numa abordagem informacional pautada pelo registo mais emotivo (Lopes, 2007). Um dos exemplos mais notórios dessa mudança de paradigma foi o polémico pontapé dado por um concorrente do *Big Brother* a uma colega, no dia 18 de outubro de 2000. No dia seguinte, o TVI Jornal deu grande destaque a este caso e o concorrente foi a estúdio para uma entrevista no Jornal Nacional. Um incidente que se sobrepôs à recandidatura de Jorge Sampaio como Presidente da República (Lopes, 2007).

Esta mudança na grelha teve efeito nas audiências. A TVI alcançou, em 2001, o topo das audimetrias no horário nobre. Com o objetivo de liderar os outros horários, o diretor-geral continuou a apostar na ficção nacional: *Morangos com Açúcar*, *Saber Amar*, o programa infantil *Batatoon* e novas edições do *Big Brother*. Numa tendência crescente de audiências, em 2005 a TVI passa a ser líder diária (Ferreira, Reis, & Santos, 2011).

Na informação, a grande mudança acontece a 26 de fevereiro de 2009: a TVI estreia-se no desafio de informar o público 24h por dia com a criação da TVI24³³, que se tornou o terceiro canal de notícias em Portugal, juntando-se aos já existentes SIC Notícias (2001) e RTPN (2004), a atual RTP3.

A programação da TVI24, além dos noticiários transmitidos ao longo do dia, não esquecendo a transmissão simultânea do *Jornal da Uma* (atual *TVI Jornal*) e do *Jornal das 8* (atual *Jornal Nacional*) da TVI generalista, oferecia ainda outros conteúdos jornalísticos de diferentes áreas: no desporto, o programa *Prolongamento*; o segmento de cinema, com o *Cinebox*; a *Circulatura do Quadrado* (espaço de debates, agora com o nome de *O Princípio da Incerteza*); a *Mesa Nacional*, dedicado à gastronomia; ou por exemplo o GTI+, que continua a ser emitido.

É a 22 de novembro de 2021 que se dá a mais recente e grande mudança na informação da TVI. Foi para o ar a primeira emissão do Jornal da CNN, às 21h, aos comandos de Judite Sousa. “A TVI24 acaba, a CNN é outra coisa”. Foi assim que Nuno Santos

³³ Em fevereiro de 2011, a TVI24 lançou uma app para iPad, iPhone e iPod Touch e tornou-se no primeiro canal televisivo português a fazê-lo. Disponível em: [TVI24 é o primeiro canal de notícias com app para iPad - Mediacapital](#)

descreveu a chegada da marca a Portugal³⁴. Para o diretor de informação da TVI e da CNN Portugal, além das contratações para o novo canal, a CNN veio preencher lacunas na TVI. Desde logo, pelo acesso a informações de todo o globo e pelo cunho jornalístico próprio da CNN³⁵.

A integração da marca CNN em Portugal mereceu um intensivo processo de recrutamento nacional pela Media Capital, de 26 de julho a 31 de agosto. Chegaram a Queluz de Baixo mais de 4 mil candidaturas em cerca de um mês e apenas foram aceites 50 novos profissionais. A CNN quis trazer novas caras ao canal, mas fez regressar outras bem conhecidas dos portugueses, como Judite de Sousa e Júlio Magalhães. Uma das grandes mudanças foi a contratação de uma vasta lista de comentadores de diferentes áreas (política, economia, saúde, justiça, desporto, assuntos internacionais, entre outros) e a aposta em correspondentes internacionais, sobretudo nos correspondentes Pedro Moreira (Bruxelas)³⁶, Luís Costa Ribas (Estados Unidos), Óscar Cordeiro (Reino Unido), Stefanie Palma (França) e Henry Galsky (Israel). O jornalista Sérgio Furtado é o enviado especial de eleição para cobrir os acontecimentos na Ucrânia.

O início das transmissões da CNN em Portugal implicou um grande investimento e preparação. Além da requalificação de alguns espaços³⁷, como a régie do estúdio que pertencia ao entretenimento, foi feita uma vasta formação a pivôs, repórteres e técnicos, com o objetivo de preparar os profissionais para o novo estilo de informação CNN. De Nova Iorque a Londres, essa formação foi feita por equipas da CNN de várias partes do mundo onde a marca tem filiais.

³⁴ A marca CNN chegou a Portugal no dia 24 de maio de 2021, através de um acordo de licenciamento entre o grupo Media Capital e a Warner Media, a empresa proprietária da CNN. O site do canal foi lançado a 26 de junho de 2021, enquanto se dava o processo de recrutamento de novos profissionais para integrarem a equipa da CNN Portugal.

³⁵ Em 1980, o empresário Ted Turner lançava o primeiro canal televisivo a oferecer conteúdo jornalístico 24 horas por dia nos Estados Unidos: a Cable News Network (CNN). Cinco anos depois, foi criada a CNN Internacional, uma rede noticiosa que juntou cinco canais da marca CNN, agregando informações provenientes de diferentes partes do mundo: CNN Internacional Europa/Médio Oriente/África; CNN Internacional Ásia-Pacífico; CNN Internacional Ásia Sul; CNN América Latina e CNN Internacional América do Norte.

³⁶ À data da experiência de estágio e da respetiva análise dos jornais, ainda era Pedro Moreira o correspondente europeu. Entretanto, o jornalista António Assis Teixeira assumiu o cargo.

³⁷ Várias alterações tiveram de ser feitas nas instalações de Queluz de Baixo, nomeadamente a transferência dos estúdios do entretenimento (*Dois à Dez* e *Goucha*) para Bucelas, onde se encontram os estúdios da Plural. Essa alteração permitiu dar lugar ao novo estúdio de informação da CNN que conta com cerca de 600m² e sete cenários, sendo o maior estúdio de informação em Portugal.

Para Jorge Nuno Oliveira, coordenador da formação CNN Portugal, este processo foi um dos “projetos de formação mais ambiciosos, mais abrangentes, mais vastos que alguma vez se fizeram no âmbito da comunicação social em Portugal”. Além da aposta no internacional e nos espaços de comentário mais extensos, Joaquim Sousa Martins, subdiretor de informação da TVI e um dos formadores aquando da integração da marca em Portugal, dá conta desta nova forma de se fazer jornalismo e de se produzirem conteúdos, marcada pelo registo mais imediato, a privilegiar o direto na programação: “não há problema nenhum em fazer diretos curtos e muito focados naquilo que eu quero dizer, isso é o fundamental³⁸” (CNN Portugal, 2021).

2.1.1 Prioridade informativa da CNN e aproximações com a TVI

Apesar de a CNN dispor de uma ampla gama de conteúdo internacional, é importante destacar que o seu público-alvo principal é o falante da língua portuguesa, o que confere significativa relevância às notícias de interesse nacional nos noticiários.

Tal aspeto foi pontuado na deliberação da ERC (Entidade Reguladora para a Comunicação Social), referente ao pedido de alteração do nome da TVI24 para CNN Portugal. A mencionada deliberação³⁹ enfatizou a “projeção de uma marca internacional”, destacando a inovação no projeto informativo sem negligenciar os interesses da audiência nacional. A CNN Portugal evidencia, por isso, uma forte componente internacional, tanto pela forma como as notícias são produzidas, como do ponto de vista dos conteúdos⁴⁰, mas também dedica um espaço considerável aos assuntos nacionais.

Estes factos foram observáveis durante o período de estágio. As eleições legislativas de 10 de março de 2024, o caso de corrupção do Governo Regional da Madeira⁴¹ ou a

³⁸ Disponível em: [CNN Portugal | A CNN Portugal está em todas as frentes para a construção do maior projeto de informação do país. Estão a decorrer várias sessões de... | Instagram.](#)

³⁹ Entidade Reguladora para a Comunicação Social [ERC]. (22 de setembro de 2021). Deliberação ERC 2021/267. Alteração de denominação e projeto da TVI24 para CNN Portugal. Disponível em [deliberacao-erc2021267-aut-tv.](#)

⁴⁰ O ponto 13.º da deliberação da ERC dá conta da relação da CNN Portugal com os conteúdos internacionais, que não se esgota no cariz político, visto que há também uma aposta nas áreas das artes e do lazer. Outro fator relevante é o acesso privilegiado da CNN Portugal aos conteúdos produzidos pela CNN Internacional, o que enriquece a sua oferta informativa e estabelece uma ligação direta com os acontecimentos de alcance global.

⁴¹ Os presidentes do Governo Regional da Madeira e da Câmara do Funchal foram dados como suspeitos de corrupção. Ambos foram alvo de buscas numa megaoperação da PJ, que passou também pelo maior grupo de construção da Madeira.

polémica a envolver o jornalista Júlio Magalhães⁴² tiveram uma cobertura privilegiada por parte da CNN Portugal e mesmo os programas do *Prime Time* e *CNN Meia Noite* – que priorizam os assuntos internacionais – viram muitas vezes o seu alinhamento dedicado exclusivamente a estes acontecimentos.

No que concerne à prioridade informativa, é importante ressaltar que a CNN Portugal adota uma abordagem digital robusta, alinhada com a política editorial do “*digital first*”. Nesse sentido, o departamento do *online*⁴³ é o primeiro a receber e distribuir as informações, inclusive alimentando o *ticker*⁴⁴ para os noticiários tanto da CNN quanto da TVI. Devido à ampla oferta de serviços informativos, há uma priorização para que os conteúdos sejam veiculados primeiramente pela CNN Portugal.

Contudo, é observável na redação um cuidado especial com programas-chave da TVI, como o *TVI Jornal* e o *Jornal Nacional*, especialmente quando há sobreposição de serviços noticiosos entre a TVI e a CNN. Esses programas representam a montra da TVI, pelo que merecerem uma atenção particular por parte da redação.

A decisão da CNN Portugal de privilegiar comentários, análises e transmissões ao vivo sobre os temas em destaque resulta numa seleção mais criteriosa⁴⁵ de tópicos para inclusão na programação. Apesar da diversidade de temas ser menor na CNN Portugal, esta abordagem proporciona um tempo de cobertura mais aprofundado para cada assunto. O que não deixa de significar a existência de uma repetição de ideias e assuntos, quer seja pelo facto de os conteúdos informativos se repetirem muitas vezes, quer seja pelos espaços de entrevista/comentário não acrescentarem nada de novo ou de grande valor substancial àquilo que foi abordado anteriormente.

⁴² Em causa estava o alegado envolvimento do jornalista num desfalque de 40 milhões de euros de fundos europeus a 14 projetos na área do têxtil entre 2015 e 2020.

⁴³ Para além dos sites da TVI e da CNN Portugal, a equipa do online é também responsável pela aplicação CNN Portugal, redes sociais, *newsletter*, rubricas multimédia e *podcasts*.

⁴⁴ Texto em rodapé que passa nos noticiários. Diz respeito à barra de informações em constante movimento, na parte inferior ou superior do ecrã de televisão ou de um site de notícias. Aparece também noutros programas para dar informações ou notícias de última hora.

⁴⁵ Sendo a TVI um canal generalista, tende a dedicar mais espaço a anúncios publicitários do que um canal estritamente noticioso, como a CNN. Isso resulta numa disponibilidade menor de tempo para o noticiário, o que influencia na seleção e destaque das notícias, priorizando as de interesse nacional. Consequentemente, a TVI, com uma quantidade menor de noticiários, naturalmente oferece menos conteúdo internacional.

2.1.2 Hierarquias e organização da redação

Desde a direção às editorias, todos estão em sintonia. As equipas da TVI e da CNN partilham a mesma redação e os mesmos recursos que nela existem. Numa lógica de *convergência*, que diz respeito ao “fluxo de conteúdo através de múltiplas plataformas de media, uma cooperação entre múltiplas indústrias (...) e um comportamento migratório de audiências de media” (Jenkins, 2006, p.2), o ambiente jornalístico que se vive naquela redação, de azáfama e instantaneidade informativa (como obriga o compromisso de 24 horas de informação e de conteúdos multiplataforma), resulta numa complementaridade e realidade de trabalho que denotam a *convergência empresarial*, a *convergência profissional* e a *convergência de conteúdos* (Salaverría, 2010).

Relativamente à *convergência empresarial* e à *convergência de conteúdos*, face aos desafios e exigências associados às tecnologias digitais, as empresas de media precisam de se ajustar e criar modelos de produção e difusão multiplataforma; expandem-se para sites e redes sociais e coordenam vários meios aos mesmo tempo para dar resposta à necessidade de informação, especialmente durante eventos como eleições e grandes acontecimentos desportivos e culturais (Salaverría, 2010).

Para isso, otimizam-se recursos humanos, técnicos e o espaço físico para responder às mudanças. Estas convergências têm a vantagem de diversificar o risco empresarial e expandir novos setores de crescimento potencial (Salaverría et al., 2010). As empresas também podem explorar sinergias em publicidade, produção, documentação, distribuição e promoção. Daí que seja comum a criação de *joint ventures*, isto é, a união de duas ou mais empresas para formar alianças estratégicas, como é o caso da Media Capital e da CNN Internacional.

Ao nível dos recursos humanos, assiste-se, portanto, a uma constante adaptação a novas aptidões. Os profissionais tornam-se polivalentes e assumem diversas funções, podendo até trabalhar para múltiplos meios simultaneamente dentro da mesma empresa. Denota-se também um afastamento do jornalismo especializado, permitindo ao jornalista abordar qualquer tema atual.

Começando pelo topo da hierarquia, a direção da informação da TVI/CNN Portugal, liderada por Nuno Santos, conta também com Frederico Roque de Pinho no cargo de Diretor-executivo de Televisão e Pedro Santos Guerreiro como Diretor-executivo do Digital e Estratégia. Ainda na direção estão Joaquim Sousa Martins (subdiretor de

Eventos especiais, Meios e Comunicação Interna), Raquel Matos Cruz (subdiretora de Conteúdos e Planeamento) e Paula Oliveira (subdiretora Operacional e de Convergência).

Na edição-geral, Raquel Mato Cruz também marca presença, assim como José Carlos Araújo, Paulo Magalhães, Pedro Pinheiro e Rui Loura. O cargo de editor-chefe pertence a Hugo Matias. De notar ainda que cada programa da CNN Portugal conta com um editor-geral, um editor-executivo e um coordenador, que varia a cada programa. Este coordenador é responsável por selecionar, priorizar e mobilizar as equipas de reportagem.

A TVI/CNN Portugal tem cinco editorias e uma equipa dedicada à investigação⁴⁶. À frente da editoria de sociedade⁴⁷ estão os editores Henrique Machado e Ana Candeias; na política nacional, as jornalistas Carla Moita e Beatriz Jálon; Vasco Rosendo e Isabel Santos são os editores de economia; no desporto, Rui Loura e Pedro da Silva Rosmaninho; finalmente, a política internacional tem como editores Hugo Capela e Hugo Beleza.

Este modelo híbrido, em que a redação trabalha para os dois canais, já se verificava antes com a TVI24 e com a TVI. Esta partilha é sobretudo notória na relação direta entre o *desk* da TVI/CNN e a editoria de política internacional⁴⁸, a única que, à data da realização do presente trabalho, tinha lugar no piso inferior da redação, onde se encontram também as secções do *online* e do *desk*.

Esta organização redatorial tem razão de ser. Além da centralidade do *online* no fluxo informativo, o *desk* alimenta grande parte do trabalho realizado nesta editoria. As peças jornalísticas realizadas pela equipa do internacional são, muitas vezes, um produto do trabalho realizado pelos jornalistas do *desk*. Reutilizam-se os *off's*⁴⁹ e *vivos*⁵⁰ que vêm desta secção para melhor contextualizar o telespectador sobre os acontecimentos internacionais⁵¹ que marcaram o dia. É também por isso que há uma maior presença de

⁴⁶ Diz respeito ao *Exclusivo* e a equipa é liderada pela jornalista Sandra Felgueiras.

⁴⁷ Temas como a cultura, justiça, educação, saúde, defesa, segurança e outros assuntos de interesse público são trabalhados nesta editoria.

⁴⁸ Uma equipa composta pelos jornalistas Rolando Santos, Sérgio Furtado, Helena Lins, Carla Rodrigues, Inês Gonçalves, António Oliveira e Silva, Miguel Cabral de Melo e Sandra Azevedo.

⁴⁹ Um *off* é uma notícia narrada exclusivamente pelo jornalista e tem a duração de 30 segundos até um minuto.

⁵⁰ Os *vivos* são breves declarações/excertos de discursos de figuras jornalisticamente relevantes, com uma duração máxima de 45 segundos.

⁵¹ As informações sobre aquilo que acontece no mundo chegam à CNN Portugal, sobretudo, através das agências de notícias *Reuters*, *Associated Press* e *Newssource* (a base de dados da CNN Internacional).

notícias com reações⁵² no noticiário do *CNN Meia Noite*, comparativamente ao *Agora CNN*.

De facto, o *Prime Time* e o *CNN Meia Noite* caracterizam-se por uma cobertura noticiosa de maior profundidade, sobretudo no que diz respeito aos dois grandes temas internacionais que merecem uma maior atenção e acompanhamento da CNN: a guerra na Ucrânia e a guerra no Médio Oriente. Estes dois programas são, por isso, caracterizados por um enquadramento noticioso mais temático do que episódico, comparativamente à cobertura jornalística do *Agora CNN*, que tem um alinhamento predominantemente constituído por diretos, *vivos* e *off's* sobre os assuntos que estão a marcar o dia, com espaços de análise mais curtos.

Os três meses de estágio na redação da TVI/CNN Portugal, onde trabalhei a partir do *desk*, estabelecendo estreita ligação com a editoria de política internacional, deram-me a confirmação empírica de algumas tendências que acho particularmente relevantes para uma análise crítica ao enquadramento noticioso da guerra da Ucrânia e dos seus principais atores políticos – Vladimir Putin e Volodymyr Zelensky.

O jornalismo de secretária e a forte dependência das agências, a banalização do direto, a sobreposição do comentador ao jornalista, a aposta na dramatização/*problem frame*, o foco na personalização ou a desvalorização da reportagem são algumas das questões que levanto no diário de estágio. Tirando o máximo de partido da minha experiência, dos trabalhos que fui realizando, de outros que testemunhei e das conversas que tive com jornalistas, destaco os acontecimentos mais emblemáticos que envolveram Vladimir Putin e Volodymyr Zelensky durante a minha estadia na estação de Queluz de Baixo.

2.2 Diário de Estágio

Estava em sala de aula, no início do último ano de mestrado, quando a professora Fernanda Bonacho fez questão de frisar: “Não pensem que escolher a vertente de estágio significa menos trabalho do que uma dissertação. Pode ser muito desafiante.” Precisava de sair daquelas quatro paredes. Precisava de arriscar. Agarrar o desafio e a oportunidade inigualável de observar em primeira mão e fazer parte da produção noticiosa de um canal de informação foi a melhor escolha que podia ter feito.

⁵² São peças jornalísticas com uma notícia e *vivos*/reações institucionais, políticas ou civis sobre o assunto.

A 8 de janeiro começa a aventura na redação da TVI/CNN Portugal. “Caí aqui de paraquedas”. Esta sensação acompanhou-me durante as duas primeiras semanas de estágio. Andei com um caderno e uma caneta atrás dos jornalistas para anotar, literalmente, tudo. Desde os aspetos mais técnicos, relacionados com o programa de edição de vídeo e som e a plataforma de trabalho *iNews*, às gírias televisivas e dicas sobre a melhor forma de dar força aos textos de pivô, o meu foco foi beber ao máximo daquela nova realidade.

A experiência de estágio depende exatamente disso: do quanto estamos dispostos a envolver-nos nele. É um teste à nossa capacidade de adaptação. Neste organismo vivo que é a redação, em que se vive alienado no ambiente de frenesim informativo, não há tempo nem recursos humanos para acompanhar o trabalho do estagiário. Mas há debate, há entreaajuda entre os jornalistas e há um sentimento de comunidade que se desenvolve se tivermos vontade de fazer mais e melhor. Mais do que uma experiência que me ajudaria a ingressar no mercado de trabalho, o *desk* da TVI/CNN tornou-se a minha segunda casa durante três meses.

2.2.1 A predominância do jornalismo de secretária

“O *desk* é uma grande escola”, dizia-me a editora-executiva Joana Duarte. No dia 31 de janeiro senti na pele o que ela me queria dizer. Em ritmo de contrarrelógio, comecei por fazer um *off* sobre a detenção dos arguidos do caso de corrupção da Madeira para o primeiro interrogatório judicial, em que dei a conhecer um comunicado da ordem dos advogados sobre os direitos dos detidos e o facto de estarem inocentes até ao trânsito em julgado da sentença. Da justiça, passo para a política internacional: corto um *vivo* do apelo do chanceler alemão a um apoio europeu mais alargado à Ucrânia. Segue-se um *off* económico, sobre a decisão dos principais bancos de Portugal de baixar as taxas de remuneração dos depósitos a prazo. Volto ao internacional, mas agora na cultura: vejo a peça que chegou da CNN Internacional sobre a morte de um dos ícones da Broadway, Chita Rivera, e preparo o texto de pivô, os leads e oráculos para ir para o ar.

Aqui está a prova da versatilidade e da polivalência temática que os jornalistas do *desk* da TVI/ CNN Portugal têm de ter para dar resposta ao fluxo informativo. Estar no *desk* é estar com as atenções em todo o lado. É saber de tudo um pouco. É esse o grande desafio. Porque é o *desk* que tem a tarefa e o árduo desafio de alimentar e atualizar a maior parte da emissão dos dois canais informativos.

Apesar de reconhecer a importância da seção onde estive, rapidamente percebi alguma monotonia no trabalho. Uma monotonia própria do *jornalismo de secretária*. A maior parte da informação é produzida na secretária, onde os jornalistas passam a maior parte do tempo e onde têm as principais ferramentas de trabalho: um computador com Internet, ligado às agências de notícias, redes sociais e a outros órgãos de comunicação, e um telefone. Na maioria das vezes, o ponto de partida das notícias é um *press release*, informações de outros meios de comunicação ou até mesmo os *tweets* de atores políticos ou vídeos amadores compartilhados pelo cidadão comum, que testemunhou um acontecimento e passa agora também ele a transformar-se em produtor de conteúdos – o chamado *jornalismo cidadão* – diluindo a função de *gatekeeper*⁵³ do jornalista.

Como destacam Lewis et al. (cit. por Johnston e Forde, 2011), a produção noticiosa de hoje é feita em série, de forma automática e abundante; é como se não estivéssemos a escrever histórias, mas a reciclar quase tudo de uma outra fonte. O importante é produzir. E nessa produção exacerbada, a informação torna-se estandardizada. Associado a este fenómeno, ocorre um certo “processamento passivo de material noticioso”, o chamado “churnalism” (Daries, 2008, p.59), considerado por Johnston e Forde (2011) uma das economias políticas chave do jornalismo contemporâneo.

Foi algo que pude testemunhar na rotina daquela redação, tanto no trabalho de *desk* como de *line producer*⁵⁴. Verificar constantemente o site do Observador no “ao minuto” e as *lives* das agências foi uma das primeiras dicas que recebi dos jornalistas para ir atualizando as notícias. Todos os dias são abertas linhas no *master*⁵⁵ pelos editores com

⁵³ Segundo a teoria de David Manning White (1950), o fluxo de notícias passa por *gates/portões* e o *gatekeeper* (o editor) é responsável pela seleção daquilo que será ou não noticiado. Na pesquisa que realizou numa redação de um jornal norte-americano, White constatou que as decisões do jornalista eram subjetivas e dependentes de experiências e expectativas do *gatekeeper*. A maioria das notícias eram rejeitadas pela falta de espaço, e só depois pela importância, ou por acontecimentos em locais muito distantes. No entanto, a teoria de White deixa de fora outros fatores que condicionam aquilo que é ou não noticiado, como as influências das organizações, da linha editorial, do público-alvo/audiência, pressões de tempo ou até estrangulamentos económicos.

⁵⁴ O *line producer* está na régie a acompanhar o noticiário em direto e é responsável por rever e escrever todos os leads, oráculos (identificações de pessoas, de locais e créditos de imagem/informação), entrevistas, diretos e promos. O termo *line producer* – produtor de linhas – advém dessa constante verificação feita a todas as “linhas” do alinhamento onde estão anexados os conteúdos que vão para o ar.

⁵⁵ É uma espécie de alinhamento do jornal com os vários dias da semana e corresponde à ferramenta de trabalho que alimenta todas as editorias. É o local onde se escrevem e anexam todos os *off's*, *vivos*, *ontapes* (falsos diretos), *explicadores*, *notícias com reações*, *reportagens*, *explicadores* e respetivos leads e oráculos.

indicação de links de notícias de outros jornais e canais noticiosos⁵⁶ que servem de mote para as notícias da TVI/CNN Portugal.

Johnston e Forde (2011) concluíram que grande parte do material noticioso que chega das agências de notícias “parece largamente imune a um escrutínio sério”, isto porque traz consigo “uma autoridade tão absoluta que os media não questionam o seu conteúdo ou a sua precisão factual” (p.200). Muitas vezes chegam informações da Reuters e da Associated Press que são imediatamente trabalhadas pela TVI/CNN Portugal, ainda que as agências estejam numa fase de atualização e confirmação de alguns detalhes dos acontecimentos.

Por exemplo, os ataques das forças russas a zonas residenciais ucranianas – algo que conduz, naturalmente, a um enquadramento negativo de Vladimir Putin – nem sempre são lançados de forma premeditada contra civis, como se faz subentender nas informações que chegam das agências:

“Lembro-me de uma notícia sobre uma escola que foi atingida pelas forças russas. Na altura eu disse «temos de esclarecer aqui uma situação: essa escola estava ocupada por militares, portanto, deixou de ser um objetivo civil a partir do momento em que estava ocupada por militares». Passei por sítios onde veículos blindados estavam enfiados no meio das garagens das casas. Lá está a importância do explicar” (Sérgio Furtado, 11 de julho de 2024).

E além da importância do explicar, eleva-se a relevância de estar no terreno. Durante o primeiro mês de estágio, tratei sobretudo dos *materiais CNN*⁵⁷. Dei conta de que a falta de reportagem na CNN Portugal – um dos sintomas mais marcantes do *jornalismo de secretária* – é compensada através do trabalho feito pelos jornalistas e correspondentes da CNN Internacional. Durante todo o mês de janeiro, foram esses trabalhos jornalísticos que trouxeram as informações mais pormenorizadas sobre a guerra na Ucrânia, com material a chegar à redação diretamente do terreno e, por isso, com um valor informativo único sobre o impasse no campo de batalha.

⁵⁶ Além do Observador, a TVI/CNN Portugal recorre com regularidade ao jornal Público, ao jornal ECO, ao Expresso, à SIC e RTP, às agências Lusa, Associated Press, Reuters e CNN Newsource, e também a outros jornais internacionais, como o The Guardian (entre outros).

⁵⁷ Quem trata das peças jornalísticas que chegam da CNN Internacional fica responsável por visionar esses materiais na íntegra e destacar os pontos-chave dos acontecimentos no texto de pivô, bem como realizar os respetivos leads e oráculos.

Das reportagens da CNN Internacional de janeiro, destacam-se duas a envolver Putin e Zelensky, e que passaram por mim nos dias 10 e 17. A regra é simples: destacar o carácter espectacular do conteúdo que chega da CNN mãe. O oráculo “Exclusivo” tem de ser sempre aplicado, mesmo quando a informação não é 100% exclusiva da CNN; a indicação “CNN Internacional” tem obrigatoriamente de constar no texto de pivô; o lançamento da notícia e os leads devem ser escritos de forma apelativa e seguir uma lógica de confronto, sobretudo quando se trata de assuntos de guerra ou dos atores políticos em conflito.

Na reportagem de Fred Pleitgen de 10 de janeiro, destaquei o alerta feito pelo conselheiro da administração do presidente ucraniano de ser possível anular o poder militar da Rússia em solo ucraniano e, através de uma citação dele, realcei que a guerra é a única forma de Putin conduzir a política externa. Isto foi noticiado numa altura em que as forças ucranianas começaram a recuar no campo de batalha, com os apoios ocidentais em *standby*.

Dada a narrativa controversa da administração de Zelensky sobre a realidade no campo de batalha, a 17 de janeiro destaquei a reportagem de Fred Pleitgen que mostrava as dificuldades na linha da frente ucraniana. Apesar de me terem dito que deveria deixar de lado a contextualização no texto de pivô, achei relevante ir além do simples “há tanques de combate norte-americanos na frente de batalha” e mencionar que os veículos de combate Bradley dos Estados Unidos estavam a ajudar a Ucrânia a manter-se na luta, numa altura em que o apoio ocidental à campanha de Zelensky estava a diminuir.

O jornalismo de secretária não é, na maioria dos casos, uma opção dos jornalistas, mas uma condição que lhes é imposta, sobretudo por razões de ordem económica. É certo que se torna inviável ter correspondentes em todo o lado ou enviar jornalistas para cobrir todos os acontecimentos, sobretudo quando as agências podem fornecer as informações a um preço muito mais acessível. Mas torna-se difícil aceitar que, mesmo quando o jornalista Sérgio Furtado esteve destacado na Ucrânia (durante o mês de fevereiro e cerca de metade do mês de março), a reportagem tenha sido a “exceção” e os conteúdos vindos das agências e os espaços de comentário “a norma”.

A CNN Portugal aposta no jornalismo internacional e envia jornalistas para o terreno. O problema está no formato noticioso premiado. O direto ultrapassa a reportagem. O jornalista está no terreno, mas fica subordinado à câmara. Durante o tempo em que estive na régie, cheguei a questionar diretamente ao coordenador Francisco Prates o porquê:

Eu: “Há vários diretos abertos no alinhamento, mas muitas vezes não é nada de muito relevante, apenas vamos ao local e voltamos, sem estar de facto a acontecer alguma coisa, ou então o jornalista volta a repetir uma ideia que já foi noticiada.”

Coordenador: “O objetivo é que o público veja que a CNN está em todo o lado.”

A banalização do direto – esse formato noticioso que deveria de mostrar o acontecimento na hora “h” – surge como forma de espetacularização das notícias que procuram entreter o telespetador, enquanto protagoniza uma forma fácil de tapar buracos no alinhamento. E se o direto ultrapassa a reportagem, o tempo de antena do comentador ultrapassa o jornalista no terreno, bem como uma contextualização que poderia ser feita pela editoria de internacional.

“Não gosto de desbobinar informação. Gosto de diretos de conversa (...) Podíamos ter diretos mais longos com outro tipo de enquadramentos. O comentário é importante, tem outras visões, mas o terreno é o terreno. Quem está lá pode não ter a tal visão macro e internacional do que se está a passar, mas tem a visão micro de quem lá está e do que está a acontecer (...) Por aquilo que me escrevem, as pessoas querem continuar a saber da guerra, mas querem continuar a ver coisas de lá e saber de coisas de lá. É preciso apostar nisso, dar espaço a isso” (Sérgio Furtado, 11 de julho de 2024).

Tal como definiu Ignacio Ramonet, o direto é uma “censura invisível” (Ramonet, 1999, p.50). A envolvência do jornalista com o ambiente que o rodeia e com as histórias sociais ficam em segundo plano, quando poderiam ser o ponto de partida para a diferenciação da cobertura noticiosa da Guerra na Ucrânia: menos de bate boca político e mais próxima da realidade que afeta a população. Por essa via, ganharia o público e a própria marca, que passa a ter um fator de diferenciação relativamente aos canais concorrentes.

O jornalista Sérgio Furtado defende que “os problemas sociais são muito importantes na Ucrânia”, e que deveriam de ser mais trabalhados, não só por mostrarem às pessoas a difícil realidade que lá se vive, mas porque através deles se percebe que o próprio Zelensky “tem muita responsabilidade” nesta guerra:

“Zelensky sabe quem é que está do outro lado. Zelensky enquanto presidente falhou, porque ele devia de ter alertado a população e não levá-la ao caos que levou no dia 24 [invasão russa de 2022]. Conheço casos de pessoas que fugiram a pé de Kiev.

(...) Ele foi surpreendido como todos nós. (...) Mas ele tem recursos que o cidadão comum não tem. Poderia ter preparado a população para isso e não preparou” (Sérgio Furtado, 11 de julho de 2024).

O enviado especial à Ucrânia reforça que “*é mais importante estar com as pessoas do que com os militares*”. A partir da secretária é difícil ter essa realidade mais próxima à população. Mas se tivermos um radar social nas histórias que nos chegam das agências é possível dar um olhar mais próximo dos acontecimentos. Por sentir essa lacuna, a 7 de fevereiro, quando Kiev sofreu um ataque com mísseis a um edifício residencial de vários andares, escolhi não só fazer o *off* que estava no alinhamento sobre o acontecimento, como dar voz aos moradores sobre os pormenores do ataque.

2.2.2 O jogo “política/guerra” de Volodymyr Zelensky: a substituição do chefe das forças armadas

“Um bom estagiário é aquele que não se cansa de fazer perguntas, que pesquisa, critica, propõe e faz”. Foi a subdiretora de informação Paula Oliveira que me lançou o alerta. A vontade de acentuar a contraposição das narrativas e de inovar os formatos noticiosos que se trabalham no *desk* despertou em mim no dia 8 de fevereiro, um dos dias mais marcantes do meu período de estágio. Propus à editora-executiva Joana Duarte fazer o meu primeiro explicador⁵⁸. Neste dia, Volodymyr Zelensky decidiu substituir o chefe das forças armadas ucranianas Valerii Zaluzhnyi por Oleksandr Syrskyi. Fê-lo num momento em que perde popularidade junto da população ucraniana. “*Isto só pode ter sido uma jogada política*”. A posição do jornalista Sérgio Furtado foi unânime em toda a redação.

Achei pertinente fazer um explicador sobre os motivos por detrás do braço de ferro entre Zelensky e Zaluzhnyi, com base nas informações que chegaram do terreno através do jornalista Sérgio Furtado: referi os resultados das sondagens que colocavam o general à frente do presidente ucraniano; destaquei a polémica lei da mobilização de 500 mil

⁵⁸ Um explicador é um tipo de formato noticioso que requer uma contextualização mais aprofundada sobre um tema. Pressupõe a escrita de um *off* mais detalhado e, normalmente, tem grafismos e imagens associados. O cenário mais comum é ter o/a pivô de pé a explicar o tema junto de um visor, onde vai passando a informação de forma sintetizada, com recurso a imagens, mapas, gráficos, entre outros.

homens que dividia os dois líderes; e, por fim, mencionei os riscos que esta decisão de Zelensky poderia significar na defesa da Ucrânia, dada a confiança que Zaluzhnyi foi ganhando junto dos aliados que financiam a guerra e o favoritismo que reunia entre os militares, enquanto cresciam as dificuldades do lado ucraniano perante o avanço da ofensiva russa.

“Zelensky joga muito politicamente. Todos os dias e em cada decisão que toma”. Dilo quem o testemunhou em primeira mão. O jornalista Sérgio Furtado relata como afastar quem lhe faz frente é uma estratégia do presidente ucraniano:

“Zaluzhnyi afasta-se por razões pessoais. Zelensky diz que foi a pedido do próprio Zaluzhnyi e depois nomeia-o embaixador no Reino Unido. Afasta-o completamente da Ucrânia, para o extremo da Europa. Não estou a dizer que eles não se dão bem (...), mas aquelas operações fotográficas de mostrar que está tudo bem pareceu encenação. E isto não é um caso isolado. Zelensky e o presidente da câmara de Kiev [da oposição] têm confrontos e acusam-se mutuamente de culpas relativamente a não haver aquecimento para a população. Zelensky acusa os adversários de não cuidarem da população, de não estarem a fazer o que deviam de fazer. Joga sempre nos dois patamares: guerra e política” (Sérgio Furtado, 11 de julho de 2024).

No dia seguinte à substituição do chefe das forças armadas (9 de fevereiro), Volodymyr Zelensky decidiu condecorar Zaluzhnyi herói da Ucrânia. No *off* que realizei sobre a atribuição da mais alta condecoração nacional ao general Zaluzhnyi, achei necessário frisar a controvérsia que a decisão de Zelensky gerou na população, visto que a remodelação da chefia das forças armadas aconteceu na pior fase da guerra contra a Rússia. Ao citar o presidente ucraniano, que disse que o general continua a ter futuro nas forças armadas, expliquei que isso poderia representar uma manobra de Zelensky para conservar a unidade nacional.

A encenação e alteração das narrativas voltou a vir à tona quando o presidente da Ucrânia falou, pela primeira vez, sobre o número de baixas ucranianas. Depois de Zelensky ter vindo a declarar os ganhos territoriais feitos pelas tropas ucranianas e de dizer que a situação em Avdiivka estava controlada, a cidade acabou por ser tomada pelas forças russas.

“As últimas contas dos EUA apontam para 170 mil baixas ucranianas. Zelensky diz que morreram 30 mil. Ninguém acredita. Quando ele disse aquilo eu estava na Ucrânia e

disse aos meus colegas ucranianos «como é que ele é capaz de dizer isto descaradamente». Não digo que seja mentira, mas talvez desvio daquilo que é a realidade. A mensagem tem de ser essa. Não podes dizer que estás a perder. Mas Zelensky também tem de dizer que está em maus lençóis. Os aliados precisam de continuar a fornecer armas” (Sérgio Furtado, 11 de julho de 2024).

Da mesma forma que procurei contextualizar os motivos da decisão de Volodymyr Zelensky, fi-lo também em relação à entrevista que o presidente russo deu ao jornalista norte-americano Tucker Carlson⁵⁹. Na conversa com o apoiante do ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump, Vladimir Putin mostrou-se disponível para as conversações de paz, disse que não tinha interesse em invadir países da NATO e justificou que a invasão à Ucrânia foi uma resposta à ameaça expansionista da Aliança Atlântica. O presidente russo invocou ainda o tempo da União Soviética ao dizer que a Ucrânia era uma nação criada por Josef Stalin.

No rescaldo da entrevista, fui estando atenta àquilo que chegava da Reuters e da Associated Press sobre o tema e eis que me chama a atenção, também a 9 de fevereiro, uma declaração do professor russo de ciência política Dmitry Oreshkin. Neste *vivo*, destaquei como o discurso de Vladimir Putin poderia servir para responsabilizar a Ucrânia e o Ocidente pela continuação do conflito.

Esta narrativa de confronto entre os EUA/NATO e a Rússia é uma aposta notória da TVI/CNN no que concerne à guerra na Ucrânia. A extensão do conflito ao Ocidente, ainda que somente no plano discursivo, ficou sobretudo vincada aquando da morte de Alexei Navalny: o principal opositor de Vladimir Putin.

2.2.3 A morte de Alexei Navalny

“*Em 5, 4, 3, 2, 1... entra cortina*”. As palavras de ordem do assistente de realização fazem vibrar toda a equipa. Estamos no ar. A segunda quinzena de fevereiro correspondeu aos meus primeiros dias na régie, onde desempenhei a função de *line producer* do programa *Agora CNN*.

Estar na régie é perceber como a “caixa mágica” ganha vida. É aqui que se coordena a emissão. É neste centro nevrálgico da informação que os realizadores, editores, coordenadores, pivôs, produtores, técnicos de som e de imagem garantem a integridade

⁵⁹ Esta foi a primeira entrevista que Vladimir Putin deu a um jornalista ocidental, desde que iniciou a guerra na Ucrânia.

informativa de um programa em tempo real. O ambiente escuro dos bastidores é iluminado pelas dezenas de monitores que controlam as câmaras em estúdio, os lugares onde estão destacados os repórteres prontos a entrar em direto, as agências de notícias que nos mostram ao segundo o mundo além Portugal e, claro, a emissão das principais concorrentes da estação⁶⁰: SIC, RTP1 e CMTV.

A pressão do tempo, de passar para a grande tela os últimos acontecimentos que vão alterando o alinhamento⁶¹, obriga a equipa a reinventar-se e a colaborar de minuto a minuto. No dia 16 de fevereiro, a régie ficou ao rubro. Tive a oportunidade de entrar no cérebro da emissão em *Breaking News*⁶², numa cobertura dedicada exclusivamente à morte do principal opositor de Vladimir Putin: Alexei Navalny.

A narrativa ocidental da guerra ficou notoriamente expressa pelo acompanhamento a par e passo das reações dos líderes europeus e americanos, que responsabilizaram de imediato Vladimir Putin pela morte do maior opositor do Kremlin. Da redação, as editoras-gerais iam gritando pelo sistema de intercomunicação as reações dos vários atores políticos que iam ficando prontas para ir para o ar, a maior parte retiradas da rede social X. Tal como refere Gomes (2009, p.70), a Internet permite “obter informações díspares, mas, ao mesmo tempo, complementares, sobre determinado conteúdo ou temática com enorme comodidade”. Mais uma vez se constatou a importância da Internet e das redes sociais na cobertura de um acontecimento “última hora”.

A jornalista que me estava a coordenar, Susana Peixoto, escolheu um *vivo* do presidente ucraniano para começar a emissão do *Agora CNN*. Zelensky acusou Putin não só de assassinar Alexei Navalny, como de atormentar e torturar milhares de pessoas. A escolha de começar com o presidente da Ucrânia não foi inocente. Logo a seguir, colocámos no ar a reação dos Estados Unidos, em que o secretário de estado norte-americano acusa o governo russo de perseguir, envenenar e aprisionar Navalny. Segue-se a reação de Portugal: o chefe da diplomacia portuguesa, João Gomes Cravinho, alinha-se

⁶⁰ O que está a ser emitido nas estações concorrentes dita e influencia a emissão da CNN. Por exemplo, se a SIC já tiver entrado no ar, ouve-se na régie da CNN que a emissão tem de começar. O alinhamento informativo também muda consoante os temas que estão a ser mais explorados nas outras estações.

⁶¹ Um guia para a equipa com os conteúdos jornalísticos que vão ser emitidos, mas que apenas está “fechado”/definido no final de cada emissão.

⁶² Quando isto acontece, a redação fica de olhos postos naquele que é considerado o assunto do momento. É relevante salientar que o recurso ao *Breaking News* denota, por vezes, a lógica de audiências, sobretudo em períodos de menor fluxo noticioso, funcionado como um elemento diferenciador no panorama mediático.

com a narrativa anti Putin de Zelensky e dos EUA e responsabiliza-o pela morte, enquanto fala do opositor do Kremlin como um símbolo da luta democrática.

As críticas da presidente da Comissão Europeia, do chefe da diplomacia europeia, do antigo ministro dos negócios estrangeiros do Reino Unido e da mulher do opositor, Yulia Navalny, voltaram a ser repetidas entre os espaços de comentário e os diretos, os quais se intercalavam para tornar dinâmica a emissão monotemática.

Apesar do dia ser marcado por *frames* episódicos (*vivos*, *diretos* e *off's*) e pelo bate boca político, houve uma aposta na contextualização histórica e uma discussão sobre as eventuais repercussões que o acontecimento poderia ter no conflito na Ucrânia e nas próprias relações internacionais, falando-se de uma reconfiguração da arquitetura de segurança e defesa da Nato e União Europeia e de possíveis novas sanções à Rússia.

Nos dias seguintes, fomos acompanhando todas as reações e protestos sobre a morte de Alexei Navalny. A 19 de fevereiro, chega à redação uma peça da CNN Internacional sobre as vigílias em Moscovo em homenagem ao opositor. No texto de pivô, realcei a censura do Kremlin à dissidência do povo russo e aos meios de comunicação social independentes. Destaquei uma das novas infrações na Rússia: difundir aquilo que o Kremlin considera ser informações falsas sobre o exército russo. A fechar o lançamento, sublinhei como a reportagem da CNN Internacional dava a conhecer o ambiente cada vez mais repressivo do regime de Putin.

Para reforçar a narrativa contra a política do Kremlin, editei um *vivo* da ministra dos negócios estrangeiros alemã, que anunciou novas sanções da Europa à Rússia. Finalizei o pivô com a acusação da ministra ao presidente russo de agir contra a liberdade da Ucrânia e do próprio país.

Já a 20 de fevereiro escolhi tirar um *vivo* do lado do Kremlin. Dmitry Peskov reagiu às acusações que a mulher de Alexei Navalny lançou ao presidente russo. O porta-voz do Kremlin considerou-as infundadas e rejeitou o alegado envolvimento de Putin na morte do opositor. A verdade é que em abril de 2024 as agências de inteligência dos EUA afastaram a possibilidade de Vladimir Putin estar envolvido na morte de Alexei Navalny.

O funeral da principal figura da oposição na Rússia foi outro assunto muito mediatizado pela CNN Portugal. A 1 de março editei um *vivo* do porta-voz da Comissão Europeia sobre as restrições impostas pelas autoridades russas à cerimónia fúnebre de Navalny. Escolhi começar o lançamento com o eventual medo do poder estatal russo

perante o importante trabalho de anticorrupção do opositor. Destaquei a acusação de desrespeito à vida humana por parte do Kremlin e o alegado encobrimento do assassinato de Navalny pela Rússia.

No mesmo dia chegam através das agências imagens das manifestações em Moscovo com centenas de apoiantes de Navalny. Seguindo a lógica de acusação ao governo russo, achei relevante, ao invés de fazer um *off*, editar outro *vivo*. Isto porque, no funeral do opositor, os manifestantes apelavam ao fim da guerra na Ucrânia e gritavam “nós somos o poder”. Esta foi uma das poucas situações de descontentamento deflagrado da população russa contra o regime e, por isso, mencionei como esta mobilização poderia simbolizar a vontade de continuar a luta do opositor contra o Kremlin.

O aniversário dos dois anos de guerra também ficou, como era de esperar, marcado pela cobertura anti Vladimir Putin e pelo maior destaque do presidente ucraniano na cobertura noticiosa. Desde as manifestações por toda a Europa, e também em Portugal, à aposta nas notícias com reações e nos espaços de comentário e análise mais extensos, a CNN Portugal fez um balanço dos efeitos da agressão russa em solo ucraniano durante dois anos de uma guerra que vai além Rússia-Ucrânia.

2.2.4 O aniversário da guerra

24 de fevereiro de 2022. O dia que marca o regresso da guerra à Europa. A data que assinalou os dois anos da invasão da Rússia à Ucrânia mereceu um destaque privilegiado na emissão da CNN Portugal. Nos dias que antecederam e que se seguiram ao aniversário da guerra, houve uma maior aposta nos assuntos da Ucrânia. Foi nesta altura que as questões sociais ucranianas foram mais exploradas, ultrapassando-se a narrativa mediática militarizada e de personalização do conflito.

Durante todo o período de estágio, foi reduzido o número de reportagens feitas pela CNN Portugal sobre a guerra na Ucrânia. Isto porque notícias com reações não se podem contabilizar como sendo reportagem – esse género nobre do jornalismo – apesar de na gíria televisiva se assumirem como tal. Se a notícia com reações sobrevoa o acontecimento, a reportagem mergulha profundamente na história e oferece um ângulo muito mais íntimo e particular. Mostra, portanto, o verdadeiro acontecimento (Coelho et al., 2021).

No aniversário da guerra, o enviado especial Sérgio Furtado debruçou-se sobre os ataques intensos a Odessa e foi emitida uma reportagem sobre os amputados da guerra.

Uma história que nos leva a um centro de reabilitação onde vários soldados estão a recuperar e a receber tratamento depois de terem perdido vários membros. A estas duas reportagens, junta-se apenas mais uma durante todo o período de estágio, sobre um robô que está a ajudar os militares com os drones ucranianos⁶³.

A aposta nestes temas sociais coincidiu com uma dramatização e predominância do *problem frame* mais notória na cobertura do conflito. E a CNN Internacional mostrou-se, mais uma vez, a grande fornecedora daquilo que podemos considerar, de facto, reportagem. No dia 22 de fevereiro, tratei de uma peça da CNN mãe sobre uma livraria chamada “significado” que abriu as portas ao público em plena guerra. Sublinhei como esta abertura protagoniza um símbolo da resistência ucraniana, depois dos russos terem destruído bibliotecas, teatros e museus. A fechar o lançamento da reportagem, frisei como aquela história mostra o poder da cultura no sentimento de identidade de um povo, sobretudo quando a Ucrânia vive um dos maiores impasses contra a Rússia.

Foi nos dias que se seguiram ao aniversário da guerra que tudo mudou. Houve uma escalada da tensão do conflito Rússia-Ucrânia que atingiu o Ocidente. Há muito que não se via uma Europa tão unida perante um ator político que tem vindo a desafiar a ordem internacional.

2.2.4.1 Uma “semana extraordinária” no palco internacional: um Putin isolado e um Ocidente reforçado

No rescaldo do aniversário da guerra muito se falou na redação do quão “extraordinária” foi a semana do ponto de vista das relações internacionais. Apesar de ter sido uma altura de grande entusiasmo mediático e político em torno das legislativas de 10 de março⁶⁴, no dia 26 de fevereiro assistiu-se a uma manobra política da Europa que mereceu um acompanhamento privilegiado por parte da CNN.

⁶³ Estas reportagens não foram contabilizadas nos resultados da presente investigação por não mencionarem os atores políticos Vladimir Putin e Volodymyr Zelensky, que protagonizam o foco do estudo.

⁶⁴ No dia 25 de fevereiro começou o período oficial de campanha eleitoral para as legislativas. Foi nesta altura que os atores políticos nacionais se pronunciaram sobre a importância de ajudar a Ucrânia e de incrementar o investimento na defesa nacional. O *Prime Time* e o *Meia Noite*⁶⁴ dedicaram a maior parte da emissão à política nacional. Contudo, os dois jornais continuaram a privilegiar o tema da Guerra na Ucrânia, ainda que por vezes o foco não seja os atores políticos em análise (Putin e Zelensky), mas os avanços e recuos da guerra, as questões de armamento e, sobretudo na última quinzena de fevereiro, a forma como a União Europeia está a mediar o conflito no plano político-diplomático e como se está a adaptar ao nível da defesa perante a ameaça crescente de Vladimir Putin no espaço geopolítico europeu.

O presidente francês, Emmanuel Macron, organizou uma reunião em Paris com 20 líderes europeus. O encontro serviu para enviar uma mensagem conjunta de unidade e resiliência a Putin, numa altura em que a Ucrânia enfrenta a escassez de armas e munições, com o pacote de ajuda norte-americano bloqueado no Congresso. No mesmo dia, dá-se a ratificação da adesão da Suécia à NATO. Mais um desafio a Vladimir Putin. Seguem-se as polémicas declarações do presidente francês, ao trazer para o cerne da discussão da guerra a possibilidade dos países europeus e da Nato enviarem tropas para solo ucraniano. Ficou instalada a tensão no palco internacional. O Kremlin apressou-se a garantir que, num cenário em que o Ocidente enviasse soldados para a Ucrânia, o conflito entre a Rússia e a NATO era inevitável.

A semana termina com um ultimato de Vladimir Putin no discurso anual do Estado da Nação. É o momento em que o presidente russo declara, pela primeira vez, que a guerra nuclear pode acontecer se o Ocidente enviar tropas para os territórios russos (os quais, para Vladimir Putin, correspondem aos territórios ucranianos ocupados pelas forças russas).

A especulação de um envolvimento direto da Europa e da Nato tornou-se uma questão fulcral na mediatização do conflito. Isto porque se tem discutido avidamente na redação que a Europa já está em guerra, mas de forma simulada. As palavras de Macron vieram então inflamar e colocar em causa toda a simulação na qual a Europa e a Nato têm estado a trabalhar para evitar uma escalada do conflito. É aqui que se torna fulcral o conceito *dilema de segurança*⁶⁵ desenvolvido por John Herz (1950) para explicar a dinâmica paradoxal de um fenómeno que vive e se intensifica hoje, talvez mais do que nunca, no palco internacional. De acordo com esta teoria, as medidas tomadas por um Estado para garantir a sua própria segurança tendem a aumentar a insegurança entre outros Estados.

Se um Estado decide aumentar o poderio militar com o intuito de se proteger, essa ação, ainda que defensiva, pode ser percecionada como uma ameaça pelas restantes soberanias, as quais se sentem obrigadas a fortalecer as capacidades militares como

⁶⁵ “Os grupos ou indivíduos (...) têm de estar, e normalmente estão, preocupados com a sua segurança para não serem atacados, submetidos, dominados ou aniquilados por outros grupos e indivíduos. Esforçando-se por obter segurança contra esse ataque, são levados a adquirir cada vez mais poder, a fim de escapar ao impacto do poder dos outros. Isto, por sua vez, torna os outros mais inseguros e obriga-os a prepararem-se para o pior. Uma vez que ninguém se pode sentir totalmente seguro num mundo de unidades concorrentes, segue-se a competição pelo poder e o círculo vicioso da segurança e da acumulação de poder” (Herz, 1950, p.157).

precaução. Instala-se um ambiente de desconfiança mútua, que alimenta a corrida ao armamento e, conseqüentemente, uma sensação de insegurança generalizada.

Tanto do lado do Ocidente como da Rússia, no contexto da guerra na Ucrânia, a “utilização de uma terminologia de ação coletiva torna-se então uma mera ideologia e um subterfúgio para dar uma aparência de legalidade à construção de blocos; (...) a autodefesa coletiva torna-se um pretexto”, que poderá resultar no domínio global efetivo por uma unidade de poder ou, antes, a difusão e a desintegração (Herz, 1950, p.180).

E essa divisão Ocidente VS Rússia, bem como a necessidade de criar alianças, não deixam de ser alimentadas pelo próprio presidente ucraniano. Se conhecemos Zelensky pela proximidade à população e aos militares na linha da frente, e enquanto líder que se emociona e vive a guerra com os ucranianos, a verdade é que foi possível ver uma mudança de postura, de crítica e de pressão para com os EUA, quando a Rússia começou a pressionar as tropas ucranianas depois da contraofensiva de 2023 ter falhado.

2.2.4.2 A pressão de Zelensky sobre os EUA: o sofrimento como arma e a história como trunfo

Os dias que se seguiram ao aniversário da guerra foram marcados pela urgência de Volodymyr Zelensky em ganhar mais apoios para travar o avanço russo em solo ucraniano. A repetição noticiosa da pressão feita aos Estados Unidos e da necessidade de ajuda reforçam os objetivos estratégicos de Zelensky, que trespassam para a cobertura da CNN Portugal. Questionado sobre o alinhamento da CNN com a política ucraniana, o editor de política internacional, Hugo Beleza, defende-se com o lema jornalístico de “ir atrás da história”:

“Nós contamos a história. Não podíamos ignorar os repetidos pedidos de Zelensky e que os militares no terreno não tinham munições. Zelensky esteve em várias cimeiras, viajou pelo mundo inteiro à procura de apoios. A falta de homens, o problema de recrutamento, o ter de ir recrutar às prisões como os russos... Nós contamos isso. Claro que há propaganda do lado ucraniano e nós temos de estar atentos. Numa guerra, a primeira vítima é a verdade” (Hugo Beleza, editor de internacional, 12 de agosto de 2024).

Eram duas horas da tarde quando cheguei à redação no dia 27 de fevereiro. Tinha chegado material exclusivo da CNN Internacional: uma grande entrevista de Volodymyr Zelensky sobre o impasse da guerra na Ucrânia. Fiquei encarregue de ouvi-la na íntegra e retirar vários *vivos*. Uns serviram para as peças, outros foram noticiados no momento,

mas grande parte desse trabalho intensivo serviu para lançar o debate no espaço de comentário dos jornais.

A primeira parte da entrevista que realcei teve que ver com o pacote de ajuda dos EUA bloqueado no congresso. Destaquei a garantia norte-americana dada a Volodymyr Zelensky, com o presidente da câmara dos representantes a dizer que faria de tudo para apoiar a Ucrânia. Além desta afirmação, complementei o texto de pivô com a informação de que Mike Johnson nunca tinha votado a favor da ajuda a Kiev. Zelensky assumiu ainda que lhe restava confiar nas palavras de Johnson e reforçou que o apoio norte-americano é muito importante para o país. Fechei esse *vivo* com o ataque a Vladimir Putin: o presidente ucraniano defendeu que Putin se estava a aproveitar do impasse do pacote norte-americano para minar a relação entre a Ucrânia e os Estados Unidos.

Noutro *vivo*, volto a reforçar a urgência do apoio dos EUA. Zelensky confessa que é muito difícil travar a Rússia sem esse apoio. Destaquei a citação do presidente ucraniano, que disse que se a ajuda norte-americana não chegar, a Ucrânia não tem munições suficientes para dar resposta à Rússia.

Editei uma outra declaração em que Zelensky acusou Vladimir Putin de não cumprir com a sua palavra; momento em que relembra o fracasso dos acordos de Minsk de 2014⁶⁶. Destaquei ainda a recusa de Zelensky em aceitar um conflito congelado com a Rússia e a urgência em afastar as tropas de Moscovo de forma definitiva. Sublinhei, mais uma vez, a afirmação de Zelensky: sem a ajuda norte-americana, a Ucrânia não terá sucesso.

Outro ponto alto da entrevista foi o eventual aumento da mobilização de homens para a guerra. Zelensky recusou-se a falar do assunto e afirmou que iria esperar pela auditoria do comandante chefe das forças armadas. Neste *vivo*, foquei ainda a reação do presidente à possível vitória de Donald Trump nas presidenciais de novembro. Zelensky frisou que se o ex-presidente ficar do lado da Rússia, poderá sofrer a dissidência do povo. Fechei o pivô desta declaração a referir que, para Zelensky, apoiar a Rússia significa estar contra os americanos.

No *vivo* final, sublinho a forte citação de Zelensky, que diz que perder contra Putin significa o mesmo que a morte. O sofrimento que advém da guerra é, de facto, algo que

⁶⁶ Estes acordos consistiram num pacote de medidas negociadas em 2014/2015 na capital da Bielorrússia para colocar um ponto final nos conflitos no leste da Ucrânia entre forças do governo e rebeldes apoiados pela Rússia. No entanto, o acordo foi um fracasso no objetivo de cessar-fogo.

Zelensky traz para as suas intervenções públicas, o que poderá protagonizar uma forma de monopolizar mais apoios:

“Para Zelensky, no campo mediático e político, um míssil que cai sobre um hospital pediátrico ou sobre uma maternidade é ouro sobre azul. Puxar o sofrimento é sempre uma arma, uma tentativa de convencer quem pode ajudar a ajudar. Ele alimenta esta ideia de que Putin quer entrar pela Europa adentro. Ele está a defender a integridade territorial, mas naturalmente que a mensagem passa muito mais facilmente se disser que aquilo que Putin quer é recuperar a União Soviética, que vem por aí fora e só para na Alemanha, se parar” (Sérgio Furtado, 11 de julho de 2024).

Se Zelensky adotou uma postura mais crítica nos seus discursos e de maior pressão internacional, também foi possível verificar uma mudança na estratégia política de Vladimir Putin. A par da entrevista dada a Tucker Carlson, na altura das eleições presidenciais russas pudemos testemunhar um líder mais próximo à população. O presidente distante e que envia a maior parte das mensagens pelo porta-voz do Kremlin esteve diretamente a falar com o povo e deixou-se até tocar pelos civis.

2.2.5 As eleições na Rússia

“A reeleição de Putin”. Foi assim que a CNN Portugal identificou o período pré-eleitoral das presidenciais na Rússia, realizadas entre 15 e 17 de março. Muito se noticiou que a Rússia não é a Rússia sem o Putin, que o presidente russo é o líder supremo e que não há oposição que o tire do poder. A constatação de um ator político onnipotente pode, logicamente, ir ao encontro dessa perceção de poder que o presidente russo quer emanar para o estrangeiro, sobretudo para o Ocidente. No entanto, como nos explica o editor de internacional Hugo Beleza, essa cobertura advém daquilo que testemunhamos da política russa: umas eleições sem concorrência e de fachada democrática:

“Há uma coisa que não podíamos dizer: que a Rússia ia ter eleições transparentes. Quando há uma perseguição de opositores políticos, ou quando Navalny estava preso e se viu o que aconteceu, não podemos tratar as eleições como se fossem normais. O papel do jornalista é fazer esse escrutínio. Entrar no jogo de Putin era nós esquecermos isso. Não há nada de regular naquilo, nada de democrático” (Hugo Beleza, editor de internacional, 12 de agosto de 2024).

Perante essa simulação de transparência, no dia 11 de março realizei um *off* sobre as eleições presidenciais, em que a Rússia acusa os EUA de tentarem interferir no processo

eleitoral. Comecei por especificar o comunicado tornado público do Serviço de Inteligência Estrangeira de Vladimir Putin, o qual diz ter provas de que o governo de Joe Biden tem um plano que prevê a diminuição da participação eleitoral. Moscovo disse ainda que Washington pretendia lançar um ataque cibernético ao sistema de votação online. Depois de explicar a acusação, referi que a Rússia não apresentou quaisquer informações que sustentassem as acusações. Terminei o *off* com a ameaça de Putin ao Ocidente, de que qualquer tentativa e interferência nas eleições russas seria considerada um ato de agressão.

Depois de renovar o quinto mandato presidencial, editei uma das primeiras reações de Vladimir Putin após a vitória nas eleições. A 18 de março, fiz um *vivo* em que o presidente russo elogia a China pelo sucesso no panorama mundial; realcei ainda o desejo da Rússia de fortalecer laços com Pequim nos próximos anos. Terminei o *vivo* com a condenação de Putin àqueles que tentam impor sanções à China pela tensão ao largo da costa de Taiwan.

Ainda a 18 de março, editei um outro *vivo*, mas agora da presidente da comissão eleitoral russa. Foi a revelação da taxa de participação eleitoral, com uma afluência às urnas de 77,4%, o valor mais alto desde o fim da União Soviética.

Faltava a visão social da reeleição de Putin do lado da Ucrânia. No mesmo dia, chegou material da Reuters a dar-nos esse olhar ucraniano. Na primeira frase do texto de pivô do *vivo* que editei, destaquei a ideia que abrange todas as reações do povo ucraniano: a vitória de Vladimir Putin significou um novo capítulo na história da guerra. Por fim, sublinhei a expectativa de escalada do conflito e o receio de um cenário semelhante ao que se viveu durante a Segunda Guerra Mundial.

No dia 19 de março, seguiu-se a linha da narrativa ucraniana. Retirei um *vivo* do Secretário da Defesa dos Estados Unidos, que afirma que Vladimir Putin não vai parar na Ucrânia e que a segurança de Kiev representa a segurança de todo o Ocidente. Finalizei o texto de pivô com a citação de Lloyd Austin, que deixou a garantia de que os EUA não vão deixar que a Ucrânia falhe.

A demonstração da grandiosidade do poder de Putin e o aparato mediático em torno do presidente russo mais popular da história acabaram por desmoronar com o atentado em Moscovo, apontado como uma derrota de Vladimir Putin na cobertura da CNN Portugal.

2.2.6 O atentado em Moscovo

22 de março de 2024 ficou marcado por dois grandes acontecimentos a envolver a guerra na Ucrânia. Um deles ainda me apanhou na redação. Foi o dia em que a Rússia assumiu, pela primeira vez, que estava em guerra com a Ucrânia. Editei um *vivo* do porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, a anunciar que a operação militar especial passou a designar-se guerra na Ucrânia; o representante do Kremlin culpou a intervenção do Ocidente pelo sucedido.

Poucas horas depois de sair da redação dava-se o acontecimento que colocou a CNN em *Breaking News*. A capital russa foi vítima de um atentado, conduzido pelo autoproclamado Estado Islâmico à sala de concertos Crocus City Hall, onde morreram mais de cem pessoas. A Rússia não demorou a culpar a Ucrânia de estar envolvida no ataque. Uma acusação que Kiev negou de imediato.

Os comentadores da CNN Portugal frisaram o desafio que o atentado representava à liderança do presidente russo e a fragilidade que demonstrava da atuação dos serviços de segurança. Primeiro porque Putin, no discurso de vitória presidencial, reiterou a importância da segurança da Nação e como a Rússia iria excluir qualquer ameaça. Depois, porque os Estados Unidos já tinham alertado a Rússia sobre a suspeita de um atentado terrorista desta envergadura, algo que Moscovo desvalorizou. Também se destacou a facilidade com que os terroristas realizaram o ataque e o facto de Putin continuar a defender uma ligação à Ucrânia, mesmo depois do Estado Islâmico ter reivindicado o atentado.

A cobertura da CNN destacou a crítica de Zelensky ao presidente russo por não ter prestado declarações no dia do ataque. Putin só se dirigiu ao país 19 horas depois e aproveitou para apontar o dedo a Kiev, ao dizer que os terroristas tinham tentado fugir para a Ucrânia; além disso, o presidente russo confirmou 11 detenções e referiu que os autores do atentado foram detidos.

No rescaldo do ataque a Moscovo, fiz um *off* no dia 25 de março sobre a reação da ONU ao acontecimento; os membros do conselho de segurança dedicaram um minuto de silêncio em homenagem às vítimas do ataque. Destaquei o anúncio do primeiro-ministro russo de que a investigação ao atentado ainda estava a decorrer e a promessa da Rússia de uma punição severa e sem misericórdia aos terroristas. Na parte final do *off* dei conta da onda crescente de apelos da população russa para punir os responsáveis pelo ataque e mencionei as operações de busca nos escombros do complexo comercial.

A demonstração de força por parte do Kremlin foi notória pelas imagens que chegaram dos autores do atentado, que apareceram em público desfigurados e com vários ferimentos. Por outro lado, a Rússia aproveitou a acusação a Kiev para intensificar os ataques em solo ucraniano. O atentado em Moscovo foi, portanto, identificado pela CNN como uma grande derrota de Vladimir Putin, que ainda foi alvo de críticas pela política de guerra que executa.

2.2.7 A primeira saída sozinha em três meses de estágio

Foi a 28 de março que surgiu a oportunidade de sair da redação. Estava a acabar uma peça piloto para o Exclusivo da Sandra Felgueiras, a 20 minutos da minha saída, quando o Pedro Pinheiro veio ter comigo. “O Diogo Morgado vai estrear uma peça de teatro agora às 21h sobre o 25 de abril. Fazias peça para o Jornal Nacional. Alinhas?” Meia a gaguejar, respondi: “eu vou, mas nunca saí sozinha.” Entre sorrisos, o Pedro perguntou-me: “vais-me dizer que não consegues?”. Depois de pesquisar sobre a peça, disse-lhe: “conta comigo”. Fui a medo. Mas fui. Assisti à peça *A Noite*, de José Saramago, e entrevistei o ator Diogo Morgado e o encenador Paulo Sousa Costa. No dia 30 de março ouvia a minha voz fechar o Jornal Nacional: estava a ser emitida a minha primeira peça jornalística.

Sair em reportagem é a essência do jornalismo. Essa talvez tenha sido a maior lacuna da minha experiência de estágio. E foi por isso que o prolonguei, a título pessoal. Fazia-me falta dar voz a mais pessoas e acontecimentos, ter mais contacto com o exterior e poder procurar, aprender e descobrir novos ângulos, formas e feitios de passar para a grande tela as histórias da vida real. Consegui testemunhar tudo isto quando acompanhei o trabalho do Exclusivo. Dia 15 de março fui com a Sandra Felgueiras gravar ao parlamento. O tema da semana tinha a ver com um prédio em Lisboa ao abandono, sem obras há anos, porque o Estado não viabiliza a verba que lhe compete e empurra o financiamento para uma empresa privada.

No dia 19 volto a acompanhar a Sandra. Fomos gravar ao Guincho. Lugar onde uma bancária se suicidou na sequência de um alegado desfalque de 4 milhões de euros. Já no dia 21, fui com a Anabela Vaz Jacinto, um dos membros da equipa de investigação do Exclusivo, realizar entrevistas para o caso de tráfico de bebés na Internet.

Os três meses de estágio curricular no *desk* da TVI/CNN Portugal confirmaram as palavras da diretora-executiva Joana Duarte. O *desk* é, de facto, um lugar de constante aprendizagem. Mas a busca incessante por conhecimento, estar no terreno, a motivação

para contar histórias através de um novo olhar e (sobretudo) a curiosidade são o motor de arranque e aquilo que alimenta qualquer jornalista. São esses os pilares do jornalismo, que não encontramos dentro de uma redação, mas na aventura que é sair dela para contar o mundo que vemos e vivemos. Hoje, já a trabalhar na TVI, continuo, todos os dias, a aprender o que é ser jornalista.

Os acontecimentos descritos ao longo do Diário de Estágio elevaram o potencial da presente investigação. Quando me vi empenhada no *desk* pensei que não conseguisse ter uma leitura profunda sobre a construção da narrativa da CNN Portugal em torno de Putin e Zelensky. Mas a proximidade com os jornalistas de internacional, a experiência na régie junto aos coordenadores e realizadores e fazer parte da produção da maior parte desses acontecimentos contribuíram para o carácter único do presente trabalho.

Capítulo III

As representações de Putin e Zelensky na CNN Portugal

“A simplicidade é o último grau da sofisticação.”

Adaptação de um pensamento da
dramaturga Clare Boothe Luce.

3.1 Objetivo, escolha e pertinência do estudo

O estudo de caso proposto tem como principal objetivo analisar e discutir a construção e enquadramento noticiosos de Vladimir Putin e Volodymyr Zelensky na cobertura da CNN Portugal. Para o efeito observaram-se os jornais Agora CNN, CNN Prime Time e o CNN Meia Noite.

O primeiro espaço informativo tornou-se relevante para a análise por ser o jornal com o qual tive mais contacto ao longo do período de estágio. Desde a política internacional à política nacional, o Agora CNN, apresentado pelos jornalistas Rita Rodrigues e Pedro Bello Moraes, é um programa noticioso que abrange um conjunto diversificado de temas e dá destaque às principais notícias do dia, com uma emissão de três horas (início às 14h50 e término às 17h50).

Foi também incluído o programa CNN Prime Time, apresentado pela jornalista Ana Sofia Cardoso, por ser um espaço informativo que prioriza o comentário em estúdio mais extenso, destacando um ou dois temas do dia.

Finalmente, o CNN Meia Noite (que tinha como principal pivô o jornalista Cláudio Carvalho durante o período de análise) é o jornal que dá mais prioridade às questões internacionais e, portanto, revelou-se central para o presente trabalho.

A escolha do tema foi feita meses antes do estágio, devido a um interesse pessoal pela política internacional e ao acompanhamento dos desenvolvimentos da guerra na Ucrânia.

A par disso, ficou claro que a maior parte dos estudos académicos realizados focam o conflito no sentido mais abrangente, como é o caso das dissertações *A importância das redes sociais na cobertura jornalística do primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia, em 2022, no Jornal das 8 e da TVI* (Damázio, 2023) e *A linha editorial da SIC e*

da Globo durante os primeiros dias da guerra na Ucrânia. Uma análise comparativa (Almeida, 2024). Faltava um olhar com mais detalhe, a partir de uma observação participante na redação que focasse a mediatização dos principais atores políticos.

A conjuntura vivenciada durante o período de estágio, marcada por acontecimentos emblemáticos no palco internacional em relação à guerra na Ucrânia, a proximidade aos jornalistas da redação da CNN, à editoria de internacional e ter tido a oportunidade de fazer parte da produção noticiosa desses momentos-chave justificou a pertinência do atual estudo.

3.2 Estratégia metodológica

“Como é realizada a construção e o enquadramento noticiosos em torno dos atores políticos Putin e Zelensky nos programas Agora CNN, CNN Prime Time e CNN Meia Noite, no mês de fevereiro e março de 2024?”

Esta foi a pergunta orientadora do exercício investigativo. Para explorar o cenário que se propôs retratar, foram criadas as seguintes questões investigativas, correspondentes aos objetivos mais pormenorizados da investigação:

1. Qual é o género jornalístico de eleição na cobertura televisiva dos dois atores políticos?
2. Qual é o ator político mais mediatizado nos dois meses de análise, em cada jornal e nas promoções de conteúdos?
3. Quais os principais temas e valores-notícia associados aos atores políticos?
4. O que dizem os atores políticos e outras vozes sobre a morte de Alexei Navalny e o aniversário da guerra?
5. Existe uma aposta na dramatização na construção da narrativa em torno dos atores políticos envolvidos no conflito?
6. Quais as razões por detrás do enquadramento e construção da narrativa da CNN Portugal em relação ao conflito?
7. Quais os confrontos éticos e/ou deontológicos na cobertura do conflito?
8. Como são representados os atores políticos do ponto de vista visual?

Para responder às hipóteses colocadas, foi realizada uma análise intensiva que recorreu a técnicas de recolha de informação de natureza quantitativa e qualitativa.

Quanto aos procedimentos metodológicos, a recolha e análise de informação foi feita através de pesquisa documental e pesquisa não documental.

3.2.1 Pesquisa documental

A primeira fase da investigação debruçou-se sobre a pesquisa documental, relacionada com a análise de conteúdo, com a leitura e análise crítica da literatura sobre as temáticas em estudo. A revisão bibliográfica – o estado da arte – está contemplado no Capítulo I do presente relatório, servindo de suporte teórico para a investigação empírica.

Seguiu-se a recolha dos dados da investigação, também inserida na análise de conteúdo. Foram analisados todos os alinhamentos dos jornais Agora CNN, CNN Prime Time e CNN Meia Noite, de fevereiro a março de 2024, o que totalizou 341 peças relativas aos presidentes russo e ucraniano. A ideia inicial era fazer corresponder o período de análise ao período de estágio. Contudo, mais tarde, percebeu-se que seria mais interessante retratar o mês de fevereiro – mês que marca o início da guerra na Ucrânia – e o mês de março.

Para efeitos de listagem, os conteúdos foram numerados e agrupados por “nome no alinhamento”, “autoria”, “data” e “minutos”. Posteriormente, os 341 conteúdos jornalísticos sobre Putin e Zelensky foram categorizados através de uma grelha de análise⁶⁷. Construiu-se uma tabela com 10 variáveis qualitativas, organizadas em três dimensões:

- a) **Variáveis de dimensão temporal:** 1. Mês;
- b) **Variáveis de dimensão espacial:** 2. Proveniência; 3. Jornal;
- c) **Variáveis de dimensão formal:** 4. Equipa do jornalista; 5. Temática; 6. Protagonista; 7. Género jornalístico; 8. Entrevista/comentário em estúdio; 9. Principal valor-notícia; 10. Promo.

Após a recolha do *corpus de análise* devidamente categorizado, fez-se o cruzamento das variáveis através da ferramenta “Tabelas Dinâmicas”, que permitiu cruzar informação através da construção de novas tabelas e gráficos.

Adaptou-se o mesmo método à análise discursiva de dois dos acontecimentos-chave destacados ao longo do Diário de Estágio: o dia da morte de Alexei Navalny e o dia do aniversário dos dois anos de guerra na Ucrânia.

⁶⁷ Ver Anexo 5.

Para analisar o discurso destes acontecimentos, foram construídas duas tabelas, uma para cada momento de análise, com as seguintes categorias: **a) Quem profere; b) Função; c) Ator político em destaque; d) Excertos de declarações; e) Leads; f) Adjetivos; g) Posição; h) Tom.**

Por fim, a estrutura da análise multimodal proposta por Machin (2016) serviu de referência para analisar as representações visuais dos atores políticos Putin e Zelensky na cobertura da CNN Portugal. Esta análise consiste numa “abordagem semiótica social para a comunicação visual (...) que inclui a investigação da *tipografia*, *iconografia* (poses, objetos, cenário, fotogenia, participantes), *simbolismo iconográfico* (convenções culturais e históricas e associação de significados), *modalidade e atores sociais* (olhar, ângulo, distância)” (Raza e Malik, 2022, p.152).

3.2.2 Pesquisa não documental

A pesquisa não documental consistiu nas entrevistas exploratórias e na observação participante ao longo do estágio. Esta foi a técnica de recolha que mais informação acrescentou ao presente trabalho, porque partiu de uma posição privilegiada de estar inserida na própria redação. Tudo o que foi experienciado na redação, durante o período de estágio, permitiu um olhar mais próximo do cenário a estudar.

O Diário de Estágio é o ponto alto deste trabalho por isso mesmo. Durante os três meses de estágio na TVI/CNN Portugal, todas as impressões pessoais, a descrição das atividades no dia a dia, as conversas com os profissionais ou a oportunidade de estar na régie a contribuir para a emissão em direto foram anotados diariamente. Esse exercício facilitou a fase posterior de escrita.

As entrevistas, disponíveis em anexo, foram realizadas em julho e agosto de 2024 a quatro profissionais da TVI/CNN Portugal, já numa fase final do estudo de caso:

- 1) Sérgio Furtado, enviado especial à Ucrânia;
- 2) Hugo Beleza, editor de internacional;
- 3) Carla Rodrigues, jornalista de internacional, destacada durante meses na Ucrânia;
- 4) Helena Lins, jornalista de internacional; falou com o presidente Zelensky e trabalha em investigações com a equipa de Alexei Navalny.

A realização das entrevistas proporcionou ter uma perspetiva pessoal dos profissionais que trabalham diariamente com as questões editoriais discutidas neste estudo. O levantamento estatístico e a análise dos resultados permitiram questionar os entrevistados

sobre as tendências identificadas ao longo da investigação, enriquecida pela diversidade de opiniões e experiências profissionais captadas nas entrevistas.

3.3 Análise do *corpus* e discussão dos resultados

A construção de uma grelha de análise permitiu listar 341 peças, categorizadas em 10 variáveis qualitativas. Os conteúdos informativos considerados para análise foram numerados de 1 a 341 na tabela de categorização do *corpus*⁶⁸.

A par do que foi registado no Diário de Estágio, o presente subcapítulo percorre os oito objetivos do estudo, através das conclusões retiradas da grelha geral de dados e da análise discursiva de dois dos acontecimentos-chave em torno de Putin e Zelensky durante o período de estágio – a morte de Alexei Navalny e os dois anos de guerra na Ucrânia. Tal como acontece no Capítulo II, os resultados são também interligados com o conteúdo das quatro entrevistas exploratórias feitas aos profissionais da TVI/CNN Portugal, através das quais se procuraram obter justificações para os dados recolhidos.

Por fim, foi realizada uma análise à componente visual dos atores políticos na cobertura da CNN Portugal. De salientar que o cruzamento de informação é também fundamentado com a revisão da literatura do Capítulo I.

3.3.1 O género jornalístico de eleição na cobertura de Putin e Zelensky

A Tabela 1. mostra a contabilização dos géneros jornalísticos que tratam Putin e Zelensky por jornal em análise, durante os meses de fevereiro e março. É importante esclarecer que a denominação *N/A* (não aplicável) se refere aos espaços de comentário em estúdio. Estes espaços, apesar de não constituírem um género jornalístico, foram o tipo de conteúdo privilegiado para cobrir Vladimir Putin e Volodymyr Zelensky, correspondendo a 108 das 341 peças.

Tabela 1. Género jornalístico por jornal de análise

Género jornalístico por Jornal	Direto	Explicador	N/A	Notícia com reações	Off	Ontape	Vivo	Total
Agora CNN	11	2	27	13	21	2	42	118
CNN Meia Noite	1	0	60	32	29	4	51	177
CNN Prime Time	2	1	21	10	7	0	5	46
Total	14	3	108	55	57	6	98	341

⁶⁸ Ver Anexo 6.

Como é possível verificar na Tabela 1., o *vivo* é o género jornalístico de eleição na cobertura dos atores políticos. Houve 98 *vivos*, 57 *off's* e, logo a seguir, surgem as notícias com reações (55, nos dois meses de análise). Conclui-se que grande parte da cobertura mediática de Putin e Zelensky vive de *frames* episódicos. Ainda assim, a forte presença de espaços de comentário e notícias com reações apresentam um aprofundamento temático, sobretudo observável no jornal *CNN Meia Noite*. Este é o programa com mais conteúdos sobre Putin e Zelensky (177); reúne também o maior número de notícias com reações (32) e de espaços de comentário (60) comparativamente aos outros jornais.

O Agora CNN junta praticamente todos os diretos registados no período de análise (11 de 14) e reúne também um número considerável de *vivos* (42). É, de facto, um jornal caracterizado por *frames* mais episódicos. Já o CNN Prime Time caracteriza-se por aprofundar os temas da guerra, apesar de ser aquele que apresenta menos espaços de comentário/entrevista e menos notícias com reações. No entanto, estes espaços têm uma duração mais longa no CNN Prime Time do que no Agora CNN.

Quanto à ausência de reportagem, é preciso ressaltar que tal facto se deve ao ângulo do estudo. Ao centrar-se nas representações de Putin e Zelensky, a presente investigação afasta o género nobre da reportagem, porque se torna mais difícil fazer o aprofundamento e acompanhamento da história devido ao perfil e situação dos dois atores. Contudo, mesmo as reportagens sobre questões sociais que não incluem Putin nem Zelensky (e que, por isso, não entraram para a contabilização dos dados) vieram sobretudo da CNN mãe (CNN Internacional), como destacado no Capítulo II.

Confrontado com o tempo de antena dado aos espaços de comentário/entrevista, que sobressaem em larga escala às notícias com reações ou aos diretos e reportagens do jornalista que está na Ucrânia, o editor de internacional Hugo Beleza defende:

“Eu não acho que haja uma sobreposição, nem acho que descredibilize o trabalho jornalístico. O direto televisivo de um correspondente não é, nem deve ser, ele estar a falar de forma interminável. (...) O debate é algo feito com mais tempo, com mais respiração, com especialistas com um conhecimento mais profundo sobre determinados assuntos. Quando começou a guerra na Ucrânia tivemos seis equipas destacadas. Isto nunca aconteceu antes. As notícias com reações não são reportagem, mas são notícia. (...) Estes assuntos ganham um certo cansaço mediático. (...) Mísseis lançados sobre

Kiev há um ano e meio eram notícia, hoje já não são, porque já não é novidade” (Hugo Beleza, 12 de agosto de 2024).

3.3.2 O ator político mais mediatizado

A Tabela 2. dá conta da presença mediática dos atores políticos, por mês em análise. Vladimir Putin foi o ator político mais mediatizado, tanto no mês de fevereiro (presente em 102 das 187 peças) como no mês de março (a representar também 102 peças de um total de 154).

Tabela 2. Presença de Putin e Zelensky por mês de análise

Atores políticos por mês	Nº de conteúdos
Fevereiro	187
Putin	102
Zelensky	85
Março	154
Putin	102
Zelensky	52
Total	341

Em fevereiro, a diferença da presença mediática dos atores políticos não foi tão acentuada, com Zelensky a ganhar destaque em 85 peças. Já no mês de março, a presença do presidente ucraniano foi significativamente menor na cobertura da CNN Portugal (representado em 52 peças contra 102 a destacar Putin). Para estes resultados contribuíram as eleições presidenciais russas, o rescaldo da resposta de Putin ao eventual envio de tropas ocidentais para a Ucrânia e o atentado em Moscovo, mencionados no Diário de Estágio.

Foi também analisada a presença de Putin e Zelensky por jornal (Tabela 3.). Ainda que Putin tenha sido o ator político mais mediatizado na cobertura da CNN Portugal, o programa da CNN Meia Noite quebrou a tendência: Zelensky foi o ator político com maior presença, reunindo 97 peças; o líder russo foi representado em 80.

Tabela 3. Presença de Putin e Zelensky por jornal

Atores políticos por jornal	Nº de conteúdos
Agora CNN	118
Putin	90
Zelensky	28

CNN Meia Noite	177
Putin	80
Zelensky	97
CNN Prime Time	46
Putin	34
Zelensky	12
Total	341

Há vários motivos que explicam esta tendência. O primeiro motivo tem a ver com o facto de Zelensky fazer um discurso à população todas as noites e essas declarações serem alvo de um maior escrutínio neste jornal. Por outro lado, o programa da CNN Meia Noite é aquele que apresenta maior profundidade temática entre os três jornais. De facto, surgiram vários episódios que mereceram um especial destaque em torno de Zelensky: o líder ucraniano realizou várias viagens pela Europa na procura de acordos bilaterais de segurança; substituiu o chefe das forças armadas a meio da maior crise na frente de batalha; reiterou a urgência de armas e munições, aumentando a pressão sobre os EUA para que o apoio bloqueado no congresso fosse aprovado; e até convidou os membros do G7 a estarem presentes no aniversário da Ucrânia.

O ator político que teve mais conteúdos jornalísticos a serem promovidos (quer seja na abertura, quer seja ao longo do jornal) foi Vladimir Putin, como é possível constatar através do Gráfico 1., sobre a presença dos atores políticos nas *promos* dos três jornais. As *promos* dizem respeito a pequenas peças de divulgação usadas para promover conteúdos jornalísticos futuros ou em destaque no jornal; servem para chamar a atenção do espectador, numa lógica de audiências e, normalmente, são curtas, diretas e chamativas.

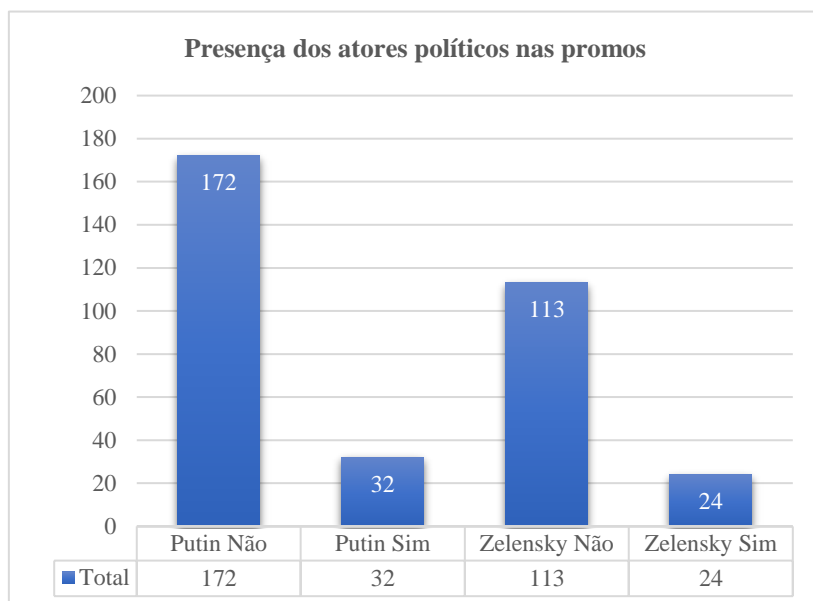


Gráfico 1. Presença de Putin e Zelensky nas promos

Nos dois meses de análise, o presidente russo recebeu 32 promos e o líder ucraniano 24. A diferença, como se constata, não é relevante, mas mostra a tendência da cobertura da CNN Portugal para o destaque do presidente russo. Este esteve muitas vezes associado a um enquadramento negativo – *problem frame* – quer seja pela primeira vez em que falou de uma ameaça nuclear ao Ocidente, ou quando morreu Alexei Navalny (como discutido no capítulo II). Mas o *problem frame* é, de facto, algo que caracteriza a cobertura dos dois atores políticos na generalidade. Os principais temas e valores-notícia em relação a Vladimir Putin e Volodymyr Zelensky são a prova disso.

3.3.3 Principais temas e valores-notícia

A Tabela 4. dá conta dos principais temas e valores-notícia em torno de Putin e Zelensky na cobertura da CNN Portugal ao longo dos dois meses de análise. Tal como evidenciado no Diário de Estágio e no Capítulo I, os dados mostram que a *personalização* foi o valor-notícia com mais destaque, correspondendo a 160 peças de 341. Segue-se a *dramatização*, presente em 81 peças e, em terceiro lugar, a *amplificação*, verificada em 43 peças.

Tabela 4. Principais temas e valores-notícia em torno de Putin e Zelensky

Temática e valor-notícia associado	Amplificação	Consonância	Dia noticioso	Dramatização	Personalização	Simplificação	Total
Adesão à NATO	1	0	0	0	2	0	3
Ajuda da UE/EUA	3	1	7	11	18	0	40
Ameaça nuclear	3	0	0	7	6	0	16
Ameaça para a UE/Ocidente	1	1	0	6	4	0	12
Ataques no campo de batalha	0	1	0	5	7	0	13
Ataques pessoais/políticos	4	4	8	22	46	0	84
Confronto com o Ocidente	12	0	1	7	12	0	34
Política de guerra	5	4	6	22	63	1	102
Produção de armamento	3	0	2	1	1	0	7
Projeto militar	7	1	0	1	1	0	10
Proposta de paz	2	0	0	0	1	0	3
Visitas oficiais	1	0	9	1	6	0	17
Total	43	12	33	81	160	3	341

A maior presença destes valores-notícia na análise está diretamente relacionada com os principais assuntos associados aos atores políticos: o tema da *política de guerra* (a representar 102 das 341 peças); em segundo lugar, os *ataques pessoais/políticos* (que diz respeito a 84 peças); a *ajuda da União Europeia e/ou dos Estados Unidos* à Ucrânia (com destaque em 40 peças); finalmente, o *confronto com o Ocidente*, um assunto que também mereceu destaque na cobertura mediática, contabilizando 34 peças.

Em primeiro lugar, torna-se essencial esclarecer que o tema da *política de guerra* tem que ver com assuntos de propaganda, política interna da Rússia e/ou da Ucrânia, bem como interpretações ou consequências das atitudes e tomadas de posição políticas de Vladimir Putin e Volodymyr Zelensky, algo que foi muito escrutinado nos espaços de comentário/entrevista.

De facto, a predominância destes temas e valores-notícia vêm provar o enquadramento de jogo – de confronto – em relação ao presidente russo e ao líder ucraniano. A aposta nos *ataques pessoais e políticos*, o *confronto com o Ocidente* (muito centrado em trocas de acusações entre os líderes europeus e o líder russo) ou o foco na *dramatização* privilegiam o carácter conflitual da cobertura da guerra na Ucrânia e a visão de um agressor (Putin) em detrimento de uma vítima (Zelensky e o povo ucraniano).

Ao mesmo tempo, a presença do tema *ataques no campo de batalha* foi reduzida (correspondendo a 13 peças). As tendências verificadas nestes dois meses impedem, portanto, um conhecimento mais aprofundado das questões sociais vividas na Ucrânia. Para esse facto contribuiu o acompanhamento e a atenção dada à guerra no Médio Oriente, mas também a falta de meios e recursos humanos:

“Quando temos um correspondente lá [na Ucrânia] o objetivo tem sido esse, fazer reportagens sobre essas coisas [problemas sociais]. Quando não temos, ou não conseguimos que ele esteja, temos de nos valer das agências noticiosas e é isso que tentamos fazer. Depois há limitações na própria redação. Há dias em que não temos pessoas para fazer isso, porque temos outros assuntos na ordem do dia mais urgentes. (...) O Sérgio está agora em Israel. A peça que passou hoje é uma peça de pessoas, de expectativas e ansiedades sobre a retaliação do Irão. E do lado palestino muitas vezes o que fazemos é contar histórias de pessoas. A guerra tem-se centrado em Gaza, temos ali muitas histórias para contar. Acho que o jornalismo deve contar histórias particulares. Só não nos podemos perder da notícia” (Hugo Beleza, 12 de agosto de 2024).

3.3.4 A morte de Alexei Navalny e o aniversário da guerra

Começando pela análise discursiva⁶⁹ no dia da morte de Alexei Navalny, as Tabelas 5. e 6. mostram a posição e o tom associados à cobertura de Putin e Zelensky na CNN Portugal. Ambas as categorias resultam dos conteúdos apresentados nos excertos das declarações e nos leads (os títulos das notícias).

A posição reúne três dimensões – neutra, negativa e positiva – e tem que ver com a tendência política e o julgamento dos intervenientes e dos conteúdos jornalísticos relativamente a Putin e Zelensky. Quando existe um discurso imparcial em relação aos dois, sem críticas ou favorecimentos, o enquadramento é considerado neutro; se o

⁶⁹ Ver anexo 7.

acontecimento é marcado por críticas pessoais e/ou políticas ou ideias mais contestatórias, então foi considerado um enquadramento negativo; finalmente, a posição positiva está associada a um posicionamento mais favorável ou a ideias mais entusiastas em relação ao ator político.

Na Tabela 5. constatamos que, no dia da morte daquele que foi o principal opositor russo (16 de fevereiro), Putin sobressaiu 17 vezes num total de 20 peças, prevalecendo uma narrativa negativa em relação ao presidente da Rússia. Zelensky foi pouco mediatizado, totalizando apenas 3 peças, e foi destacado sob uma visão neutra.

Tabela 5. Posição em relação a Putin e Zelensky – Morte de Navalny

Posição	Putin	Zelensky	Total
Negativa	14	1	15
Neutra	3	2	5
Total	17	3	20

A categoria do tom diz respeito à forma como o locutor expressa atitudes e emoções, modulando o seu nível de comprometimento com a mensagem. Serve para identificar o grau de certeza, autoridade ou envolvimento emocional de quem profere os enunciados. Esta análise permite perceber como o discurso poderá influenciar a interpretação do espectador e, conseqüentemente, construir uma determinada visão em torno do presidente russo e do presidente ucraniano.

Como é possível verificar na Tabela 6., há cinco subcategorias referentes ao tom do discurso: o agressivo, focado em críticas aos atores; o alarmista, que pretende exaltar a tensão e o eventual impacto negativo de um determinado assunto/acontecimento; o dramático, ligado a questões emocionais; o informativo, que serve para dar contexto ou explicar uma determinada temática; e, finalmente, o tom moderado, que reflete uma postura equilibrada do locutor, sem extremos de certeza ou emoção, estando associada à neutralidade, ponderação e tentativa de diplomacia.

Tabela 6. Tom em relação a Putin e Zelensky – Morte de Navalny

Tom	Putin	Zelensky	Total
Agressivo	7	1	8
Alarmista	2	0	2
Dramático	2	0	2
Informativo	2	2	4
Moderado	4	0	4
Total	17	3	20

Das declarações e leads associados a Vladimir Putin sobressai um tom agressivo (7 das peças), associado à ideia de que “Putin é assassino”, um adjetivo subjacente a 8 peças, como mostra a Tabela 7.

Tabela 7. Adjetivos em relação a Putin e Zelensky – Morte de Navalny

Adjetivos em relação aos atores políticos	Contagem
Acidente histórico do regime de Putin	1
Fraqueza e podridão do regime de Putin	1
N/A	4
Perspiciência de Zelensky	1
Poder arbitrário e draconiano de Putin	1
Putin é assassino	8
Putin é assassino e mentiroso	1
Putin é assassino e o seu regime tem uma natureza tenebrosa	1
Putin receoso	1
Regime terrível de Putin	1
Total	20

Também o regime do líder russo foi alvo de críticas, totalizando cinco das peças: 1) “acidente histórico do regime de Putin”; 2) “fraqueza e podridão do regime de Putin”; 3) “poder arbitrário e draconiano”; 4) “regime tem uma natureza tenebrosa”; 5) “regime terrível de Putin”.

Relativamente a Zelensky, sobressai um tom informativo (2 das 3 peças onde aparece destacado), que está associado ao momento em que o próprio admite a falta de armas e sistemas de defesa aérea no campo de batalha (“é uma necessidade crítica na frente de batalha, bem como armas, bem como sistemas de defesa aérea que são tão necessários ao nosso povo agora”), ou quando a comentadora Sónia Sénica refere que “Zelensky vai tentar ao máximo mostrar aos parceiros europeus e também aos EUA que a importância de conter a ameaça russa é necessária, atual e significativa, por força do ocorrido com o principal opositor russo”. Estamos perante a pressão de Zelensky ao Ocidente por mais

apoio e a exaltação de uma política perspicaz por parte do presidente ucraniano (Tabela 7.).

Como mencionado no Diário de Estágio, através do Gráfico 2. constata-se que a cobertura noticiosa do dia da morte de Navalny viveu muito das reações dos políticos ocidentais.

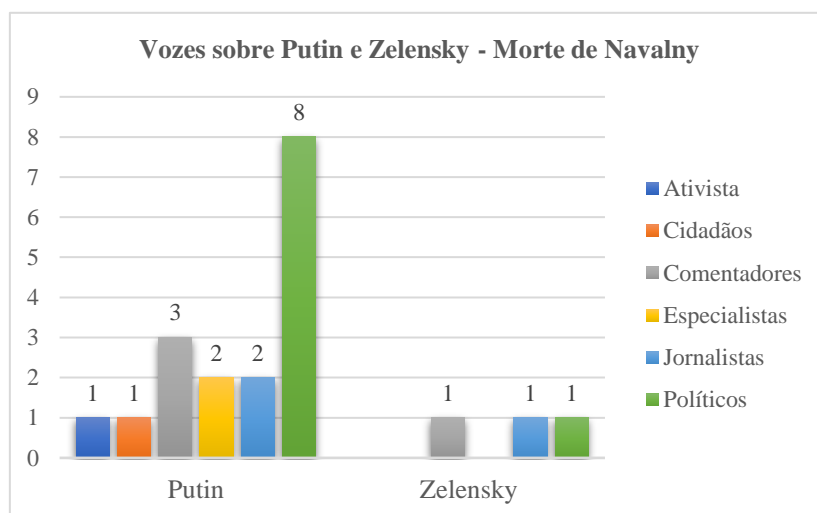


Gráfico 2. Principais vozes na cobertura dos atores políticos

Putin, o ator mais mediatizado, contou com uma pluralidade maior de vozes do que Zelensky, das quais sobressaem os políticos (8) e os comentadores (3). Mas são os jornalistas que têm um papel particularmente relevante nesta categoria da análise discursiva, sobretudo em relação a Putin. As palavras do jornalista Pedro Bello Moraes denunciam uma posição anti Putin: “Morreu Alexei Navalny a voz russa que descreveu o poder de Putin como acidente histórico. Ninguém acredita em quase nada do que Vladimir Putin diz. Putin teve uma conversa absolutamente amistosa com Tucker Carlson e depois teve o desplante de vir criticar a postura permissiva do jornalista que foi lá fazer um frete à propaganda russa” (Pedro Bello Moraes, jornal Agora CNN, 16 de fevereiro de 2024).

Estas palavras afastam-no da neutralidade esperada de um jornalista. Sobre esse perigo, a jornalista Helena Lins lança o alerta:

“Há coisas que nós jornalistas não podemos dizer. Nós estamos aqui para dar os factos. Não podemos passar a linha de análise ou de comentário. Podemos dar a entender certas coisas, por situações que nós já conhecemos do passado e que relembramos para as pessoas entenderem através dessa comparação o que determinada

coisa pode significar. Daí eu ter cuidado naquilo que digo quando vou à antena. Quando um jornalista vai à emissão para falar sobre algum acontecimento corre o risco de resvalar para a opinião” (Helena Lins, 28 de agosto de 2024).

Por outro lado, o enviado especial à Ucrânia, Sérgio Furtado, focou as acusações a Vladimir Putin, mas atribuindo a opinião à fonte: “O presidente ucraniano disse que não tinha dúvidas de que tinha sido Vladimir Putin a ordenar a morte de alguém que era incómodo para o Kremlin. O ministro da defesa ucraniano veio dizer numa publicação no Telegram que isto é a prova de que Putin não tem nenhum respeito nem sequer pelos cidadãos russos” (Sérgio Furtado, jornal CNN Prime Time, 16 de fevereiro de 2024).

Quanto ao aniversário da guerra⁷⁰, Volodymyr Zelensky foi o protagonista, representado em 6 das 8 peças. Tal como denota o Gráfico 3., sobressai a posição neutra associada ao presidente ucraniano. No entanto, também ele foi alvo de um enquadramento negativo em 2 peças, impulsionado pelo presidente russo e pelo comentador da CNN Portugal Carlos Branco.

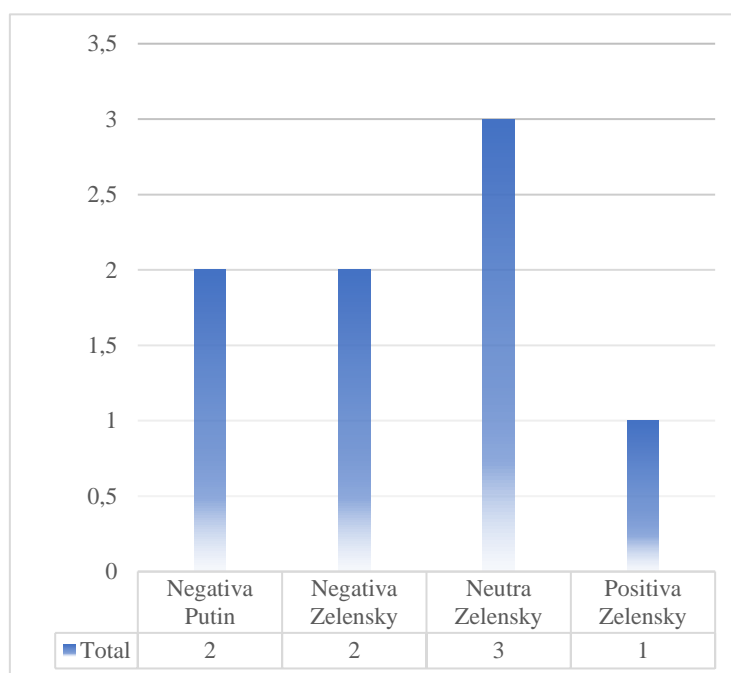


Gráfico 3. Posição em relação a Putin e Zelensky – Aniversário da guerra

⁷⁰ De notar que a análise discursiva dos dois anos de guerra considera apenas os conteúdos jornalísticos do programa CNN Meia Noite, isto porque dia 24 de fevereiro de 2024 calhou a um sábado, quando os programas Agora CNN e Prime Time não são emitidos.

Fazendo uma retrospectiva dos dois anos de guerra, foi emitida uma notícia com reações que reviveu o momento em que Vladimir Putin anunciou a invasão: “Decidi realizar uma operação militar especial. Por isso, vamos esforçar-nos para desmilitarizar e desnazificar a Ucrânia” (Vladimir Putin, jornal CNN Meia Noite, 24 de fevereiro de 2024). Salienta-se, portanto, a crítica da Rússia em relação à Ucrânia e ao governo de Zelensky, percecionados como nazis e como uma ameaça.

Já o comentador Carlos Branco sublinhou o contrassenso do líder ucraniano: “Também nos recordamos do presidente Zelensky ter dito que renunciava a adesão à Nato e de um momento para o outro toda essa possibilidade de se chegar a um acordo cai por terra” (Carlos Branco, jornal CNN Meia Noite, 24 de fevereiro de 2024).

A Tabela 8. mostra exatamente os adjetivos associados aos dois atores políticos no dia do aniversário da guerra.

Tabela 8. Adjetivos em relação a Putin e Zelensky - Aniversário da guerra

Adjetivos em relação aos atores políticos	Contagem
Contrassenso de Zelensky	1
Coragem de Zelensky	1
N/A	2
Putin é o diabo	1
Ucrânia Nazi	1
Zelensky determinado	2
Total	8

De facto, a cobertura mediática da CNN Portugal deu especial atenção às declarações de Zelensky, que passam a imagem de coragem e determinação do presidente: “Na história futura a palavra «Ucrânia» virá sempre, mas sempre, com a palavra «independente». Estamos a lutar por isso, já há 730 dias das nossas vidas. E vamos vencer no melhor dia da nossa vida. Agradeço a todos vocês, combatentes! Agradeço ao nosso povo” (Volodymyr Zelensky, jornal CNN Meia Noite, 24 de fevereiro de 2024).

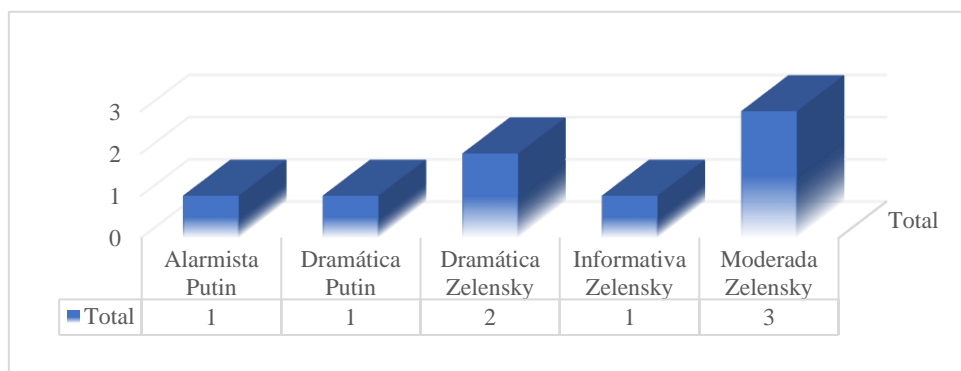


Gráfico 4. Tom em relação a Putin e Zelensky - Aniversário da guerra

No que diz respeito ao tom em relação aos atores políticos (Gráfico 4.) destaca-se a subcategoria moderada, manifestada em declarações do presidente ucraniano, tais como: “qualquer pessoa normal quer que a guerra acabe”; ou “manter a Ucrânia num défice artificial de armas, particularmente num défice de artilharia e de capacidades de longo alcance, permite a Putin adaptar-se à atual intensidade da guerra” (Volodymyr Zelensky, jornal CNN Meia Noite, 24 de fevereiro de 2024).

Predomina, também, um tom dramático. Exemplo disso é quando Zelensky diz que “o diabo não está algures debaixo de nós na terra, ele está entre nós” para se referir a Vladimir Putin (jornal CNN Meia Noite, 24 de fevereiro de 2024); ou quando o presidente ucraniano reforça o espírito combativo da Ucrânia, elevando o moral das tropas sobre a independência e o dia da vitória ucraniana.

3.3.5 Dramatização na construção da narrativa

Os principais temas e valores-notícia associados aos atores políticos, bem como a análise discursiva realizada sobre dois dos momentos-chave que marcaram o Diário de Estágio, provam a dramatização existente na cobertura da CNN Portugal em torno de Vladimir Putin e Volodymyr Zelensky. Tal como descrito no Capítulo I, a dramatização não tem só que ver com questões emocionais exploradas nas peças, mas com a natureza conflitual, com o destaque do *problem frame* na cobertura, associado, em parte, a uma busca por audiências e à espetacularização da guerra.

A ameaça nuclear e o eventual confronto direto com o Ocidente são dois temas que sobrevivem da própria contingência, resultando na troca de ameaças e acusações mútuas. Em relação à ameaça nuclear, o enviado especial à Ucrânia acha que “não se trata de uma busca por audiências por si só”, mas afirma que a ameaça da central nuclear de Zaporíjia é um não assunto e que não há perigo de um acidente nessa região (Sérgio Furtado, 11 de julho de 2024):

“Já tinha explicado 20 vezes que a central pode estar completamente minada, pode até levar com um míssil em cima que nada acontece. Fez-se um especial de duas horas sobre isso. Não estou a dizer que foi despropositado, qualquer tipo de informação é bem-vinda. Acho é que nós temos de ter aqui algum tipo de responsabilidade perante as pessoas” (Sérgio Furtado, 11 de julho de 2024).

Contrariamente, o editor de política internacional discorda de quem está no terreno quanto à importância do assunto. Hugo Beza garante ainda que a cobertura da ameaça nuclear não pressupõe a busca por audiências.

“Acho que é um assunto muito sério. (...) Putin recentemente disse que poderia ponderar alterar a doutrina nuclear russa, alterar as regras sobre em que circunstâncias elas podem ser usadas. Isto não é nenhuma brincadeira, nem podemos desvalorizar. Um incêndio ou uma bomba numa central nuclear é sempre notícia” (Hugo Beza, 12 de agosto de 2024).

“A palavra nuclear fala por si só. Merece toda a atenção, toda a sensibilidade e todo o cuidado.” É o parecer da jornalista Carla Rodrigues, que também chegou a estar destacada na Ucrânia durante meses. Sublinha, sobretudo, a imprevisibilidade da liderança de Putin:

“A partir do momento em que tens uma sociedade autocrática fechada nela própria nunca consegues controlar a 100%, nem a 60%, nem a 30% o que vem dali. (...) O Ocidente tem de ter muito cuidado em relação aos avisos que chegam da Rússia, e acho que às vezes são desvalorizados. Não sei o que é que Putin é capaz de fazer amanhã” (Carla Rodrigues, 22 de agosto de 2024).

A jovem jornalista Helena Lins, por outro lado, inclina-se para a posição do jornalista Sérgio Furtado:

“Não podemos desvalorizar aquilo que é dito, porque não deixa de ser uma realidade. Mas também já houve várias situações em que Putin podia ter cumprido a ameaça e não o fez. O nuclear é muito usado como ameaça. Acho que a aposta nesta questão pode ter a ver com audiências, mas isso funciona até um certo ponto, porque depois há um cansaço mediático” (Helena Lins, 28 de agosto de 2024).

Perante a imprevisibilidade do regime de Vladimir Putin, que disse que não invadia a Ucrânia e acabou por invadir, e perante a urgência de Zelensky em evitar a progressão das tropas russas que poderão avançar para outros países da Europa, o discurso mediático acaba por viver desse alarmismo associado à amplificação daquilo que os intervenientes fazem ou poderão fazer politicamente.

Como referido no capítulo I, os jornalistas acabam por reproduzir e, conseqüentemente, legitimar os líderes políticos e as suas estratégias. E fazem-no consoante as opiniões dominantes que circulam no espaço público mediatizado. As tais personagens criadas de Putin e Zelensky – de um lado o agressor, do outro a vítima – são

causa e consequência do trabalho jornalístico, bem como da doutrina política que impera no lado em que nos encontramos do conflito.

3.3.6 Enquadramento e construção da narrativa

“Claramente estamos num lado desta guerra. Estamos no lado da Ucrânia, no lado Ocidental, no lado dos aliados” (Helena Lins, 28 de agosto de 2024). A certeza da jornalista Helena Lins é partilhada pelos jornalistas Sérgio Furtado e Carla Rodrigues. A mediatização dos presidentes russo e ucraniano não é feita por igual e vai ao encontro da tese defendida por Felisbela Lopes (2008), de que o acervo de conhecimentos que circula no discurso mediático não é assim tão diversificado como se julgará.

Esse facto, tal como defende Helena Lins, é observável na cobertura da guerra na Ucrânia:

“Acabamos por falar mais da Ucrânia; não propositadamente, mas pela posição geográfica onde estamos e pela falta de comunicação e transparência por parte da Rússia. (...) Podemos chamar propaganda ao lado russo, e temos feito isso, porque há de facto propaganda. E podemos chamar narrativa de guerra do lado ucraniano. É difícil enquanto jornalistas verificarmos. Tendemos a achar que um lado diz mais a verdade do que o outro. O que quer que nós jornalistas estejamos a fazer, muito dificilmente o estamos a fazer sabendo toda a verdade” (Helena Lins, 28 de agosto de 2024).

Sérgio Furtado afirma que há uma tendência ocidental declarada, mas defende que a independência jornalística continua a ser garantida. Lamenta, contudo, a falta de oportunidades para aceder ao lado russo:

“Às vezes há a ideia de «vamos lá fazer o quê, não podemos falar sobre isto». Eu até acho mais importante tu ires à rua, tentares fazer as entrevistas e toda a gente te virar as costas” (Sérgio Furtado, 11 de julho de 2024).

A Tabela 9. dá conta da proveniência dos conteúdos jornalísticos relativos a Putin e Zelensky nos meses em análise deste estudo. Tal como descrito no Diário de Estágio, o *desk* da TVI/CNN foi responsável pela maior parte dos conteúdos dos atores políticos (140 das 341 peças), o que revela que são as agências a principal fonte noticiosa para as histórias da CNN Portugal. A equipa da editoria de internacional foi responsável apenas por 67 peças. Dessas 67, apenas 10 correspondem a conteúdo jornalístico exclusivo da CNN Portugal, isto é, notícias com reações ou diretos feitos pelo enviado especial Sérgio

Furtado, bem como *vivos* que foram retirados de espaços de comentário/entrevista da TVI ou da CNN.

Tabela 9. Proveniência dos conteúdos por equipa de jornalistas

Proveniência dos conteúdos por equipa	Nº de peças
Correspondente	9
CNN Portugal	6
Não menciona	3
Desk da TVI/CNN	140
Associated Press	27
CNN Internacional	8
CNN Portugal	4
Não menciona	19
Rede social X	6
Reuters	76
Editoria Internacional	67
Associated Press	2
CNN Portugal	10
N/A	2
Não menciona	46
Reuters	7
N/A	109
Outras editorias	10
CNN Portugal	2
Não menciona	5
Reuters	3
Pivot	6
CNN Internacional	2
Não menciona	3
Reuters	1
Total	341

Os restantes conteúdos jornalísticos da editoria de internacional basearam-se, como é evidente nos dados analisados, nas agências de notícias. Isto porque os conteúdos identificados por “não menciona” referem-se a imagens e declarações retiradas das agências que não foram identificados como tal.

Os resultados da Tabela 9. denotam, portanto, a predominância do *jornalismo de secretária* na mediatização de Putin e Zelensky, devido à dependência noticiosa da informação das agências. Perante esse facto, tornou-se fundamental apurar entre os jornalistas quais as estratégias adotadas para evitar reproduzir meramente aquilo que é dito pelos atores e sobre eles. No fundo, procurou-se perceber a linha que separa o jornalismo de uma comunicação estratégica, que poderá estar associada à guerra e aos protagonistas.

O editor de internacional, Hugo Beleza, confia nas agências de notícias enquanto escudo contra a propaganda:

“Nós tentamos sempre escudar-nos da propaganda. Por isso é que trabalhamos com agências de informação. Confio muito mais na informação que chega através das agências do que a informação que nos chega através das redes e nos telegrams. (...) As agências fazem esse escrutínio e muitos jornais no mundo inteiro fazem o trabalho de verificação. (...) As agências não estão a dormir para isso. Têm jornalistas especializados nessas áreas. É um bom indicador citarmos agências” (Hugo Beleza, 12 de agosto de 2024).

Mas as agências de notícias nem sempre chegam a todos os pormenores dos acontecimentos a noticiar. Exemplo disso foi o ataque à escola ucraniana, que não se tratou de uma ofensiva russa deliberada contra civis, como se fez constar pelas agências de notícias. Na altura, o enviado especial à Ucrânia explicou em direto que a escola estava ocupada por militares, como referido anteriormente no Diário de Estágio.

Confrontada com a questão sobre como garantir o distanciamento face às informações que chegam da guerra, a jornalista Carla Rodrigues confessa:

“É impossível filtrares a 100% o que te chega. É através do discernimento como jornalista que consegues separar por onde deves ir e por onde não deves.” (Carla Rodrigues 22 de agosto de 2024).

3.3.7 Confrontos éticos e/ou deontológicos na cobertura do conflito

Em três meses de estágio na redação da TVI/CNN Portugal, a falta de investimento na reportagem foi um dos problemas mais apontados pelos jornalistas.

Ao mesmo tempo, verificou-se a banalização do direto e extensos espaços de comentário na emissão, como já evidenciado no presente estudo. É sobretudo a excessiva aposta nos diretos que é também o problema mais citado pelos entrevistados. Helena Lins defende que “os diretos tiram imenso tempo para reportagem” e explica o que pode estar por detrás desse facto:

“Isto faz parte da realidade que vivemos hoje em televisão: dá-se primazia aos diretos para mostrar que há lá um jornalista. Acho que tem a ver com alguma autopromoção do canal e com o imediatismo. Quando estava na Ucrânia cheguei a dizer

que não fazia sentido entrar em direto porque ia dar exatamente a mesma coisa que tinha dado na hora antes porque não se tinha passado mais nada. As coisas também se alteram. Podemos ter uma reportagem marcada, mas à luz dos últimos acontecimentos essa reportagem pode já não ser uma prioridade. É uma gestão difícil” (Helena Lins, 28 de agosto de 2024).

Repetir informação torna-se comum no dia a dia de um canal de informação de 24 horas, tal como é apontado pela jornalista Carla Rodrigues.

“Há esse risco de estarmos sempre a dizer de hora a hora a mesma coisa ou, como costume dizer, tentar «baralhar e dar de novo». Isso corresponde às exigências do formato televisivo e à necessidade de encher uma hora ou duas horas” (Carla Rodrigues 22 de agosto de 2024).

Como refere Pedro Coelho, fazer reportagem pressupõe um “olhar de lince” sobre um acontecimento, “que (...) permite ver mais profundamente do que todos os outros e com um grau de precisão que a memória não pode ter tempo de subtrair” (Coelho, 2021, p.164); a reportagem fecha um ângulo sobre a realidade e proporciona ao telespectador uma experiência imersiva na *estória*, como se ele fosse transportado para dentro do acontecimento. Abarca, portanto, uma sensibilidade, envolvimento e investimento jornalísticos que também não são intrínsecos a todos os jornalistas.

Apesar dessa singularidade necessária para executar aquele que é considerado o género nobre do jornalismo, a jornalista Carla Rodrigues garante que não há entraves editoriais para quem está no terreno:

“É dada liberdade a cada um de fazer o que entende. Eu aposto muito na reportagem. A reportagem é o produto *premium* da casa, é o que marca a diferença. Diretos há milhentos. O que te avalia como repórter é a capacidade que tens de contar histórias” (Carla Rodrigues 22 de agosto de 2024).

No entanto, a análise dos dados e a experiência na redação evidenciam que a reportagem, considerada o “produto *premium* da casa”, reflete mais a perspetiva subjetiva da jornalista do que a realidade profissional.

3.3.8 Representação visual de Putin e Zelensky

Tal como explorado no Capítulo I, a componente imagética revela-se central na construção e enquadramento das personagens jornalísticas, especialmente no meio televisivo, enquanto instrumento simbólico da política. A imagem constrói e reconstrói a

mensagem que lhe está intrínseca e tem um carácter decisivo na interpretação dos atores políticos. É através dela que os atores realizam a dimensão espetacular da política e legitimam as suas posições, porque sabem que, no dispositivo de comunicação política, tudo conta: as palavras, os gestos, o local de onde se fala, e o cenário que os rodeia influenciam a sua presença política e as relações que estabelecem entre si.

Em relação a Vladimir Putin, e tendo por base a análise multimodal, das imagens associadas ao presidente russo emana sobretudo a ideia de distanciamento para com o público e uma grandiosidade de líder absoluto, tal como podemos constatar nas Figuras 1. e 2. Na primeira imagem da Figura 1, Putin aparece no centro da imagem, a ser aplaudido numa passadeira vermelha. Essa centralidade remete para a atuação política do



Figura 1. CNN Meia Noite, 14 de março de 2024

presidente russo, que concentra em si todo o poder; uma ideia também realçada no lead, sublinhando a longa liderança de Putin.

Na Figura 2., sobressai o aparato mediático em torno de Vladimir Putin. Esta imagem aparece no contexto do discurso do Estado da Nação, um dos acontecimentos-chave destacado no Diário de Estágio. Foi aqui que Putin respondeu à possibilidade de *boots on the ground* na Ucrânia proposta pelo presidente francês, ou seja, o presidente russo elevou a tensão internacional ao ameaçar com o seu arsenal nuclear e um eventual confronto direto com a NATO. O plano aberto mostra a distância considerável entre a plateia e o palco onde se encontra Vladimir Putin, com os holofotes apontados para ele. Também neste momento há um paralelismo à sua política: Putin é representado como um ator



Figura 2. Agora CNN, 29 de fevereiro de 2024

distante e com uma formalidade que lhe é característica e que remete para o carácter autoritário do regime russo.

Mas, foi no período das eleições presidenciais russas que acontece algo que rompe com a imagem que tem sido construída de Vladimir Putin. O líder russo sai à rua para falar diretamente com a população, abraça civis e fala diretamente com eles sobre a economia do país (Figura 3.).



Figura 3. CNN Meia Noite, 14 de março de 2024

Esta imagem pública de Vladimir Putin aproxima-o de uma visão mais humana e de um presidente que é adorado pela população russa, ao contrário do homem que vem da KGB. Mas também pode estar associada a uma manobra política do próprio presidente, depois da polémica morte de Alexei Navalny. Até porque, tal como a jornalista Helena

Lins enfatiza, “o background de Putin tem de se ter em conta. Ele vem das secretas. Mentir é a formação destas pessoas” (28 de agosto de 2024).

Quanto à representação visual do presidente ucraniano, Zelensky é exibido sob uma perspectiva mais positiva. Ao contrário de Putin, as imagens transmitidas de Zelensky contribuem para uma ideia de presidente mais humano, próximo da população e do seu exército, tanto em termos simbólicos – como se comprova na Imagem 4., que remete para a vida de ator do presidente ucraniano – como em termos do envolvimento direto no campo de batalha – retratado na Figura 5.



Figura 4. Agora CNN, 23 de fevereiro de 2024



Figura 5. CNN Meia Noite, 27 de março de 2024

Zelensky aparece sempre associado a uma presença política mais informal, vestido com o uniforme do exército, como se também ele nunca deixasse de fazer parte da guerra e estivesse na linha da frente ucraniana. De notar que a ideia de proximidade do presidente ucraniano resulta também da aposta mediática em planos mais fechados, que têm subjacente uma índole mais emocional. Na altura crítica de falta de armas e munições, eram comuns as imagens que focavam o semblante mais preocupado de Zelensky, com uma expressão fechada (Figura 6.).



Figura 6. CNN Meia Noite, 24 de fevereiro de 2024

No dia em que se assinalaram os dois anos de guerra na Ucrânia, sobressaiu a imagem de Zelensky emocionado (Figura. 7), ao falar daquilo que testemunhou no campo de batalha, quando referiu que “o diabo não está algures debaixo de nós na terra, ele está entre nós” (Volodymyr Zelensky, jornal CNN Meia Noite, 24 de fevereiro de 2024).



Figura 7. CNN Meia Noite, 24 de fevereiro de 2024

Tal como referido no Diário de Estágio, também Zelensky parece saber jogar o jogo político, algo manifestado na encenação fotográfica que se seguiu à substituição do chefe das forças armadas, que retrata um ator que ameaça a popularidade do presidente ucraniano e que acaba por ser afastado para um cargo europeu. Dois dias após a sua substituição, Zelensky condecorou-o herói da Ucrânia (Figura 8.) e faz questão de registar o momento. Segundo o enviado especial Sérgio Furtado, esta foi uma tentativa de o



Figura 8. CNN Meia Noite, 10 de fevereiro de 2024

presidente ucraniano mostrar que tem a situação controlada, enquanto consegue ver concretizado o objetivo político de afastar qualquer ameaça à sua liderança.

CONCLUSÃO

O presente relatório de estágio analisou a construção e o enquadramento noticiosos de Vladimir Putin e Volodymyr Zelensky na cobertura jornalística televisiva da CNN Portugal.

A análise revelou uma cobertura predominantemente episódica, marcada pela personalização, dramatização e amplificação do conflito, contribuindo para a construção de narrativas polarizadas em torno de Putin e Zelensky. Este enquadramento estratégico da política, focado no carácter conflitual, materializa-se também nos extensos espaços de comentário televisivo, onde se procura interpretar posições políticas e eventuais consequências dos eventos reportados.

Vladimir Putin foi o ator mais mediatizado, recebendo um enquadramento predominantemente negativo, focado no *problem frame*. Questões como o confronto iminente com o Ocidente, a ameaça nuclear, a morte de Alexei Navalny e o carácter repressivo das eleições presidenciais russas foram destacados para reforçar a imagem de Putin como uma ameaça global.

Por outro lado, Volodymyr Zelensky foi representado de forma mais informativa, com a cobertura a focar-se na sua luta por apoio ocidental e na falta de recursos militares. Embora tenha recebido uma abordagem positiva, com a narrativa jornalística a sublinhar a sua coragem e determinação, Zelensky foi também alvo de algumas críticas. A sua postura dramática nos apelos à ajuda internacional e a comparação de Putin ao “diabo” reforçaram o tom agressivo e combativo das suas intervenções. Houve também críticas à sua falta de consistência política, especialmente em relação à adesão à NATO ou à forma como não preparou a população ucraniana para a guerra, como referido pelo comentador Carlos Branco e pelo jornalista Sérgio Furtado, respetivamente.

A CNN Portugal adotou uma abordagem que equilibrou enquadramentos dramáticos e moderados, apresentando Zelensky como um líder na procura de apoio para enfrentar a agressão russa, enquanto Putin foi retratado como o principal antagonista, representando uma ameaça tanto para a Ucrânia quanto para o Ocidente.

As imagens construídas de Putin e Zelensky são tanto resultado quanto reforço da cobertura jornalística, refletindo também a doutrina política dominante do lado do conflito em que nos situamos. Como foi possível apurar através da observação

participante do estágio na redação, e através das entrevistas exploratórias, o trabalho jornalístico é condicionado pelas pressões de tempo, pelas imposições do formato televisivo e pela limitação de recursos. Estas condicionantes explicam a ênfase dada à personalização e ao conflito, como formas de atender à urgência constante por novos conteúdos jornalísticos a transmitir. E é também por isso que o efeito CNN, discutido no capítulo I, se torna evidente na cobertura da guerra, já que prioriza as reações e posições dos atores políticos ocidentais.

O tipo de cobertura e aposta jornalísticas dependem dos próprios acontecimentos e do contexto no palco internacional. Com a consciência de que os resultados do presente estudo apenas refletem dois meses de análise dos jornais da CNN Portugal, tornar-se-ia relevante um alargamento do período de análise para uma investigação mais aprofundada à cobertura dos principais atores políticos.

A par disso, reconheço que a posição de estagiária, as exigências de um canal informativo de 24 horas e as limitações do formato televisivo dificultaram uma análise mais aprofundada sobre a ausência de reportagens. Não foi possível esclarecer, de forma mais detalhada, como é que os jornalistas evitam reproduzir propaganda, considerando a ausência no terreno e a predominância de informações provenientes das agências noticiosas, alinhadas sobretudo com a perspectiva do exército ucraniano.

Neste momento, a guerra no Médio Oriente já se sobrepôs à guerra na Ucrânia e os protagonistas em análise deste estudo continuam a competir pela atenção do mundo. A verdade é que, após mais de dois anos desde a invasão da Rússia, há um cansaço mediático que lhe retira a novidade e (o mais preocupante) a importância.

“Há muito medo do abandono. Há muito medo do esquecimento, justamente pela dependência em relação ao Ocidente. A guerra está a caminhar para os três anos. É uma realidade muito longínqua. Até para nós, que estamos na cauda da Europa. Então para os Estados Unidos é mesmo uma realidade que eles sentem que não têm nada a ver. Ao contrário do que se passa em Israel. A sociedade americana vai quase em uníssono a favor dos israelitas contra o terrorismo. Até porque os Estados Unidos foram vítima do 11 de setembro. Há uma ligação mais próxima, mais imediata e familiar. Zelensky tenta manter a Ucrânia no topo da atualidade, mas as imagens das casas destruídas, das pessoas mortas, dos deslocados já não são novidade” (Carla Rodrigues, 22 de agosto de 2024).

Damázio, A. M. F. (2023). *A importância das redes sociais na cobertura jornalística do primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia, em 2022, no Jornal das 8 da TVI* [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Comunicação Social]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.21/16955>.

Denzin, N. K., & Keller, C. M. (1981). Frame Analysis Reconsidered [Review of *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*, by E. Goffman]. *Contemporary Sociology*, 10(1), 52–60. Disponível em <https://doi.org/10.2307/2067803>.

Eddy, K; Fletcher, R. (2022). Perceptions of media coverage of the war in Ukraine. Reuters Institute. Disponível em [Perceptions of media coverage of the war in Ukraine | Reuters Institute for the Study of Journalism \(ox.ac.uk\)](#).

Entidade Reguladora para a Comunicação Social [ERC]. (2021, 22 de setembro). Deliberação ERC 2021/267. Alteração de denominação e projeto da TVI24 para CNN Portugal. Disponível em [deliberacao-erc2021267-aut-tv](#).

European Council. (2022, 2 de março). EU Imposes Sanctions on State-Owned Outlets RT/Russia Today and Sputnik's Broadcasting in the EU. Disponível em [UE impõe sanções aos meios de comunicação estatais RT/Russia Today e Sputnik na UE - Consilium \(europa.eu\)](#).

Ferreira, M. P., Reis, N. R., & Santos, J. C. (2011). TVI: O turnaround até à liderança de audiências. Caso de estudo nº7, globADVANTAGE - Center of Research in International Business & Strategy. Disponível em [Microsoft Word - caso de estudo 7 TVI.doc \(ipleiria.pt\)](#).

Fisher, Caroline. (2013). 'Watchdog' versus 'spin-doctor'/'informer' versus 'advocate': the inadequacy of oppositional portrayals of journalists and parliamentary media advisers. Conference of Journalism Education and Research Association of Australia. Mooloolaba, QLD, Australia. Disponível em [\(PDF\) 'Watchdog' versus 'spin-doctor'/'informer' versus 'advocate': the inadequacy of oppositional portrayals of journalists and parliamentary media advisers \(researchgate.net\)](#).

Foucault, M. (1970). *A Ordem do Discurso*. Disponível em [\(19\) FOUCAULT, Michel - A ordem do discurso | Sarah Araujo - Academia.edu](#).

- Gilboa, E. (2005). The CNN effect: The search for a communication theory of international relations. *Political communication*, 22(1), 27-44. Disponível em [\(PDF\) The CNN Effect: The Search for a Communication Theory of International Relations \(researchgate.net\)](#).
- Goffman, E. (1974). *Frame analysis: An essay on the organization of experience*. Harvard University Press.
- Gomes, A. (2012). *Nos bastidores dos telejornais*, Lisboa, Tinta da China.
- Gomes, R. M. (2009). *A Importância da Internet para Jornalistas e Fontes*. Livros Horizonte.
- Herz, J. H. (1950). Idealist Internationalism and the Security Dilemma. *World Politics*, 2(2), 157–80. Disponível em: [Idealist Internationalism and the Security Dilemma \(jstor.org\)](#).
- IOL. (2024, 12 de maio). TVI reforça liderança. CNN Portugal é o canal de informação preferido dos portugueses. IOL. Disponível em: [A TVI reforça liderança das audiências em abril - TVI \(iol.pt\)](#).
- Iyengar, S. (1991): *Is Anyone Responsible? How Television Frames Political Issues* (1^a ed.). University of Chicago Press.
- Janowitz, M. (1975). Professional models in journalism: The gatekeeper and the advocate. *Journalism Quarterly*, 52(4), 618–626. Disponível em <https://doi.org/10.1177/107769907505200402>.
- Jenkins, H. (2006). *Convergence culture: where old and new media collide*. New York University Press.
- Johnston, J., & Forde, S. (2011). The silent partner: News agencies and 21st century news. *International Journal of Communication*, 5, 195–214. Disponível em [\(PDF\) O Parceiro Silencioso: Agências de Notícias e Notícias do Século 21 \(researchgate.net\)](#).
- Johnstone, J. W. C. (1982). Who controls the news? [Review of *The powers that be.; Deciding what's news.; Making news: A study in the construction of reality*, by D. Halberstam, H. Gans, & G. Tuchman]. *American Journal of Sociology*, 87(5), 1174–1181. Disponível em [Revisão: Quem controla as notícias? no JSTOR](#).

Krutikova, Y., Freire, M. R., & Santos, S. J. (2019). Agenda-setting e framing na política externa: O caso da cobertura televisiva russa e ucraniana do caso da Crimeia. *JANUS.NET e-journal of International Relations*, 10(1), Maio-Outubro. Disponível em <https://doi.org/10.26619/1647-7251.10.1.4>.

Lopes, F. (2008). *A TV do real: A televisão e o espaço público*. Minerva.

Lopes, F. (2000). O panorama audiovisual português: O passado recente e o futuro próximo. Comunicação apresentada no 4º Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação, São Vicente, Brasil. Disponível em [FL_panorama-audiovisual.pdf \(uminho.pt\)](#).

Lopes, F. (2007). Novos rumos no audiovisual português: o reflexo do Big Brother na informação televisiva. Disponível em [\(Microsoft Word - Lopes_2007_Big Brother informa\347\343o.doc\) \(uminho.pt\)](#).

McCombs, M. (2009). *A Teoria da Agenda: a Mídia e a Opinião*. Vozes.

McCombs, M., & Shaw, D. (1993). The evolution of agenda-setting research: Twenty-five years in the marketplace of ideas. *Journal of Communication*, 43(2), 58–67.

Mc News, Media Capital (2021, 17 de novembro). Sabia que existe uma teoria chamada “The CNN Effect”? Disponível em [Sabia que existe uma teoria chamada “The CNN Effect”? \(iol.pt\)](#).

Menegello, B., & Cordova, G. (2022). O papel da mídia tradicional no conflito entre Rússia e Ucrânia de 2022: Uma análise das diferentes narrativas em disputa [Trabalho de conclusão de curso, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUC-SP. Disponível em <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/31855>.

Mesquita, M. (2004). *O Quarto Equívoco O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea*. Coimbra, Minerva.

Moloney, K. (2006). *Rethinking Public Relations: PR Propaganda and Democracy*. (2ª ed.). Routledge. Disponível em <https://doi.org/10.4324/9780203030592>.

Nações Unidas. (2024, 14 de setembro). Escritório dos Direitos Humanos pede corredor humanitário em Nagorno-Karabakh e proteção de civis na Ucrânia. ONU News. Disponível em: [Invasão russa na Ucrânia viola da Carta da ONU, afirma Guterres | ONU News](#).

Observador. (2023, 6 de janeiro). Guterres critica países do hemisfério norte por causa de refugiados e alterações climáticas. Observador. Disponível em [Guterres critica países do hemisfério norte por causa de refugiados e alterações climáticas – Observador](#).

ONU Portugal. (n.d.). 2 anos de conflito na Ucrânia: 40% da população precisa de ajuda. UNRIC. Disponível em: <https://unric.org/pt/2-anos-de-conflito-na-ucrania-40-da-populacao-precisa-de-ajuda>.

Paterson, C. (2006) News Agency Dominance in International News on the Internet, Papers in International and Global Communication, Centre for International Communications Research (No. 01/06). Disponível em: [News Agency Dominance in International News On The Internet | PDF | News | Associated Press \(scribd.com\)](#).

Público. (2024, 12 de maio). Cinco anos depois, TVI ultrapassa a SIC e volta a ser líder de audiências. Público. Disponível em: [Cinco anos depois, TVI ultrapassa a SIC e volta a ser líder de audiências | Televisão | PÚBLICO \(publico.pt\)](#).

Público. (2021, 12 de novembro). CNN Portugal: informação televisiva parecida e mimetizada. Público. Disponível em: [“A TVI24 acaba, a CNN é outra coisa” | Media | PÚBLICO \(publico.pt\)](#).

Ramonet, I., 1999. *A Tirania da Comunicação*. Porto: Campo das Letras.

Raza, A., & Malik, S. (2022). The ideological media representation of Putin and Zelensky in BBC profiles: A multimodal critical discourse analysis. *Journal of Media Science*, 1(2). Disponível em [\(PDF\) A representação ideológica da mídia de Putin e Zelensky nos perfis da BBC: uma análise crítica multimodal do discurso \(researchgate.net\)](#).

Salaverría, R., Avilés, J. A., & Masip, P. (2010). Concepto de convergencia periodística. In X. López García & X. Pereira (Eds.), *Convergencia digital. Reconfiguración de los medios de comunicación en España* (pp. 41-64). Santiago: Universidad de Santiago de Compostela. Disponível em [\(PDF\) Salaverría, R.; García Avilés, J. A. y Masip, P. \(2010\). Concepto de convergencia periodística. En X. López García y X. Pereira \(Ed.\), Convergencia Digital. Reconfiguración de los medios de comunicación en España. Santiago, Universidad de Santiago, Servicio de Publicaciones, pp. 41-64. | Jose Alberto García Avilés - Academia.edu](#).

Salaverría, R. (2010). Estructura de la convergencia. Disponível em: [\(PDF\) Estructura de la convergencia \(researchgate.net\)](#).

Sanders, K. (2009). *Communicating Politics in the Twenty-First Century*. London: Palgrave MacMillan.

Schudson, M. (2003). *The Sociology of News*. New York: W.W. Norton & Company.

Teixeira, A.S.C. (2022). *A influência do consumo televisivo: A hipótese do cultivo na perceção do conflito bélico Rússia - Ucrânia 2022*. [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Comunicação Social]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.21/15607>.

TRAQUINA, N. (2004). *A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional*. Insular Livros.

Tribuna, M. (2023, 14 de dezembro). Momento “histórico” e decisão política “muito forte”: negociações de adesão da Ucrânia à UE marcam o 659.º dia de guerra. Expresso. Disponível em [Momento “histórico” e “decisão política muito forte”: negociações de adesão da Ucrânia à UE marcam o 659.º dia de guerra - Expresso](#).

Tuchman, G. (1978). *Making News. A Study in the Construction of Reality*. New York: The Free Press.

Tuchman, G. (1976). Telling Stories. *Journal of Communication*, 26(4), 93–97. Disponível em <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1976.tb01942.x>.

UNRIC. (n.d.). O impacto global da guerra na Ucrânia. ONU Portugal. Disponível em: [O impacto global da guerra na Ucrânia - Nações Unidas - ONU Portugal \(unric.org\)](#)

Comissão Europeia. (2024, junho 11). UE reforça o apoio à recuperação da Ucrânia. Comissão Europeia. Disponível em [UE reforça o apoio à recuperação da Ucrânia - Comissão Europeia \(europa.eu\)](#)

Afineevsky, E. (Diretor). (2015). *Winter on Fire: Ukraine's fight for freedom* [Filme]. Reino Unido / Ucrânia / Estados Unidos: Netflix. Disponível em [Winter on Fire: Ukraine's Fight for Freedom | Site oficial da Netflix](#).

Witte, M. (2022, 17 de março). News about the conflict in Ukraine has been different – Stanford scholar and former war journalist discusses why. Stanford News. Disponível em [Reporting the war in Ukraine | Stanford News](#).

White, D. M. (1959). The “Gatekeeper”: A Case Study in the Selection of News. *Journalism Quarterly*, 27(4), 383-390. Disponível em <https://doi.org/10.1177/107769905002700403>.

Zabolotsky, B. Perius., Mielniczuk, F. Pellin (2021). Do “outro” lado do ocidente: a crise ucraniana e a “ameaça russa” nos discursos da NATO. *Historiæ*, 11(2), 84–107. Disponível em <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/12270>.

ANEXOS

Anexo 1. Entrevista a Sérgio Furtado

Jornalista da editoria de internacional e enviado especial à Ucrânia.

Foi o jornalista português que mais tempo esteve na Ucrânia.

Baía do Seixal, 11 de julho de 2024.

1) Zelensky substitui o chefe das forças armadas ucranianas Zaluzhnyi numa altura em que a sua popularidade começa a desmoronar-se junto da opinião pública ucraniana e, como disseste num direto, para afastar aquele que considerava ser um eventual concorrente de peso nas próximas eleições.

Este foi o momento em que Zelensky mostrou que também joga politicamente, mesmo no meio de uma guerra?

Zelensky joga muito politicamente. Todos os dias e em cada decisão que toma. O general que ele substituiu era uma pessoa internacionalmente reconhecida, com grande peso, em que os aliados confiavam plenamente. Era uma pessoa muito querida da população. Com um problema para o presidente: esse carinho da população levava a que muitos dissessem que ele iria ser o sucessor de Zelensky. Zaluzhnyi afasta-se por razões pessoais. Zelensky diz que foi a pedido do próprio Zaluzhnyi e depois nomeia-o embaixador no Reino Unido. Afasta-o completamente da Ucrânia, para o extremo da Europa. Não estou a dizer que eles não se dão bem, acho que são até muito próximos, mas aquelas operações fotográficas de mostrar que está tudo bem pareceu encenação. E isto não é um caso isolado [Zelensky afastar quem lhe faz frente]. Zelensky e o presidente da câmara de Kiev [da oposição] têm confrontos e acusam-se mutuamente de culpas relativamente a não haver aquecimento para a população. Zelensky acusa os adversários de não cuidarem da população, de não estarem a fazer o que deviam de fazer. Joga sempre nos dois patamares: guerra e política. Hoje se houvesse eleições – que não pode haver pelo Estado de Guerra – Zelensky podia até ganhar, mas não iria ficar muito confortável. Entre os próprios militares, Zaluzhnyi era uma pessoa muito querida também. Quando Syrsky foi nomeado os militares mostraram-se preocupados. Só isto demonstra que também a estrutura militar não estava satisfeita. Portanto, isto só pode ter sido uma jogada política.

2) A CNN aposta na ameaça nuclear e sublinha o perigo que Putin representa para o Ocidente, apesar das declarações do presidente russo de evitar um conflito global e de não ter intenções de invadir outros países europeus.

Essa ênfase da CNN está mais relacionada com a busca por audiências do que com um cenário realmente possível?

Não sei se será uma busca de audiências por si só. O nuclear suscita receios. Sempre que se fala do nuclear tudo para. Não me parece que a Rússia tenha qualquer intenção de usar armas nucleares, mas há sempre essa possibilidade. Estamos perante uma pessoa [Vladimir Putin] que a 23 de fevereiro dizia que não fazia e a 24 estava a entrar com tropas em Kiev. O recurso ao nuclear terá que ser num limite. Porque a partir do momento em que um país utiliza uma arma nuclear todos os outros vão estar demasiado preparados e a Rússia não é a maior potência nuclear. Até a Rússia percebe que não pode fazê-lo. Até os aliados da Rússia já lhe disseram “não é por aí”. Houve uma notícia que falava da central nuclear de Zaporíjia. Já tinha explicado 20 vezes que a central pode estar completamente minada, pode até levar com um míssil em cima que nada acontece. Fez-se um especial de duas horas sobre isso. Não estou a dizer que foi despropositado, qualquer tipo de informação é bem-vinda. Acho é que nós temos de ter aqui algum tipo de responsabilidade perante as pessoas. Quando não há um perigo iminente, não causar essa sensação na população. Também é nossa função enquanto jornalistas dizer “calma, isto não está nada a acontecer, não há nenhuma fuga, está tudo bem”. Para já, o nuclear é um não assunto. Da parte da Rússia, isto serve para intimidar.

3) O período pré-eleitoral das eleições na Rússia foram identificadas pela CNN como a reeleição de Putin e foram muito veiculadas as ideias de que Putin é o líder supremo, que a Rússia não é a Rússia sem o Putin.

Este tipo de cobertura também não é propaganda?

A Rússia são duas cidades: Moscovo e São Petersburgo. Em termos de peso de opinião pública, de peso político, o resto das comunidades não existe. Na Rússia há uma grande oposição que não consegue fazer nada. Não há tentativa de dar a volta ao regime. Putin perpetua-se no poder com as alterações à legislação. Tem dado cabo de toda a oposição e mais alguma. Nós tentamos mostrar isso. Nós também temos – e acho bem que seja declarado – posicionamentos enquanto media. Esses posicionamentos fazem com que nós tenhamos uma visão mais ocidental. Apesar da independência ser garantida, nós temos

uma visão ocidental. Mas essa ideia pré-concebida corresponde àquilo que vemos. Percebemos que as eleições são teatro. Só fiquei triste porque não pudemos estar na Rússia a acompanhar as eleições, não nos deram vistos. Às vezes há a ideia de “vamos lá fazer o quê, não podemos falar sobre isto”. Eu até acho mais importante tu ires à rua, tentares fazer as entrevistas e toda a gente te virar as costas.

4) Foi possível ver através da cobertura da CNN uma mudança na postura do presidente ucraniano, mais de crítica e de pressão para com os EUA sobre o apoio bloqueado no congresso, a dizer repetidamente que se o apoio não chegasse, as grandes cidades da Ucrânia e também a Europa ficariam à mercê de Putin.

Zelensky optou por uma estratégia de “se não me ajudarem, são coniventes para com a política de Putin”?

Claro que sim. Para Zelensky, no campo mediático e político, um míssil que cai sobre um hospital pediátrico ou sobre uma maternidade é ouro sobre azul. Puxar o sofrimento é sempre uma arma, uma tentativa de convencer quem pode ajudar a ajudar. Ele alimenta esta ideia de que Putin quer entrar pela Europa adentro. Ele está a defender a integridade territorial, mas naturalmente que a mensagem passa muito mais facilmente se disser que aquilo que Putin quer é recuperar a União Soviética, que vem por aí fora e só para na Alemanha, se parar. Essa narrativa interessa-lhe para ganhar apoios. Eu não sei se Putin vai invadir tudo ou se quer até invadir tudo. Mas ninguém sabe o que é que vai na cabeça daquele homem, portanto o melhor é prevenir. Há uma coisa engraçada que é a questão da paz. Tu não podes ter Cimeiras para a paz se não tens as duas partes envolvidas. A paz não se alcança a gritar nós queremos paz. Só tens paz de uma maneira: porque tens mais armas que os outros. Só se alcança a paz se o inimigo souber que pode ser esmagado.

5) Num direto a partir de Kiev que fizeste a 23 de fevereiro relatavas que a contraofensiva ucraniana falhou, apesar de o presidente ucraniano ter vindo a definir que foram muitos os ganhos territoriais feitos pela Ucrânia. O Coronel Mendes Dias acusou Zelensky de mentir relativamente ao número de baixas ucranianas e sobre a realidade na frente de batalha em Avdiivka, que acabou por ser tomada pelas forças russas.

A estratégia política de Zelensky para financiar moralmente esta guerra tem sido alterar as narrativas e a realidade daquilo que se vive no campo de batalha?

Acho que há duas leituras. Uma é a leitura militar e a leitura de secretismo das coisas. Às vezes temos aquela sensação de que tudo tem de estar em cima da mesa e à vista de todos. Não pode. A Rússia não pode saber quantos militares ucranianos morreram na guerra da Ucrânia. As últimas contas dos EUA apontam para 170 mil baixas ucranianas. Zelensky diz que morreram 30 mil. Ninguém acredita. Quando ele disse aquilo eu estava na Ucrânia e disse aos meus colegas ucranianos “como é que ele é capaz de dizer isto descaradamente”. Mas esses são os números oficiais e nós temos que respeitar esses números. No plano militar e de secretismo nunca vamos saber quantos morreram, serão certamente muito mais do que 30 mil, isso sem dúvida nenhuma, e serão provavelmente mais do que 170 mil. No plano da comunicação, não digo que seja mentira, mas talvez desvio daquilo que é a realidade. A mensagem tem de ser essa. Não podes dizer que estás a perder. Mas Zelensky também tem de dizer que está em maus lençóis. Os aliados precisam de continuar a fornecer armas. O que é facto é que – e para alinhar com Zelensky – aquilo [guerra na Ucrânia] está muito mau. A contraofensiva falhou totalmente. Nós todos pensávamos que aquilo estava a avançar, e até estava, mas falhou. A Ucrânia cometeu um grande erro: não fazer barreiras defensivas naquilo que ia ganhando.

6) Enquanto estavas destacado na Ucrânia, os espaços de comentário sobre a guerra alcançaram, em média, 20 minutos no Prime Time e no CNN Meia Noite, enquanto que os teus diretos a partir de Kiev tiveram em média 5.

Isto não descredibiliza e descarta o trabalho jornalístico e uma contextualização que deve ser feita pelos jornalistas de internacional e pelos jornalistas que estão no terreno?

Não gosto de desbobinar informação. Gosto de diretos de conversa com o pivô. Isto tem muito a ver com a estratégia do editor, o que é que ele quer. Podíamos ter diretos mais longos com outro tipo de enquadramentos. Acho que deve dar-se sempre primazia ao terreno. O comentário é importante, tem outras visões, mas o terreno é o terreno. Quem está lá pode não ter a tal visão macro e internacional do que se está a passar, mas tem a visão micro de quem lá está e do que está a acontecer. Podia haver um maior equilíbrio entre o espaço de comentário e o espaço de direto. Por aquilo que me escrevem, as pessoas querem continuar a saber da guerra, mas querem continuar a ver coisas de lá e saber de coisas de lá. Isso deve ter sempre um destaque. Quando tens alguém no terreno, é preciso apostar nisso, dar espaço a isso. Não há nada mais interessante do que explicar. Dizer que caiu um míssil aqui, caiu outro ali...isso é básico. Mas porque é que isto caiu aqui? Qual

é o interesse desta região? Qual é o interesse deste alvo? Porque é que usaram este tipo de míssil para este tipo de alvo? Lembro-me de uma notícia sobre uma escola que foi atingida pelas forças russas. Na altura eu disse “relativamente à escola temos de esclarecer aqui uma situação: essa escola estava ocupada por militares, portanto, deixou de ser um objetivo civil a partir do momento em que estava ocupada por militares”. Passei por sítios onde veículos blindados estavam enfiados no meio das garagens das casas. Lá está a importância do explicar.

7) Na altura do aniversário da guerra, a jornalista Helena Lins falou no Agora CNN da polémica lei da mobilização e de Zelensky ter sido cauteloso quando falou desta questão, precisamente por ser um assunto muito preocupante dentro da Ucrânia. Na mesma altura, era emitida uma reportagem num centro de reabilitação sobre os amputados da guerra.

Achas que deveria haver uma maior aposta jornalística sobre os problemas sociais que se vivem na Ucrânia para também termos uma leitura mais próxima da política de Zelensky e dos seus efeitos na vida dos ucranianos?

Acho que os problemas sociais são muito importantes na Ucrânia. Isso é que faz com que as pessoas percebam qual é a realidade. Acho que devíamos ter uma espécie de equilíbrio em termos de temas de reportagem. As reportagens não aparecem todos os dias. Às vezes pensamos que vamos fazer uma reportagem, chegamos lá e não conseguimos fazer ou não há sequer motivo para. No terreno tenho alguma autonomia para escolher o que é que quero fazer. Não tenho grande imposição. Lembro-me de outra reportagem da escola *underground* em Kharkiv, que mostrava uma geração inteira a crescer em escolas debaixo do solo por causa dos alarmes e dos bombardeamentos. Isso é importante. É importante conhecer a realidade das mães que estão com os filhos sozinhos e que perderam os pais para a guerra. É importante falar sobre o aquecimento no inverno. É mais importante estar com as pessoas do que com os militares. Acho fascinante como é que podes estar o tempo todo debaixo de fogo. O social faz muita falta. Não tanto sobre a linha da frente, mas sobre o dia a dia.

8) Fazendo uma retrospectiva daquilo que viveste na Ucrânia, do cansaço da população e dos militares, dos ataques e mortes que testemunhaste, e tendo em conta que provavelmente a resolução do conflito será ceder território à Rússia, achas que Zelensky tem responsabilidade política pela forma como reagiu à ofensiva russa no início da guerra?

Zelensky tem muita responsabilidade, e acho que essa responsabilidade ainda lhe vai ser pedida. Aquilo que aconteceu em fevereiro de 24 não é uma questão de se acontecia mesmo ou se não acontecia. Zelensky sabe quem é que está do outro lado. Zelensky enquanto presidente falhou, porque ele devia de ter alertado a população e não levá-la ao caos que levou no dia 24. Conheço casos de pessoas que fugiram a pé de Kiev, a correr pelas estradas. Ele podia ter sido mais preventivo e alertar a população quando se começou a perceber que havia uma ameaça iminente. Ele foi surpreendido como todos nós, que pouco acreditávamos que aquilo fosse acontecer. Mas ele tem recursos que o cidadão comum não tem. Poderia ter preparado a população para isso e não preparou. O culpado de estarmos como estamos hoje chama-se Obama. Em 2014 podiam ter resolvido a situação. Biden era o vice-presidente e foi ele que foi enviado para negociar com Putin. Biden queria que houvesse apoio militar à Ucrânia quando foi a invasão da Crimeia e do Donbass e que houvesse imediatamente uma resposta ucraniana com o apoio dos aliados, mas não houve.

Anexo 2. Entrevista a Hugo Beleza

Editor de Internacional.

Queluz de Baixo, 12 de agosto de 2024.

1) Quando o Sérgio Furtado esteve na Ucrânia, os espaços de comentário sobre a guerra alcançaram, em média, 20 minutos no Prime Time e no CNN Meia Noite, enquanto que os diretos a partir de Kiev tiveram em média 5.

Isto não descredibiliza e descarta o trabalho jornalístico e uma contextualização que deve ser feita pelos jornalistas de internacional e pelos jornalistas que estão no terreno? E porque é que isto acontece? Porque é que há esta sobreposição do comentador ao jornalista?

Eu não acho que haja uma sobreposição, nem acho que descredibilize o trabalho jornalístico. O direto televisivo de um correspondente não é, nem deve ser, ele estar a falar de forma interminável. O que ele vai fazer no fundo é um género de uma peça em tempo real. Ele explica as circunstâncias em que esteve, tenta dar factos e enquadrar um determinado conflito desde a perspetiva de um enviado. Ele não está a dar opiniões ou a especular sobre cenários. Ele pode fazer análise, mas isso é outra coisa. O objetivo não é fazer comentário. Às vezes pode acontecer ele entrar num painel com um comentador mesmo estando na Ucrânia. O espaço de comentário, e particularmente no caso da CNN, é um painel em que são debatidos diversos temas com especialistas e em que os jornalistas e as peças televisivas lançam o debate. E o debate é algo feito com mais tempo, com mais respiração, com especialistas com um conhecimento mais profundo sobre determinados assuntos. Acho que é do interesse das pessoas haver diferentes perspetivas, haver uma pluralidade. Não quero um comentador que diga banalidades. Quero um comentador que nos dê informação.

2) Mas tendo em conta o desinvestimento na reportagem e esse espaço mais extenso de comentário, não poderíamos diversificar englobando mais jornalistas no debate?

Mas isso faz-se. Todo esse espaço de comentário não aparece do nada. Aparece no contexto e no seguimento de uma série de notícias e só depois se vai para o debate. Em todos os sítios do mundo, o debate é o espaço com mais tempo para se explicar ideias. Isso é importante. O espaço público televisivo exige tempo. Argumentar não pode ser

uma coisa de “olhe agora diga-me em cinco minutos aquilo que pensa sobre o assunto”. Isso é redutor. Isso sim tornava redutor o tratamento noticioso. Nós damos os factos, mas depois são assuntos com raízes muito profundas. É por isso que chamamos essas pessoas à antena. E ainda bem. Podemos discutir a questão do equilíbrio. Se achamos que há muito comentário, ou que há pouca reportagem. Nós estamos sempre em permanente afinação. Em relação à reportagem, a CNN mudou isso em Portugal. Trouxe algo novo: discutir os assuntos militares e diplomáticos, que antes eram residuais ou cingidos a uma ou duas pessoas. Há pluralidade. E nunca houve tanta reportagem. Quando começou a guerra na Ucrânia tivemos seis equipas destacadas. Isto nunca aconteceu antes. Quando estala a invasão em fevereiro de 2022 estivemos durante meses a destacar o assunto, com várias peças por dia.

3) Só que peças nem sempre são reportagens. Notícias com reações é uma coisa, reportagem é outra.

As notícias com reações não são reportagem, mas são notícia. É preciso ter noção de que estes assuntos ganham um certo cansaço mediático, mas não é por aí que tomamos as nossas decisões. Nós fazemos escolhas e a relevância tem a ver com isto: mísseis lançados sobre Kiev há um ano e meio eram notícia, hoje já não são, porque já não é novidade. Se analisarmos o fluxo noticioso e o que nos chega do material de agências também diminuiu significativamente. Tens dias em que não vem quase nada da Ucrânia. Porque é uma guerra de atrito, que não avança nem recua. Agora houve esta incursão ucraniana em solo russo. Isto é novidade. O meu papel enquanto editor é perceber, jogar e ver que meios é que temos e onde é que vamos alocá-los. Eu defendo que a reportagem é a área mais nobre do jornalismo. Exagera-se às vezes nos diretos. Preferia que o jornalista estivesse a fazer reportagem do que estar uma manhã a fazer a mesma coisa. Não se pode banalizar o direto. Eu prefiro um direto mais curto do que um direto longo. Não gosto do chamado «encher chouriços». Estar a repetir a mesma coisa sem haver novidade não faz sentido.

4) Apesar da pouca reportagem, na altura do aniversário da guerra houve uma aposta nas questões sociais ucranianas.

Este radar social e de reportagem não deveria ser uma constante para também termos uma leitura mais próxima da política de Zelensky e dos seus efeitos na vida dos ucranianos?

Nós quando podemos, fazemos. No caso da CNN às vezes há mais espaço para isso. Houve muitas alturas em que as manobras militares passaram em *off* e o que veio a seguir foi uma peça sobre questões sociais. Mas eu não vou estar a falar sobre o mercado do café em Kiev quanto tenho material na linha da frente para fazer reportagem. Mas damos as fugas, os resgates, voluntários que estão na linha da frente a salvaguardar as pessoas mais idosas para não ficarem para trás. Isso também exige que nós tenhamos material para trabalhar. Quando temos um correspondente lá o objetivo tem sido esse, fazer reportagens sobre essas coisas. Quando não temos, ou não conseguimos que ele esteja, temos de nos valer das agências noticiosas e é isso que tentamos fazer. Depois há limitações na própria redação. Há dias em que não temos pessoas para fazer isso, porque temos outros assuntos na ordem do dia mais urgentes.

5) No aniversário da guerra houve de facto esse objetivo de “vamos dar mais social”?

Claro que sim. E está sempre, não é só na questão do aniversário. Agora, por exemplo, a prioridade é dar os envolvimento no terreno na região de Kursk e Belgorod. No lado russo há evacuações que afetam muitas pessoas. Isso tem um lado social. Ou as fugas: pessoas que nunca mais voltaram a casa. Demos com grande destaque a questão dos refugiados, por exemplo. Já fomos com organizações levar ajuda. Portanto, há uma preocupação clara. Somos pessoas e trabalhamos com pessoas. Mas às vezes temos de fazer escolhas. O Sérgio está agora em Israel. A peça que passou hoje é uma peça de pessoas, de expectativas e ansiedades sobre a retaliação do Irão. E do lado palestino muitas vezes o que fazemos é contar histórias de pessoas. A guerra tem-se centrado em Gaza, temos ali muitas histórias para contar. Acho que o jornalismo deve contar histórias particulares. Só não nos podemos perder da notícia.

6) A CNN aposta na ameaça nuclear e sublinha o perigo que Putin representa para o Ocidente. Essa ênfase da CNN está mais relacionada com a busca por audiências do que com um cenário realmente possível?

Não, não está associado a uma busca por audiências.

7) Pergunto isto porque o Sérgio disse que a ameaça da central nuclear de Zaporíjia era um não assunto e mesmo assim mediatizámos o perigo de um acidente nessa região.

Eu não acho que não seja um não assunto, não concordo com isso. Acho que é um assunto muito sério. Putin disse que não ia invadir a Ucrânia e invadiu. Disse que não ia anexar

as regiões e anexou. Não podemos confiar. E além disso, eles tomaram uma central nuclear, e essas instalações até deviam de estar protegidas ao abrigo de leis internacionais, e o certo é que houve ali vários incidentes. Nunca nos podemos esquecer que o grande acidente nuclear na Europa aconteceu na Ucrânia. Ainda hoje não vive ninguém em Chernobyl. Tem havido várias ameaças nucleares por parte da Rússia. O antigo presidente russo, Medvedev, ameaçou n vezes. E não foi o único, nos programas de debate russo que nos chegam há pessoas a acharem que deveriam de ser lançadas bombas nucleares táticas. Putin recentemente disse que poderia ponderar alterar a doutrina nuclear russa, alterar as regras sobre em que circunstâncias elas podem ser usadas. Isto não é nenhuma brincadeira, nem podemos desvalorizar. Um incêndio ou uma bomba numa central nuclear é sempre notícia.

8) O período pré-eleitoral das eleições na Rússia foram identificadas pela CNN como a reeleição de Putin e foram muito veiculadas as ideias de que Putin é o líder supremo, que a Rússia não é a Rússia sem o Putin e que a máquina de propaganda estava muito bem oleada.

Este tipo de cobertura também não é propaganda?

Há uma coisa que não podíamos dizer: que a Rússia ia ter eleições transparentes. Quando há uma perseguição de opositores políticos, quando o Navalny estava preso e se viu o que aconteceu, não podemos tratar as eleições como se fossem normais. O papel do jornalista é fazer esse escrutínio. Entrar no jogo de Putin era nós esquecermos isso. Não há nada de regular naquilo, nada de democrático.

9) Mediatizámos repetidamente a pressão de Zelensky feita aos EUA sobre o pacote de ajuda e destacámos várias vezes a ideia de que a Ucrânia e a Europa ficariam à mercê de Putin se o apoio não chegasse.

A CNN foi atrás da estratégia política de Zelensky de “se não me ajudarem, são coniventes para com a política de Putin”?

Não, nós contámos a história. Não podíamos ignorar os repetidos pedidos de Zelensky e que os militares no terreno não tinham munições. Os próprios EUA se calhar não tinham os meios necessários. E quando tinham não havia meios políticos para desbloquear essa ajuda. Tentámos explicar. Zelensky esteve em várias cimeiras, viajou pelo mundo inteiro à procura de apoios. A falta de homens, o problema de recrutamento, o ter de ir recrutar às prisões como os russos... Nós contámos isso. Claro que há propaganda do lado

ucraniano e nós temos de estar atentos a isso. Numa guerra, a primeira vítima é a verdade. A Ucrânia acabou por fazer o que fez a Rússia em relação ao recrutamento de presos. E podemos discutir o que é que acontece a essas pessoas. Se foram carne para canhão...

10) A narrativa mediática da CNN sobre a guerra na Ucrânia vive muito do bate boca político, da personalização, dos ataques e do confronto entre os dois presidentes e também entre o Ocidente e a Rússia.

No meio desta guerra de narrativas e com as agências de notícias a serem as principais fontes noticiosas, como é que é feita esta gestão de jornalismo VS comunicação estratégica?

Nós tentamos sempre escudar-nos da propaganda. Por isso é que trabalhamos com agências de informação. Confio muito mais na informação que chega através das agências do que a informação que nos chega através das redes e nos telegrams. Desconfio sempre disso. Na dúvida, não uso. As agências fazem esse escrutínio e muitos jornais no mundo inteiro fazem o trabalho de verificação. E claro que esse material tem outro valor se for verificado. Se não foi verificado é uma mera curiosidade. E muitas vezes até nós conseguimos fazer alguma verificação e já aconteceu haver material que não é daquela circunstância, daquele dia, não é daquele país, não é sequer daquele século. Isso é um perigo. Temos de nos escudar e não ceder ao impulso de pôr aquilo no ar. As agências não estão a dormir para isso. Têm jornalistas especializados nessas áreas. É um bom indicador citarmos agências. Nós não gerimos um blogue ou um canal de YouTube. Não há jornalistas cidadãos. Isso foi um mito que surgiu. Nós temos fontes. Essas pessoas podem ser fontes, mas as fontes não são todas confiáveis. E não quer dizer que o façam [dar informação errada] de forma deliberada para te enganar. Por isso é que é bom atribuir a fonte.

Anexo 3. Entrevista a Carla Rodrigues

Jornalista da editoria de internacional e enviada especial à Ucrânia.

Cobriu, sobretudo, os primeiros meses após a invasão da Rússia. Esteve na Ucrânia em março, setembro e outubro de 2023.

Queluz de Baixo, 22 de agosto de 2024.

1) Zelensky substituiu o chefe das forças armadas ucranianas Zaluzhnyi numa altura em que a sua popularidade começa a desmoronar-se junto da opinião pública ucraniana e para afastar aquele que considerava ser um eventual concorrente de peso nas próximas eleições.

Este foi o momento em que Zelensky mostrou que também joga politicamente, mesmo no meio de uma guerra? E quando estiveste na Ucrânia, houve outros momentos em que notaste isso?

Ele joga sempre politicamente. O problema na Ucrânia é a questão da corrupção, que mina muito todas as infraestruturas de poder. Esta facilidade com que o presidente tem revezado os seus homens próximos pode revelar já algum desgaste e algum cansaço. Ele é aquele homem combativo e com o dom da comunicação, mas também é um homem que se lhe estala o verniz com muita facilidade. Não se sabe o que é que aconteceu para ele substituir Zaluzhnyi. Só que 2023 correu muito mal. Houve necessidade de substituição. O homem que está a comandar agora, Syrskyi, é também extremamente forte. Foi ideia dele fazer esta incursão pela Rússia. Zelensky tem feito muitas trocas, quer no aparelho dele mais próximo, nos assessores, quer também a nível de ministros. Esta facilidade de trocas demonstra instabilidade por dentro. Significa que Zelensky ou não tem confiança nas pessoas que lhe são próximas ou é demasiado intempestivo e muda as pessoas consoante a necessidade que ele entende. Há quem diga que Zelensky já teme pela liderança política.

2) Foi possível ver através da cobertura da CNN uma mudança na postura do presidente ucraniano, mais de crítica e de pressão para com os EUA sobre o apoio bloqueado no congresso, a dizer repetidamente que se o apoio não chegasse, as grandes cidades da Ucrânia e também a Europa ficariam à mercê de Putin.

A CNN foi atrás da estratégia de Zelensky de “se não me ajudarem, são coniventes para com a política de Putin”?

Não acho que seja uma questão de ir atrás. O acesso que tens de informação à Ucrânia ou o acesso que te dão é completamente diferente do acesso ao outro lado. A capacidade de informar e o volume de informação é desigual por si só. A verdade é que Zelensky está numa posição de pedinte. Quando alguém está dependente de outro a liberdade e a independência estão condicionadas. Zelensky está dependente de dinheiro, de material bélico que lhe chega ao país e fica numa posição muito mais vulnerável. Zelensky faz aquilo que pode fazer. Sobretudo agora, porque estamos em ano de eleições nos Estados Unidos. Não acho que a CNN vá atrás de uma narrativa em específico. Eu reporto o que se ouve todos os dias na Ucrânia. Estive em zonas em que os militares reinventavam material da Segunda Guerra mundial, e até da Primeira Guerra. Ouvi muito dizerem “por favor, não se esqueçam de nós”. Há muito medo do abandono. Há muito medo do esquecimento, justamente pela dependência em relação ao Ocidente. A guerra está a caminhar para os três anos. É uma realidade muito longínqua. Até para nós, que estamos na cauda da Europa. Então para os Estados Unidos é mesmo uma realidade que eles sentem que não têm nada a ver. Ao contrário do que se passa em Israel. A sociedade americana vai quase em uníssono a favor dos israelitas contra o terrorismo. Até porque os Estados Unidos foram vítima do 11 de setembro. Há uma ligação mais próxima, mais imediata e familiar. Zelensky tenta manter a Ucrânia no topo da atualidade, mas as imagens das casas destruídas, das pessoas mortas, dos deslocados já não são novidade.

3) Vladimir Putin também mudou de postura ao optar pela estratégia de proximidade à população na altura das presidenciais russas. Ao mesmo tempo, noticiámos que Putin era o líder supremo da Rússia, que a Rússia não era a Rússia sem o Putin.

O objetivo foi mostrar a simulação de transparência democrática que Vladimir Putin quer passar internamente?

A Rússia é uma autocracia. Não há necessidade de desvendar. A liberdade dos meios de comunicação social é nula na Rússia. O poder sobre a sociedade e o poder sobre as chefias militares está radicado na forma como é composta a sociedade russa. É através do poder central. Neste caso, Vladimir Putin. A Rússia não é uma autocracia assumida, mas quando vemos imagens – e correm sobretudo nas redes sociais – de homens armados a abrirem as cabines de voto, a ver quem é que está lá dentro, é fácil perceber que a liberdade de

voto é algo muito reduzido. Depois há o medo da população. Se votar contra, vota em quem? Há represálias a quem for contra o regime. É uma sociedade de medo.

4) Os espaços de comentário ultrapassaram em média 20 minutos no Prime Time e no CNN Meia Noite, enquanto que os diretos do Sérgio a partir de Kiev tiveram em média 5. Achas que isto descredibiliza o trabalho jornalístico e uma contextualização que deve ser feita pelos jornalistas de internacional e pelos jornalistas que estão no terreno?

Não, não acho. É inconcebível haver um direto de vinte minutos a não ser que seja uma coisa que esteja a acontecer no momento. Direto e espaço de comentário são dois produtos completamente diferentes. Não compete ao repórter no terreno fazer análise e aprofundar com o conhecimento que tem de política, economia, do que for.

5) Eu não digo haver diretos com 20 minutos, mas um maior equilíbrio entre o espaço de comentário e o direto.

Mas cinco minutos em direto é uma enormidade em televisão. Os diretos até devem ter muito menos tempo. No máximo três minutos. A não ser que esteja a acontecer mesmo alguma coisa. Até porque depois há o risco das pessoas se repetirem.

6) Essa é outra questão. Nota-se, por vezes, alguma banalização no direto.

Às vezes há. Às vezes corremos esse risco. Os canais por cabo, os canais 24 horas, recorrem muito aos diretos, à atualidade. Que atualidade é que tens diferente de meia em meia hora ou de quinze em quinze minutos? Por exemplo, os incêndios na Madeira são uma coisa completamente diferente. Os repórteres que estão lá não têm algo de muito diferente quando entram ao meio dia e depois entram ao meio dia e meia. Mas eles têm de pontuar. Isso já é estratégia da dinâmica dos jornais. Há esse risco de estarmos sempre a dizer de hora a hora a mesma coisa ou, como costume dizer, tentar “baralhar e dar de novo”. Isso corresponde às exigências do formato televisivo e à necessidade de encher uma hora ou duas horas.

7) No aniversário da guerra a jornalista Helena Lins falou no Agora CNN da polémica lei da mobilização e de Zelensky ter sido cauteloso quando falou desta questão precisamente por ser um assunto muito preocupante dentro da Ucrânia. Na mesma altura, era emitida uma reportagem sobre os amputados da guerra.

Achas que deveria haver uma maior aposta jornalística sobre os problemas sociais que se vivem na Ucrânia para também termos uma leitura mais próxima da política de Zelensky e dos seus efeitos na vida dos ucranianos?

Eu, de todas as vezes que lá estive, fiz reportagem quase todos os dias. É dada liberdade a cada um de fazer o que entende. Eu aposto muito na reportagem. A reportagem é o produto *premium* da casa, é o que marca a diferença. Diretos há milhentos. O que te avalia como repórter é a capacidade que tens de contar histórias, sobretudo histórias que já não são novas. Aposto muito nisso porque é aquilo que eu acho que devo fazer. É para isso que vou lá.

8) A CNN aposta na ameaça nuclear e sublinha o perigo que Putin representa para o Ocidente. O Sérgio acha que essa possibilidade para já é remota e que a central nuclear de Zaporíjia não necessitava de tanto palco porque não há perigo iminente. Já o Hugo Beleza disse-me que este assunto devia de ser olhado com seriedade.

O que é que tu achas sobre isto? O nuclear tem mais a ver com uma busca por audiências ou com um cenário realmente possível? E até que ponto é que isto não alimenta a estratégia de Putin de incentivar o medo e enfraquecer o Ocidente?

A palavra nuclear fala por si só. Merece toda a atenção, toda a sensibilidade e todo o cuidado. A partir do momento em que tens uma sociedade autocrática fechada nela própria nunca consegues controlar a 100%, nem a 60%, nem a 30% o que vem dali. Concordo mais com o Beleza. Acho que se deve ter todo o cuidado e toda a cautela em relação a isso. O Ocidente tem de ter muito cuidado em relação aos avisos que chegam da Rússia, e acho que às vezes são desvalorizados. Não sei o que é que Putin é capaz de fazer amanhã.

9) A morte de Alexei Navalny é um bom exemplo de como a narrativa mediática da CNN sobre a guerra na Ucrânia vive muito de bate boca político, da personalização, dos ataques e do confronto entre os dois presidentes e também entre o Ocidente e a Rússia.

No meio desta guerra de narrativas e com as agências de notícias a serem as principais fontes noticiosas, como é que é feita esta gestão de jornalismo VS comunicação estratégica? E estando nós integrados nesta visão ocidental do conflito, como é que o jornalista faz esse distanciamento?

Não há nada melhor do que estares no terreno. Propaganda há sempre dos dois lados. É impossível saber a verdade absoluta. É impossível filtrares a 100% o que te chega. É através do discernimento como jornalista que consegues separar por onde deves ir e por onde não deves.

10) Fazendo uma retrospectiva daquilo que viveste na Ucrânia, do cansaço da população e dos militares, dos ataques e mortes que testemunhaste, e tendo em conta que provavelmente a resolução do conflito será ceder território à Rússia, achas que Zelensky tem responsabilidade política pela forma como reagiu à ofensiva russa no início da guerra?

Eu acho que ele reagiu brilhantemente nessa fase. Ninguém acreditava que aquilo ia acontecer. Zelensky foi avisado pelos EUA no ano anterior. Já estava a ser avisado há meses largos que ia acontecer. O próprio presidente não acreditou que aquilo ia acontecer. As ameaças claro que eram muitas, eram reais, mas ele não acreditou. Acho que foi pela forma como reagiu à ofensiva que Zelensky se deu a conhecer ao mundo. E foi assim que o mundo lhe ganhou respeito. Como é que um homem cómico, um antigo ator, revelou tamanha capacidade política e intelectual de se fazer mostrar e de fazer acreditar na causa ucraniana.

Anexo 4. Entrevista a Helena Lins

Jornalista da editoria de internacional e enviada especial à Ucrânia.

É a mais jovem jornalista da equipa de internacional e foi a única que falou diretamente com Volodymyr Zelensky. Trabalha também em investigações em Portugal com a equipa daquele que foi o maior opositor de Vladimir Putin: Alexei Navalny.

Queluz de Baixo, 28 de agosto de 2024.

1) Zelensky substitui o chefe das forças armadas ucranianas Zaluzhnyi numa altura em que a sua popularidade começa a desmoronar-se junto da opinião pública ucraniana e para afastar aquele que considerava ser um eventual concorrente de peso nas próximas eleições.

Este foi o momento em que Zelensky mostrou que também joga politicamente, mesmo no meio de uma guerra? E quando estiveste na Ucrânia, houve outros momentos em que notaste isso?

Zelensky é um político. Há sempre movimentações políticas e preocupações políticas. Estive na grande conferência de imprensa que Zelensky deu no final de 2023 para fazer um balanço do ano e na altura já havia o tema de eleições na Ucrânia. Havia a preocupação de “se não acontecerem demonstra uma fraqueza democrática.” Por outro lado, num contexto de guerra, como é que se organizam essas eleições tendo em conta a quantidade de população que não está na Ucrânia? Como é que garantes a segurança dessa votação? Também já se falava dos atritos com Zaluzhnyi. Os media nacionais estavam muito centrados na equipa mais próxima de Zelensky, se ele ia ou não trocar pessoas próximas. Na altura ele disse que não iria, porque isso iria enfraquecer a Ucrânia. Notei que ele falava muito da unidade ucraniana. Perguntei-lhe se ele estava preocupado com uma falta de união quer do povo ucraniano em relação à guerra quer em relação a ele enquanto presidente. Ele não se tentou defender. Não ficou na defensiva. Ele disse que se as pessoas já não o apoiarem haverá um momento em que elas poderão mostrá-lo, mas que neste momento da guerra o que interessa é vencer. Houve um momento em que ele disse: “a união é a nossa arma”. Este tem sido o slogan da Ucrânia. Desde o início que os ucranianos se uniram muito. E uniram-se muito em relação ao presidente. Fiz entrevistas com ucranianos refugiados e com ucranianos que estavam na Ucrânia em abrigos antiaéreos e eles repetiam muito as mensagens do presidente. Hoje quando falamos com soldados há uma pequena diferença entre aquilo que nos dizem em *off the record* e depois

o que sentimos *on the record*. Em *on the record* eles ainda mantêm esta postura de apoiar a narrativa do país. Porque eles sabem que se houver a percepção de desentendimento isso vai ser interpretado como uma fraqueza pela Rússia.

2) Foi possível ver através da cobertura da CNN uma mudança na postura do presidente ucraniano, mais de crítica e de pressão para com os EUA sobre o apoio bloqueado no congresso, a dizer repetidamente que se o apoio não chegasse, as grandes cidades da Ucrânia e também a Europa ficariam à mercê de Putin.

A CNN foi atrás da estratégia de Zelensky de “se não me ajudarem, são coniventes para com a política de Putin”?

Todos os dias temos um ficheiro “Zelensky noite”. É o tal discurso diário do presidente ucraniano. Quando estava na conferência de imprensa apercebi-me que finalmente estava a fazer uma pergunta à pessoa que eu mais citei nos últimos dois anos. Foi o líder político de quem mais falei desde o início do conflito. Claramente estamos num lado desta guerra. Estamos no lado da Ucrânia, no lado Ocidental, no lado dos aliados. Acabamos por falar mais da Ucrânia; não propositadamente, mas pela posição geográfica onde estamos e pela falta de comunicação e transparência por parte da Rússia. Numa guerra, a primeira vítima é a verdade. Estamos sempre a comunicar um dos lados. Podemos chamar propaganda ao lado russo, e temos feito isso, porque há de facto propaganda. E podemos chamar narrativa de guerra do lado ucraniano. É difícil enquanto jornalistas verificarmos. Tendemos a achar que um lado diz mais a verdade do que o outro. O que quer que nós jornalistas estejamos a fazer, muito dificilmente o estamos a fazer sabendo toda a verdade. Há quem seja mais cauteloso ao passar informação, há quem seja menos, porque há esta simplificação do discurso e também o tempo da emissão. Ao simplificar um assunto complexo às vezes perde-se. Depois há verdades que tu sabes que são verdade. Sabes que há propaganda na Rússia. O *background* de Putin tem de se ter em conta. Ele vem das secretas. Mentir é a formação destas pessoas. O que Putin diz pode não ser verdade.

3) Vladimir Putin também mudou de postura ao optar pela estratégia de proximidade à população na altura das presidenciais russas. Ao mesmo tempo, noticiámos que Putin era o líder supremo da Rússia, que a Rússia não era a Rússia sem o Putin.

O objetivo foi desvendar a simulação de transparência democrática que Vladimir Putin quer passar internamente?

Acho que para os russos também é claro quem é Vladimir Putin. Há quem acredite que, apesar de tudo, Putin mantém o país unido e com uma força a nível internacional. Há quem claramente não ache isso. E muitos deles já não estão na Rússia. Os nossos políticos em tempo de eleições fazem uma proximidade desmesurada à população. Não há nada aqui de exclusivo. Acho que é algo transversal a qualquer país. No caso dele nota-se mais porque fora desse contexto está sempre mais distante. Mas ele volta e meia tem estes momentos. Recentemente houve a troca de prisioneiros com o Ocidente e Putin foi recebê-los ao avião pessoalmente. Ele encena encontros tanto para a comunicação pública russa, mas também para a comunicação pública internacional. Até porque ele não fala só para o Ocidente. Ele também fala para África e para a América do Sul e aí já tens países que não estão claramente alinhados com o Ocidente e que a Rússia ainda tem muita influência do ponto de vista da narrativa.

4) Os espaços de comentário ultrapassaram em média 20 minutos no Prime Time e no CNN Meia Noite, enquanto que os diretos do Sérgio a partir de Kiev tiveram em média 5.

Achas que isto descredibiliza o trabalho jornalístico e uma contextualização que deve ser feita pelos jornalistas de internacional e pelos jornalistas que estão no terreno?

Não sei se descredibiliza. Acho que é complementar. É incomparável um direto de um jornalista no terreno e um espaço de comentário. O jornalista no terreno está a dar as “últimas”. Muitas vezes está assoberbado com muita informação que chega e o problema aí é a verificação dessa informação. O comentador está em estúdio, num ambiente mais controlado, e acredito que tenha mais tempo para aprofundar o assunto. O CNN Prime Time e o Meia Noite são espaços informativos com mais comentário. É o formato. Já passou um dia inteiro de notícias e, portanto, ali faz-se a análise das notícias do dia. Alimentar um canal de notícias 24 horas é complicado. Os comentadores muitas vezes preenchem este espaço. Dificilmente conseguirias preencher 24 horas só com reportagens e peças jornalísticas. Ou conseguirias, mas tinha de haver um outro tipo de investimento. Acho que isto é um compromisso. Há coisas que nós jornalistas não podemos dizer. Nós estamos aqui para dar os factos. Não podemos passar a linha de análise ou de comentário. Podemos dar a entender certas coisas, por situações que nós já conhecemos do passado e que relembramos para as pessoas entenderem através dessa comparação o que determinada coisa pode significar. Daí eu ter cuidado naquilo que digo quando vou à

antena. Quando um jornalista vai à emissão para falar sobre algum acontecimento corre o risco de resvalar para a opinião.

5) E sobre a maior presença de diretos ao invés de reportagens? O que é que achas sobre isso? Sentes que a exigência do direto te tirou tempo para aprofundar outras histórias?

Sim, sim. Acho que isso é transversal aos jornalistas que estão no terreno. Os diretos tiram imenso tempo para reportagem. Mas isto faz parte da realidade que vivemos hoje em televisão: dá-se primazia aos diretos para mostrar que há lá um jornalista. Acho que tem a ver com alguma autopromoção do canal e com o imediatismo. Quando estava na Ucrânia cheguei a dizer que não fazia sentido entrar em direto porque ia dar exatamente a mesma coisa que tinha dado na hora antes porque não se tinha passado mais nada. As coisas também se alteram. Podemos ter uma reportagem marcada, mas à luz dos últimos acontecimentos essa reportagem pode já não ser uma prioridade. É uma gestão difícil.

6) No aniversário da guerra houve uma aposta em temas mais sociais da Ucrânia. Estiveste no Agora CNN a falar sobre a polémica lei da mobilização e de Zelensky ter sido cauteloso quando falou desta questão precisamente por ser um assunto muito preocupante dentro da Ucrânia.

Achas que deveria haver uma maior aposta jornalística sobre os problemas sociais que se vivem na Ucrânia para também termos uma leitura mais próxima da política de Zelensky e dos seus efeitos na vida dos ucranianos?

Sim, deveria de ser mais falado, porque é isso que mostra a realidade do país. Quando volto da Ucrânia, em janeiro, e digo: “as tropas estão cansadas; há um centro de reabilitação construído para a população que tem mais de metade das camas ocupadas por militares” isto demonstra o país. No início da guerra houve muito foco nos refugiados, que mostra uma política europeia de acolher estas pessoas e facilitar a movimentação destas pessoas que não são da União Europeia. Depois passámos mais para a estratégia de guerra, explicar militarmente do que é que estamos a falar, sobre zonas ocupadas e não ocupadas. Ou seja, o foco em questões sociais, em questões militares ou em questões políticas foi-se mexendo à medida que a guerra se foi desenrolando. Nos dois anos de guerra porque é que falámos tanto dos amputados? Porque tinha estado lá há pouco tempo e, de facto, foi o que mais vi e senti. O tipo de cobertura tem a ver com os tempos da guerra. Ainda há outros temas que talvez vamos falar mais à frente. Muitas vezes as

vítimas não estão prontas para falar. Há questões sociais que envolvem vítimas que normalmente são faladas mais tarde. Eu, que trabalho direitos humanos e questões sociais, acabo por ter mais sensibilidade para focar-me mais nesses temas.

7) A CNN aposta na ameaça nuclear e sublinha o perigo que Putin representa para o Ocidente. O Sérgio acha que essa possibilidade para já é remota e que a central nuclear de Zaporíjia não necessitava de tanto palco porque não havia perigo iminente. Já o Hugo Beza disse-me que este assunto devia de ser olhado com seriedade, até porque Putin disse que não invadia a Ucrânia e também invadiu.

O que é que tu achas sobre isto? O nuclear tem mais a ver com uma busca por audiências ou com um cenário realmente possível? E até que ponto é que isto não alimenta a estratégia de Putin, de incentivar o medo e enfraquecer o Ocidente?

Acho que às vezes enfatizamos mais a questão do nuclear e outras menos, consoante as declarações que nos chegam. Às vezes chegam declarações mais exaltadas, mais urgentes, e outras vezes mais cautelosas. Não podemos desvalorizar aquilo que é dito, porque não deixa de ser uma realidade. Mas também já houve várias situações em que Putin podia ter cumprido a ameaça e não o fez. Também não podemos dizer nunca. Na altura da Guerra Fria havia esta escalada nuclear, esta corrida ao armamento, nenhum dos lados sabia exatamente o que é que o outro lado tinha. Havia muito bluff para assustar o outro lado e vice-versa. Neste momento, os dois lados sabem o que cada lado tem. Todas estas ameaças que não se concretizam, ou que não se concretizaram até agora, mostra que não há muita vontade, não há muito interesse no nuclear. O nuclear é muito usado como ameaça. Acho que a aposta nesta questão pode ter a ver com audiências, mas isso funciona até um certo ponto, porque depois há um cansaço mediático.

8) Quando Alexei Navalny morreu a cobertura da CNN focou as várias reações dos líderes ocidentais, que culpabilizaram de imediato Vladimir Putin pela morte do opositor.

Mais tarde, os EUA vieram dizer que Putin não estava envolvido na morte de Navalny. A visão ocidental do conflito pode, por vezes, precipitar o que é mediatizado?

No dia da morte de Navalny eu fui à antena. Sou talvez a jornalista na redação que tem mais proximidade a este tema, porque colaborei diretamente com a equipa de Navalny em investigações aqui em Portugal. Lembro-me de estar em antena e ter algum cuidado

naquilo que dizia, porque quando estava no ar ainda nem sequer havia a confirmação oficial de que Navalny estava morto. Há coisas em relação às quais não nos podemos antecipar, mas que sabemos que é uma questão de tempo até chegar a informação. Depois há a questão do “querer dar primeiro”. Os EUA dizem que Putin não esteve envolvido. Mas houve muito impasse, e ainda há, em libertar informação sobre como é que morreu. Há pouco tempo a mãe e a mulher de Navalny receberam um parecer dos médicos sobre como terá morrido. É tudo muito dúbio. O relatório enumera vários problemas de saúde e diz que a causa da morte foi algo quase banal. Como é que isso acontece? Como é que uma pessoa pouco tempo antes apareceu em público e parecia estar bem? Acho que este assunto ainda não está concluído. Uma coisa é certa: ele era o maior opositor de Vladimir Putin, o que mais pessoas mobilizava. Era suposto ele fazer parte de uma troca de prisioneiros. Porque é que ele morre pouco tempo antes? O que é que isso traria para a Rússia?

9) Fazendo uma retrospectiva daquilo que viveste na Ucrânia, do cansaço da população e dos militares, dos ataques e mortes que testemunhaste, e tendo em conta que provavelmente a resolução do conflito será ceder território à Rússia, achas que Zelensky tem responsabilidade política pela forma como reagiu à ofensiva russa no início da guerra?

Ninguém acreditava que era possível. Quando a guerra começou lembro-me de colegas dizerem “este homem [Putin] está louco”. Lembro-me de pensar: “louco ele não está”. Isto é uma lógica diferente de pensamento. A forma de pensar de quem viveu na União Soviética e no bloco socialista é diferente da de quem viveu ou vive no Ocidente. Isso não desaparece com a queda do muro. Lembro-me de correspondentes de meios de comunicação ocidentais que viviam na Rússia há anos dizerem nas entrevistas que se sentiam mal pelo facto de não terem previsto que isto ia acontecer. Eles próprios não viram isto a acontecer. Mas a verdade é que em 2014 aconteceu e ninguém deu muita importância. Essa é uma das coisas que os ucranianos apontam o dedo ao Ocidente. Há quem diga que foi isso que deu mais força a Putin, do género: “se ninguém fez nada quando a Crimeia foi anexada, então posso continuar.” Este é um dos argumentos para os ucranianos dizerem que se Putin não for travado, continuará além Ucrânia. Se estes argumentos fazem sentido? Fazem. Se são verdade ou não, é muito difícil dizer.

Anexo 5. Grelha de Análise

VARIÁVEIS QUALITATIVAS

DIMENSÃO TEMPORAL	CATEGORIAS DAS VARIÁVEIS
1. MÊS	fevereiro março
DIMENSÃO ESPACIAL	
2. PROVENIÊNCIA	CNN Internacional CNN Portugal Reuters Associated Press Não menciona N/A (não aplicável)
3. JORNAL	Agora CNN CNN Prime Time CNN Meia Noite
DIMENSÃO FORMAL	
4. EQUIPA DO JORNALISTA	Editoria de Internacional Desk TVI/CNN Portugal Outras editorias Pivot Correspondente
5. TEMÁTICA	Produção de armamento Projeto militar Política de guerra Ajuda da UE/EUA Adesão à NATO Ataques no campo de batalha Ataques pessoais/políticos Ameaça nuclear Ameaça para a UE/Ocidente Confronto com o Ocidente Visitas oficiais Proposta de paz

6. PROTAGONISTA	Putin Zelensky
7. GÉNERO JORNALÍSTICO	Vivo Off Notícia com reações Reportagem Direto Ontape (falso direto) Explicador N/A (não aplicável)
8. ENTREVISTA/COMENTÁRIO EM ESTÚDIO	Sim Não
9. PRINCIPAL VALOR-NOTÍCIA	Dia noticioso Simplificação Consonância Amplificação Personalização Dramatização
10. PROMO	Sim Não

Anexo 6. Categorização do corpus

Nº peça	Nome no alinhamento	Autoria	Data	Minutos	Mês	Proveniência	Jornal	Equipa Do Jornalista	Temática Predominante	Protagonista	Gênero Jornalístico	Entrevista Comentário Em Estúdio	Principal Valor-Notícia	Promo
1	Dinheiros Ucrânia	Hélina Lins	01/fev/24	00:01:41	fevereiro	Não menciona	CNN Prime Time	Edição Internacional	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Notícia com reações	Não	Da noticioso	Sim
2	Renovação Ucrânia	Miguel Cabral de Melo	02/fev/24	00:00:45	fevereiro	Não menciona	CNN Prime Time	Edição Internacional	Política de guerra	Zelensky	Notícia com reações	Não	Dramatização	Não
3	Entrevista comentário	N/A	03/fev/24	00:09:20	fevereiro	N/A	CNN Prime Time	N/A	Política de guerra	Zelensky	N/A	Sim	Dramatização	Não
4	VIVO Zelensky	Miguel	03/fev/24	00:00:39	fevereiro	Associated Press	CNN Prime Time	Desk da TV/CNN	Política de guerra	Zelensky	Vivo	Não	Da noticioso	Não
5	Entrevista comentário	N/A	03/fev/24	00:17:00	fevereiro	N/A	CNN Prime Time	N/A	Política de guerra	Zelensky	N/A	Sim	Dramatização	Sim
6	Putin cesar-fogo	Miguel	04/fev/24	00:00:47	fevereiro	Reuters	CNN Prime Time	Desk da TV/CNN	Confronto com o Ocidente	Putin	Off	Não	Amplificação	Sim
7	Entrevista comentário	N/A	03/fev/24	00:15:00	fevereiro	N/A	CNN Prime Time	N/A	Confronto com o Ocidente	Putin	N/A	Sim	Amplificação	Não
8	Putin Biden	Rolando Santos	05/fev/24	00:01:36	fevereiro	Não menciona	CNN Prime Time	Edição Internacional	Ataques pessoais políticos	Putin	Notícia com reações	Não	Personalização	Não
9	Entrevista comentário	N/A	03/fev/24	00:09:00	fevereiro	N/A	CNN Prime Time	N/A	Ameaça para a UE/Ocidente	Putin	N/A	Sim	Dramatização	Não
10	Morte Navalny	Joana Miranda	03/fev/24	00:00:46	fevereiro	Não menciona	CNN Prime Time	Desk da TV/CNN	Ataques pessoais políticos	Putin	Off	Não	Da noticioso	Sim
11	Morte Navalny	Hugo Boleza	03/fev/24	00:02:16	fevereiro	Não menciona	CNN Prime Time	Edição Internacional	Ataques pessoais políticos	Putin	Notícia com reações	Não	Dramatização	Sim
12	Direto Kiev	Sérgio Furtado	06/fev/24	00:03:00	fevereiro	CNN Portugal	CNN Prime Time	Edição Internacional	Ataques pessoais políticos	Putin	Direto	Não	Dramatização	Não
13	Entrevista comentário	N/A	06/fev/24	00:24:00	fevereiro	N/A	CNN Prime Time	N/A	Ataques pessoais políticos	Putin	N/A	Sim	Dramatização	Não
14	Putin Av-divka	Marganda Pires	06/fev/24	00:01:08	fevereiro	Reuters	CNN Prime Time	Desk da TV/CNN	Ataques no campo de batalha	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
15	Entrevista comentário	N/A	06/fev/24	00:14:00	fevereiro	N/A	CNN Prime Time	N/A	Ataques no campo de batalha	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
16	Vivo Putin Biden	Verónica	06/fev/24	00:10:10	fevereiro	Reuters	CNN Prime Time	Desk da TV/CNN	Ataques pessoais políticos	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
17	Direto Luis Costa Ribas	Luis Costa Ribas	07/fev/24	00:03:00	fevereiro	CNN Portugal	CNN Prime Time	Correspondente	Ataques pessoais políticos	Putin	Off	Não	Personalização	Não
18	Medvedev para Kiev	Rolando Santos	07/fev/24	00:01:30	fevereiro	Não menciona	CNN Prime Time	Edição Internacional	Política de guerra	Zelensky	Notícia com reações	Não	Personalização	Sim
19	Entrevista comentário	N/A	07/fev/24	00:44:00	fevereiro	N/A	CNN Prime Time	N/A	Política de guerra	Putin	N/A	Sim	Dramatização	Não
20	Putin fala	Teresa Rodrigues	08/fev/24	00:00:52	fevereiro	Não menciona	CNN Prime Time	Desk da TV/CNN	Ameaça nuclear	Putin	Off	Não	Dramatização	Sim
21	(Cola)/Vivo Putin	Teresa Rodrigues	08/fev/24	00:00:46	fevereiro	Não menciona	CNN Prime Time	Desk da TV/CNN	Produção de armamento	Putin	Vivo	Não	Da noticioso	Sim
22	Entrevista comentário	N/A	08/fev/24	00:14:00	fevereiro	N/A	CNN Prime Time	N/A	Projeto militar	Putin	N/A	Sim	Consonância	Sim
23	Entrevista comentário	N/A	08/fev/24	00:18:00	fevereiro	N/A	CNN Prime Time	N/A	Confronto com o Ocidente	Putin	N/A	Sim	Simplificação	Não
24	Conferência Paris	Miguel Cabral de Melo	08/fev/24	00:00:29	fevereiro	Não menciona	CNN Prime Time	Edição Internacional	Confronto com o Ocidente	Zelensky	Notícia com reações	Não	Amplificação	Não
25	Troca Navalny	Rolando Santos	08/fev/24	00:00:43	fevereiro	Não menciona	CNN Prime Time	Desk da TV/CNN	Ataques pessoais políticos	Putin	Off	Não	Amplificação	Não
26	Putin ameaça	Rolando Santos	08/fev/24	00:02:09	fevereiro	Não menciona	CNN Prime Time	Edição Internacional	Ameaça nuclear	Putin	Notícia com reações	Não	Dramatização	Sim
27	Putin 2023 vs 2024	Quimino	08/fev/24	00:01:30	fevereiro	Não menciona	CNN Prime Time	Desk da TV/CNN	Confronto com o Ocidente	Putin	Explicador	Não	Amplificação	Não
28	Entrevista comentário	N/A	09/fev/24	00:14:00	fevereiro	N/A	CNN Prime Time	N/A	Ameaça nuclear	Putin	N/A	Sim	Dramatização	Não
29	Direto Kiev	Sérgio Furtado	09/fev/24	00:05:00	fevereiro	CNN Portugal	Agora CNN	Edição Internacional	Política de guerra	Zelensky	Direto	Não	Personalização	Não
30	Ministros em Kiev	João Santos	09/fev/24	00:00:43	fevereiro	Não menciona	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Visitas oficiais	Zelensky	Off	Não	Da noticioso	Não
31	Direto Kiev	Rolando Santos	09/fev/24	00:04:20	fevereiro	CNN Portugal	Agora CNN	Edição Internacional	Ataques pessoais políticos	Zelensky	Direto	Não	Da noticioso	Não
32	Vivo apoiante Trump	Enica	09/fev/24	00:00:46	fevereiro	Não menciona	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ataques pessoais políticos	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
33	Opositor Putin	Nuno de Sousa Moreira	09/fev/24	00:00:45	fevereiro	Não menciona	Agora CNN	Pivot	Política de guerra	Putin	Off	Não	Personalização	Não
34	Direto Kiev	Sérgio Furtado	09/fev/24	00:03:00	fevereiro	CNN Portugal	Agora CNN	Edição Internacional	Política de guerra	Zelensky	Direto	Não	Personalização	Não
35	Ontape Ucrânia	Natacha	09/fev/24	00:02:11	fevereiro	CNN Internacional	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Política de guerra	Zelensky	Ontape	Não	Personalização	Sim
36	Vivo Putin Nato	Enica	09/fev/24	00:01:21	fevereiro	Reuters	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Confronto com o Ocidente	Putin	Vivo	Não	Amplificação	Não
37	Vivo Putin EUA e Paz	Enica	10/fev/24	00:01:25	fevereiro	Reuters	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Confronto com o Ocidente	Putin	Vivo	Não	Amplificação	Não
38	USÁ aprova	Filipa Tojal	12/fev/24	00:00:34	fevereiro	Rede social X	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Off	Não	Da noticioso	Não
39	Reax Zelensky X	Filipa Tojal	13/fev/24	00:00:40	fevereiro	Reuters	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Vivo	Não	Da noticioso	Não
40	Vivo Putin Biden	Enica	13/fev/24	00:01:11	fevereiro	Reuters	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ataques pessoais políticos	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
41	Vivo Stoltenberg EUA	Enica	13/fev/24	00:00:43	fevereiro	Reuters	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ajuda da UE/EUA	Putin	Vivo	Não	Dramatização	Sim
42	Zelensky visitas	Filipa Silveira	13/fev/24	00:00:29	fevereiro	Não menciona	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Visitas oficiais	Zelensky	Off	Não	Personalização	Não
43	Navalny super	Teresa Rodrigues	13/fev/24	00:01:50	fevereiro	Não menciona	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ataques pessoais políticos	Putin	Off	Não	Da noticioso	Não
44	Vivo Zelensky	Joana Lima	13/fev/24	00:00:34	fevereiro	Reuters	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ataques pessoais políticos	Zelensky	Vivo	Não	Personalização	Não
45	Reax Blinken	Joana Lima	13/fev/24	00:00:38	fevereiro	Reuters	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ataques pessoais políticos	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
46	Reax Cravinho	Daniela	14/fev/24	00:00:31	fevereiro	Rede social X	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ataques pessoais políticos	Putin	Off	Não	Personalização	Não
47	Entrevista comentário	N/A	14/fev/24	00:13:00	fevereiro	N/A	Agora CNN	N/A	Ataques pessoais políticos	Putin	N/A	Sim	Dramatização	Não
48	Direto Von der Leyen	Daniela	15/fev/24	00:00:29	fevereiro	Rede social X	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ataques pessoais políticos	Putin	Off	Não	Personalização	Não
49	Reax Borrell	Daniela	15/fev/24	00:00:44	fevereiro	Rede social X	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ataques pessoais políticos	Putin	Off	Não	Personalização	Não
50	Entrevista comentário	N/A	15/fev/24	00:13:00	fevereiro	N/A	Agora CNN	N/A	Ataques pessoais políticos	Putin	N/A	Sim	Dramatização	Não
51	Gasparov	Daniela	15/fev/24	00:00:31	fevereiro	Rede social X	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ataques pessoais políticos	Putin	Off	Não	Personalização	Não
52	Entrevista comentário	N/A	15/fev/24	00:16:00	fevereiro	N/A	Agora CNN	N/A	Ameaça para a UE/Ocidente	Putin	N/A	Sim	Dramatização	Não
53	Direto Stephanie	Stephanie Palma	15/fev/24	00:04:00	fevereiro	CNN Portugal	Agora CNN	Correspondente	Visitas oficiais	Zelensky	Direto	Não	Da noticioso	Não
54	Reax D'Ambron	Joana Lima	15/fev/24	00:00:36	fevereiro	Reuters	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ataques pessoais políticos	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
55	Mulher Navalny	Daniela	15/fev/24	00:01:15	fevereiro	Reuters	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ataques pessoais políticos	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
56	Entrevista comentário	N/A	15/fev/24	00:11:00	fevereiro	N/A	Agora CNN	N/A	Ataques pessoais políticos	Putin	N/A	Sim	Dramatização	Não
57	Vivo Reax Von der Leyen	Joana Lima	15/fev/24	00:00:40	fevereiro	Associated Press	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ataques pessoais políticos	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
58	Entrevista comentário	N/A	15/fev/24	00:07:00	fevereiro	N/A	Agora CNN	N/A	Ataques pessoais políticos	Putin	N/A	Sim	Dramatização	Não
59	Direto Stephanie	Stephanie Palma	16/fev/24	00:03:00	fevereiro	CNN Portugal	Agora CNN	Correspondente	Visitas oficiais	Zelensky	Direto	Não	Da noticioso	Não
60	Entrevista comentário	N/A	16/fev/24	00:07:00	fevereiro	N/A	Agora CNN	N/A	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	N/A	Sim	Da noticioso	Não
61	Vivo Mulher Navalny	Patricia Lima Leitão	16/fev/24	00:00:27	fevereiro	Não menciona	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ataques pessoais políticos	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
62	Mulher Navalny	Hugo Boleza	16/fev/24	00:00:29	fevereiro	Não menciona	Agora CNN	Edição Internacional	Ataques pessoais políticos	Putin	Off	Não	Dramatização	Sim
63	Vivo Peskov Navalny	Jássica	16/fev/24	00:00:37	fevereiro	Associated Press	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ataques pessoais políticos	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
64	Vivo Von der Leyen	Inês Pereira	16/fev/24	00:00:42	fevereiro	Não menciona	Agora CNN	Outras editorias	Ataques pessoais políticos	Putin	Vivo	Não	Amplificação	Não
65	Medalhas Putin	Joana Lima	16/fev/24	00:00:31	fevereiro	Reuters	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Política de guerra	Putin	Off	Não	Da noticioso	Não
66	Últimas Ucrânia	Rolando Santos	16/fev/24	00:01:55	fevereiro	Não menciona	Agora CNN	Edição Internacional	Projeto militar	Putin	Notícia com reações	Não	Amplificação	Não
67	Russos quem Kiev	Rolando Santos	16/fev/24	00:02:14	fevereiro	Não menciona	Agora CNN	Edição Internacional	Projeto militar	Zelensky	Notícia com reações	Não	Amplificação	Não
68	Entrevista comentário	N/A	16/fev/24	00:13:00	fevereiro	N/A	Agora CNN	N/A	Projeto militar	Putin	N/A	Sim	Amplificação	Não
69	Zelensky off	Júrgio Lima	16/fev/24	00:00:52	fevereiro	Não menciona	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Projeto militar	Zelensky	Off	Não	Amplificação	Não
70	Direto Ont	N/A	16/fev/24	00:02:00	fevereiro	Associated Press	Agora CNN	N/A	Ataques pessoais políticos	Putin	Direto	Não	Dramatização	Não
71	Vivo Zelensky apoio	Joana Lima	16/fev/24	00:00:42	fevereiro	Reuters	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ameaça para a UE/Ocidente	Zelensky	Vivo	Não	Dramatização	Não
72	Entrevista comentário	N/A	16/fev/24	00:10:00	fevereiro	N/A	Agora CNN	N/A	Política de guerra	Zelensky	N/A	Sim	Dramatização	Sim
73	Zelensky Dnamarca	Joana Lopes	16/fev/24	00:00:43	fevereiro	Reuters	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Visitas oficiais	Zelensky	Off	Não	Da noticioso	Não
74	Direto Ucrânia	Sérgio Furtado	16/fev/24	00:09:00	fevereiro	CNN Portugal	Agora CNN	Edição Internacional	Ataques no campo de batalha	Zelensky	Direto	Não	Consonância	Não
75	Entrevista comentário	N/A	16/fev/24	00:11:00	fevereiro	N/A	Agora CNN	N/A	Política de guerra	Zelensky	N/A	Sim	Personalização	Sim
76	Direto Paris	Stephanie Palma	16/fev/24	00:03:00	fevereiro	CNN Portugal	Agora CNN	Correspondente	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Direto	Não	Da noticioso	Não
77	Ucrânia ofensiva	Rolando Santos	16/fev/24	00:02:24	fevereiro	Não menciona	Agora CNN	Edição Internacional	Projeto militar	Zelensky	Notícia com reações	Não	Amplificação	Sim
78	Vivo Zelensky Paris	Miguel	16/fev/24	00:00:39	fevereiro	Associated Press	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Vivo	Não	Dramatização	Sim
79	Direto Ucrânia	Sérgio Furtado	16/fev/24	00:05:00	fevereiro	CNN Portugal	Agora CNN	Edição Internacional	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Direto	Não	Personalização	Não
80	Vivo Navalnaya Putin	Teresa Rodrigues	16/fev/24	00:00:30	fevereiro	Reuters	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ataques pessoais políticos	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
81	Vivo Navalnaya morte	Teresa Rodrigues	16/fev/24	00:00:49	fevereiro	Reuters	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ataques pessoais políticos	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
82	Mulher Navalny	Sandra Azevedo	16/fev/24	00:00:22	fevereiro	Não menciona	Agora CNN	Edição Internacional	Ataques pessoais políticos	Putin	Notícia com reações	Não	Dramatização	Sim
83	Vivo Zelensky Albânia	Quimino	16/fev/24	00:00:56	fevereiro	Reuters	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ataques pessoais políticos	Zelensky	Vivo	Não	Personalização	Sim
84	Entrevista comentário	N/A	16/fev/24	00:12:00	fevereiro	N/A	Agora CNN	N/A	Política de guerra	Zelensky	N/A	Sim	Consonância	Não
85	Discurso Putin	Teresa Rodrigues	17/fev/24	00:02:26	fevereiro	Não menciona	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ameaça nuclear	Putin	Off	Não	Dramatização	Sim
86	Putin Nato	Teresa Rodrigues	17/fev/24	00:00:27	fevereiro	Reuters	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ameaça nuclear	Putin	Vivo	Não	Dramatização	Sim
87	Putin diálogo	Teresa Rodrigues	17/fev/24	00:00:55	fevereiro	Reuters	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Confronto com o Ocidente	Putin	Vivo	Não	Dramatização	Sim
88	Putin miens	Teresa Rodrigues	17/fev/24	00:01:15	fevereiro	Reuters	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Projeto militar	Putin	Vivo	Não	Amplificação	Não
89	Direto Sérgio Furtado	Sérgio Furtado	17/fev/24	00:11:00	fevereiro	CNN Portugal	Agora CNN	Edição Internacional	Confronto com o Ocidente	Putin	Direto	Não	Amplificação	Não
90	Entrevista comentário	N/A	17/fev/24	00:12:00	fevereiro	N/A	Agora CNN	N/A	Produção de armamento	Putin	N/A	Sim	Da noticioso	Não
91	Entrevista comentário	N/A	18/fev/24	00:10:00	fevereiro	N/A	Agora CNN	N/A	Projeto militar	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
92	Putin nuclear	Helena Lins	18/fev/24	00:02:02	fevereiro	Não menciona	Agora CNN	Edição Internacional	Ameaça nuclear	Putin	Notícia com reações	Não	Personalização	Não
93	Entrevista comentário	N/A	18/fev/24	00:10:00	fevereiro	N/A	Agora CNN	N/A	Ameaça nuclear	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
94	Vivo Romney	Enica	19/fev/24	00:01:13	fevereiro	CNN Internacional	Agora CNN	Desk da TV/CNN	Ataques pessoais políticos	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
95														

108	Reportagem Ucrânia	Sérgio Furtado	20 fev/24	00:03:13	fevereiro	Não menciona	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Política de guerra	Zelensky	Notícia com reações	Não	Personalização	Sim
109	Entrevista comentário	N/A	21 fev/24	00:22:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Política de guerra	Zelensky	N/A	Sim	Personalização	Não
110	Ontape	Sérgio Furtado	21 fev/24	00:03:00	fevereiro	CNN Portugal	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Política de guerra	Zelensky	Ontape	Não	Personalização	Não
111	Entrevista comentário	N/A	21 fev/24	00:14:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Confronto com o Ocidente	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
112	Reportagem Ucrânia	Sérgio Furtado	21 fev/24	00:02:29	fevereiro	Não menciona	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Política de guerra	Zelensky	Notícia com reações	Não	Amplificação	Sim
113	Putin entrevista	Rolando Santos	21 fev/24	00:01:45	fevereiro	Não menciona	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Confronto com o Ocidente	Putin	Notícia com reações	Não	Personalização	Não
114	UE Putin	Marganda Pires	21 fev/24	00:00:55	fevereiro	Associated Press	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Confronto com o Ocidente	Putin	Vivo	Não	Dramatização	Não
115	Reax Putin	Jéssica	21 fev/24	00:01:12	fevereiro	Associated Press	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Confronto com o Ocidente	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
116	Entrevista comentário	N/A	22 fev/24	00:22:30	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Política de guerra	Zelensky	N/A	Sim	Personalização	Não
117	Entrevista comentário	N/A	22 fev/24	00:22:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Confronto com o Ocidente	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
118	Entrevista comentário	N/A	22 fev/24	00:17:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Política de guerra	Zelensky	N/A	Sim	Personalização	Não
119	Entrevista comentário	N/A	22 fev/24	00:18:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Política de guerra	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
120	Financiamento Ucrânia	Luís Varela de Almeida	22 fev/24	00:03:12	fevereiro	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Notícia com reações	Não	Personalização	Não
121	Entrevista comentário	N/A	22 fev/24	00:20:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Confronto com o Ocidente	Putin	N/A	Sim	Dramatização	Não
122	Entrevista comentário	N/A	22 fev/24	00:21:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Confronto com o Ocidente	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
123	Ataque drones frota russa	Rolando Santos	22 fev/24	00:01:45	fevereiro	Reuters	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Política de guerra	Putin	Notícia com reações	Não	Personalização	Sim
124	Entrevista comentário	N/A	22 fev/24	00:17:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Ameaça nuclear	Putin	N/A	Sim	Personalização	Sim
125	Vacina cancro Putin	Miguel	22 fev/24	00:00:43	fevereiro	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Política de guerra	Putin	Vivo	Sim	Personalização	Sim
126	Rússia complexo militar	António Oliveira e Silva	22 fev/24	00:02:58	fevereiro	Associated Press	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Produção de armamento	Putin	Notícia com reações	Não	Amplificação	Não
127	Putin filhos	Hugo Beleta	23 fev/24	00:00:54	fevereiro	Reuters	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Política de guerra	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
128	Acordofranco-ucraniano	Patricia Lima Leitão	23 fev/24	00:00:44	fevereiro	Não menciona	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Visitas oficiais	Zelensky	Off	Não	Da noticioso	Não
129	Zelensky segurança	Luís Varela de Almeida	23 fev/24	00:00:44	fevereiro	Associated Press	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Projeto militar	Zelensky	Vivo	Não	Amplificação	Não
130	Entrevista comentário	N/A	23 fev/24	00:16:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Visitas oficiais	Zelensky	N/A	Sim	Da noticioso	Não
131	Putin visita	Luís Varela de Almeida	23 fev/24	00:01:28	fevereiro	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Visitas oficiais	Putin	Off	Não	Da noticioso	Não
132	Zelensky Nato Trump	Rolando Santos	23 fev/24	00:02:10	fevereiro	Não menciona	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Ameaça nuclear	Zelensky	Notícia com reações	Não	Personalização	Não
133	Navalny Entrevista	N/A	23 fev/24	00:04:00	fevereiro	CNN Internacional	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Ataques pessoais/políticos	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
134	Entrevista comentário	N/A	23 fev/24	00:18:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Política de guerra	Putin	N/A	Sim	Personalização	Sim
135	Ucrânia novas	Rolando Santos	23 fev/24	00:02:23	fevereiro	Não menciona	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Ataques pessoais/políticos	Zelensky	Notícia com reações	Não	Personalização	Sim
136	Apoio Ucrânia EUA	Bruno Lencastre	23 fev/24	00:00:35	fevereiro	Não menciona	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Off	Não	Personalização	Sim
137	Kamala Zelensky	Fábio Costa	23 fev/24	00:01:36	fevereiro	Associated Press	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Off	Não	Personalização	Sim
138	Zelensky e Kamala	Bruno Lencastre	23 fev/24	00:00:47	fevereiro	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Vivo	Não	Personalização	Não
139	Zelensky Nato Trump	Fábio Costa	23 fev/24	00:01:23	fevereiro	Associated Press	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Adeção a NATO	Zelensky	Vivo	Não	Amplificação	Não
140	Entrevista comentário	N/A	23 fev/24	00:14:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Ataques pessoais/políticos	Zelensky	N/A	Sim	Amplificação	Não
141	Navalny	Miguel Cabral de Melo	23 fev/24	00:02:58	fevereiro	Não menciona	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Ataques pessoais/políticos	Putin	Notícia com reações	Não	Personalização	Não
142	Entrevista comentário	N/A	24 fev/24	00:16:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Ataques pessoais/políticos	Zelensky	N/A	Sim	Personalização	Não
143	Direto Kiev	Sérgio Furtado	24 fev/24	00:03:00	fevereiro	CNN Portugal	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Política de guerra	Zelensky	Ontape	Não	Personalização	Não
144	Zelensky Noite	Quinho	24 fev/24	00:00:37	fevereiro	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Projeto militar	Zelensky	Vivo	Não	Dramatização	Não
145	Zelensky Kupiansk	Miguel	24 fev/24	00:00:31	fevereiro	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Política de guerra	Zelensky	Off	Não	Dramatização	Não
146	Entrevista comentário	N/A	24 fev/24	00:15:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Política de guerra	Zelensky	N/A	Sim	Personalização	Não
147	Mulher Navalny	Pedro Moreira	24 fev/24	00:01:28	fevereiro	Não menciona	CNN Meia Noite	Correspondente	Ataques pessoais/políticos	Putin	Notícia com reações	Não	Dramatização	Não
148	Entrevista comentário	N/A	25 fev/24	00:18:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Política de guerra	Putin	N/A	Sim	Consonância	Não
149	Navalny	Hugo Capela	25 fev/24	00:02:19	fevereiro	Não menciona	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Ataques pessoais/políticos	Putin	Notícia com reações	Não	Dramatização	Sim
150	Últimas Ucrânia	António Oliveira e Silva	25 fev/24	00:02:51	fevereiro	Não menciona	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Política de guerra	Putin	Notícia com reações	Não	Personalização	Sim
151	Vacinas cancer Putin	Vilanova	25 fev/24	00:02:10	fevereiro	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Política de guerra	Putin	Vivo	Não	Da noticioso	Não
152	Entrevista comentário	N/A	25 fev/24	00:28:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Política de guerra	Zelensky	N/A	Sim	Personalização	Não
153	Entrevista comentário	N/A	25 fev/24	00:10:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Confronto com o Ocidente	Putin	N/A	Sim	Simplificação	Não
154	Putin torneio	Quinho	25 fev/24	00:00:39	fevereiro	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Política de guerra	Putin	Off	Não	Personalização	Não
155	Vivo Putin	Quinho	25 fev/24	00:01:00	fevereiro	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Política de guerra	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
156	Entrevista comentário	N/A	26 fev/24	00:24:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Política de guerra	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
157	Entrevista comentário	N/A	26 fev/24	00:18:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Política de guerra	Zelensky	N/A	Sim	Personalização	Não
158	Biden sobre Putin	Hilena Lins	26 fev/24	00:02:10	fevereiro	Não menciona	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Ataques pessoais/políticos	Putin	Notícia com reações	Não	Personalização	Não
159	Entrevista comentário	N/A	26 fev/24	00:23:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Ajuda da UE/EUA	Putin	N/A	Sim	Da noticioso	Não
160	Entrevista comentário	N/A	26 fev/24	00:13:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Ataques pessoais/políticos	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
161	Ucrânia 2 anos	Sandra Azevedo	26 fev/24	00:05:30	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Ataques no campo de batalha	Zelensky	Notícia com reações	Não	Dramatização	Sim
162	Direto Boston	Luís Costa Ribas	26 fev/24	00:08:00	fevereiro	CNN Portugal	CNN Meia Noite	Correspondente	Ajuda da UE/EUA	Putin	Direto	Não	Consonância	Não
163	Zelensky senadores	Quinho	27 fev/24	00:00:32	fevereiro	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Off	Não	Amplificação	Não
164	Entrevista comentário	N/A	27 fev/24	00:34:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Política de guerra	Zelensky	N/A	Sim	Consonância	Não
165	Entrevista comentário	N/A	27 fev/24	00:34:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Confronto com o Ocidente	Putin	N/A	Sim	Amplificação	Não
166	Vivo Zelensky Dmanarqa	Joana Lopes	28 fev/24	00:01:05	fevereiro	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Vivo	Não	Da noticioso	Sim
167	Ucrânia hoje	Isaís Gonçalves	28 fev/24	00:01:42	fevereiro	Reuters	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Política de guerra	Zelensky	Notícia com reações	Não	Da noticioso	Sim
168	Vivo Zelensky G7	Quinho	28 fev/24	00:01:01	fevereiro	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Visitas oficiais	Zelensky	Vivo	Não	Dramatização	Sim
169	Manifestações	Quinho	28 fev/24	00:00:55	fevereiro	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Ataques pessoais/políticos	Putin	Off	Não	Da noticioso	Não
170	Entrevista comentário	N/A	28 fev/24	00:18:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Adeção a NATO	Zelensky	N/A	Sim	Personalização	Não
171	Líderes Kiev	Teresa Rodrigues	28 fev/24	00:00:47	fevereiro	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Off	Não	Da noticioso	Não
172	Vivo Zelen hoje	Raquel	28 fev/24	00:00:50	fevereiro	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Política de guerra	Zelensky	Vivo	Não	Dramatização	Não
173	Ataque Ucrânia	Isaís Gonçalves	28 fev/24	00:01:06	fevereiro	Não menciona	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Política de guerra	Zelensky	Notícia com reações	Não	Personalização	Não
174	Vivo Zelensky ofensiva	Cláudio Carvalho	29 fev/24	00:00:55	fevereiro	Reuters	CNN Meia Noite	Pivot	Política de guerra	Zelensky	Vivo	Não	Dramatização	Não
175	Vivo Zelensky camera	Quinho	29 fev/24	00:01:04	fevereiro	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Proposta de paz	Zelensky	Vivo	Não	Amplificação	Não
176	Acordo segurança	Cláudio Carvalho	29 fev/24	00:00:45	fevereiro	Não menciona	CNN Meia Noite	Pivot	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Off	Não	Amplificação	Não
177	Líderes Paris	Caetano Xavier	29 fev/24	00:00:31	fevereiro	Não menciona	CNN Meia Noite	Outras editorias	Confronto com o Ocidente	Putin	Off	Não	Personalização	Não
178	Entrevista comentário	N/A	29 fev/24	00:16:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Proposta de paz	Zelensky	N/A	Sim	Personalização	Não
179	Ontape Sérgio	Sérgio Furtado	29 fev/24	00:05:00	fevereiro	CNN Portugal	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Ontape	Não	Personalização	Não
180	Vivo Portas Ucrânia	Caetano Xavier	29 fev/24	00:00:55	fevereiro	CNN Portugal	CNN Meia Noite	Outras editorias	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Vivo	Não	Personalização	Não
181	Stoltenberg Suécia	Joana Lima	29 fev/24	00:00:41	fevereiro	Associated Press	CNN Meia Noite	Desk da TVI/CNN	Adeção a NATO	Zelensky	Vivo	Não	Personalização	Não
182	Ontape Em Zelensky	Sara de Melo Rocha	29 fev/24	00:03:00	fevereiro	CNN Internacional	CNN Meia Noite	Pivot	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Vivo	Não	Dramatização	Não
183	Vivo Zelensky CNN	Sara de Melo Rocha	29 fev/24	00:00:57	fevereiro	CNN Internacional	CNN Meia Noite	Pivot	Política de guerra	Zelensky	Vivo	Não	Personalização	Não
184	Entrevista comentário	N/A	29 fev/24	00:25:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Ataques pessoais/políticos	Zelensky	N/A	Sim	Personalização	Não
185	Dinheiros Ucrânia	Miguel Cabral de Melo	29 fev/24	00:02:26	fevereiro	Não menciona	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Notícia com reações	Não	Dramatização	Não
186	Vivua Navalny	Pedro Moreira	29 fev/24	00:02:09	fevereiro	Não menciona	CNN Meia Noite	Correspondente	Ataques pessoais/políticos	Putin	Notícia com reações	Não	Dramatização	Sim
187	Entrevista comentário	N/A	29 fev/24	00:29:00	fevereiro	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Política de guerra	Putin	N/A	Sim	Simplificação	Não
188	Vivo Putin fakes	Teresa Rodrigues	01 mar/24	00:00:59	março	Reuters	Agora CNN	Desk da TVI/CNN	Confronto com o Ocidente	Putin	Vivo	Não	Amplificação	Não
189	Entrevista comentário	N/A	01 mar/24	00:10:00	março	N/A	Agora CNN	N/A	Ameaça nuclear	Putin	N/A	Sim	Dramatização	Não
190	Explicador Kremlin	António Oliveira e Silva	01 mar/24	00:03:00	março	Não menciona	Agora CNN	Edição Internacional	Ataques pessoais/políticos	Putin	Explicador	Não	Dramatização	Não
191	Entrevista comentário	N/A	01 mar/24	00:06:00	março	N/A	Agora CNN	N/A	Ataques pessoais/políticos	Putin	N/A	Sim	Dramatização	Não
192	Entrevista comentário	N/A	01 mar/24	00:14:00	março	N/A	Agora CNN	N/A	Política de guerra	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
193	Ataque Odessa	Hugo Capela	01 mar/24	00:00:33	março	Não menciona	Agora CNN	Edição Internacional	Ataques no campo de batalha	Zelensky	Off	Não	Personalização	Não
194	Grossi com Putin	Quinho	01 mar/24	00:01:08	março	Reuters	Agora CNN	Desk da TVI/CNN	Visitas oficiais	Putin	Off	Não	Personalização	Não
195	Vivo Navalnaya eleições	Quinho	01 mar/24	00:00:43	março	CNN Internacional	Agora CNN	Desk da TVI/CNN	Ataques pessoais/políticos	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
196	Entrevista comentário	N/A	01 mar/24	00:12:00	março	N/A	Agora CNN	N/A	Política de guerra	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
197	Vivo Von der Leyen Putin	Teresa Rodrigues	02 mar/24	00:01:00	março	Não menciona	Agora CNN	Desk da TVI/CNN	Confronto com o Ocidente	Putin	Vivo	Não	Dramatização	Não
198	Putin Escola Aviação	Quinho	02 mar/24	00:01:13	março	Associated Press	Agora CNN	Desk da TVI/CNN	Visitas oficiais	Putin	Off	Não	Personalização	Não
199	Vivo Putin	Quinho	03 mar/24	00:00:28	março	Associated Press	Agora CNN	Desk da TVI/CNN	Visitas oficiais	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
200	Vivo Pres. Moldova	Mariana Magalhães	03 mar/24	00:00:53	março	Reuters	Agora CNN	Desk da TVI/CNN	Ameaça para a UE/Ocidente	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
201	Entrevista comentário	N/A	03 mar/24	00:10:00	março	N/A	Agora CNN	N/A	Política de guerra	Zelensky	N/A	Sim	Personalização	Não

216	Eleições russas	Antônio Oliveira e Silva	07/mar/24	00:02:22	março	N/A	Agora CNN	Edição Internacional	Política de guerra	Putin	Notícia com reações	Não	Personalização	Não
217	Eleições Rússia	Miguel	07/mar/24	00:05:53	março	Reuters	Agora CNN	Desk da TVL CNN	Política de guerra	Putin	Off	Não	Personalização	Sim
218	Ontape Chance	Filipa Tojal	07/mar/24	00:01:50	março	CNN Internacional	Agora CNN	Desk da TVL CNN	Ataques pessoais/políticos	Putin	Ontape	Não	Personalização	Não
219	Michel Elez Rússia	Mariana Pacheco	07/mar/24	00:02:24	março	Rede social X	Agora CNN	Desk da TVL CNN	Ataques pessoais/políticos	Putin	Off	Não	Personalização	Não
220	Gravão Putin	Hugo Capela	07/mar/24	00:02:45	março	Não menciona	Agora CNN	Edição Internacional	Política de guerra	Putin	Notícia com reações	Não	Personalização	Não
221	Entrevista/comentário	N/A	07/mar/24	00:09:00	março	N/A	Agora CNN	N/A	Ataques pessoais/políticos	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
222	Entrevista/comentário	N/A	07/mar/24	00:07:00	março	N/A	Agora CNN	N/A	Ataques pessoais/políticos	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
223	Putin vota	Miguel	07/mar/24	00:03:35	março	Não menciona	Agora CNN	Desk da TVL CNN	Política de guerra	Putin	Off	Não	Noticioso	Sim
224	Explicador Eleições Rússia	Alexandre Évora	08/mar/24	00:01:50	março	Não menciona	Agora CNN	Pivot	Política de guerra	Putin	Explicador	Não	Personalização	Não
225	Vivo Putin Eleições	Patricia Lima Leitão	08/mar/24	00:01:01	março	Reuters	Agora CNN	Desk da TVL CNN	Ataques pessoais/políticos	Putin	Vivo	Não	Dramatização	Não
226	Vivo Putin Rússia	Érica	08/mar/24	00:02:21	março	Associated Press	Agora CNN	Desk da TVL CNN	Política de guerra	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
227	Vivos Peskov Elez	Ricardo Nunes	09/mar/24	00:02:36	março	Reuters	Agora CNN	Desk da TVL CNN	Política de guerra	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
228	Vivos Residentes Kiev	Jessica	09/mar/24	00:02:58	março	Reuters	Agora CNN	Desk da TVL CNN	Política de guerra	Putin	Vivo	Não	Dramatização	Não
229	Entrevista/comentário	N/A	11/mar/24	00:09:00	março	N/A	Agora CNN	N/A	Política de guerra	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
230	Eleições Rússia	Carla Rodrigues	11/mar/24	00:02:24	março	Não menciona	Agora CNN	Edição Internacional	Confronto com o Ocidente	Putin	Notícia com reações	Não	Dramatização	Não
231	Vivo Putin Termino	Érica	11/mar/24	00:05:59	março	Reuters	Agora CNN	Desk da TVL CNN	Confronto com o Ocidente	Putin	Vivo	Não	Dramatização	Não
232	Vivo Lloyd Austin	Jessica	11/mar/24	00:04:49	março	Reuters	Agora CNN	Desk da TVL CNN	Ameaça para a UE Ocidente	Putin	Vivo	Não	Personalização	Sim
233	Entrevista/comentário	N/A	12/mar/24	00:10:00	março	N/A	Agora CNN	N/A	Política de guerra	Putin	N/A	Sim	Dramatização	Não
234	Vivo Putin	Teresa Rodrigues	12/mar/24	00:03:39	março	Reuters	Agora CNN	Desk da TVL CNN	Política de guerra	Putin	Vivo	Não	Amplificação	Não
235	Entrevista/comentário	N/A	12/mar/24	00:18:00	março	N/A	Agora CNN	N/A	Confronto com o Ocidente	Putin	N/A	Sim	Amplificação	Não
236	Entrevista/comentário	N/A	12/mar/24	00:07:00	março	N/A	Agora CNN	N/A	Ataques pessoais/políticos	Putin	N/A	Sim	Da noticioso	Não
237	Entrevista/comentário	N/A	12/mar/24	00:15:00	março	N/A	Agora CNN	N/A	Ataques pessoais/políticos	Putin	N/A	Sim	Dramatização	Não
238	Atentado Rússia	Marganda Pres	12/mar/24	00:02:43	março	CNN Internacional	Agora CNN	Desk da TVL CNN	Ataques pessoais/políticos	Putin	Notícia com reações	Não	Personalização	Não
239	Entrevista/comentário	N/A	13/mar/24	00:10:00	março	N/A	CNN Prime Time	N/A	Ataques pessoais/políticos	Putin	N/A	Sim	Da noticioso	Não
240	Entrevista/comentário	N/A	13/mar/24	00:10:00	março	N/A	CNN Prime Time	N/A	Confronto com o Ocidente	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
241	Entrevista/comentário	N/A	13/mar/24	00:38:00	março	N/A	CNN Prime Time	N/A	Ataques no campo de batalha	Zelensky	N/A	Sim	Personalização	Sim
242	Ataque Kryvyi Rih	Quimino	13/mar/24	00:03:36	março	Reuters	CNN Prime Time	Desk da TVL CNN	Ataques no campo de batalha	Zelensky	Off	Não	Personalização	Não
243	Vivo Zelensky	Quimino	13/mar/24	00:02:28	março	Reuters	CNN Prime Time	Desk da TVL CNN	Ataques no campo de batalha	Zelensky	Vivo	Não	Personalização	Não
244	Putin nuclear	Rolando Santos	13/mar/24	00:01:57	março	Não menciona	CNN Prime Time	Edição Internacional	Ameaça nuclear	Putin	Notícia com reações	Não	Personalização	Sim
245	Entrevista/comentário	N/A	13/mar/24	00:21:26	março	N/A	CNN Prime Time	N/A	Ameaça nuclear	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
246	Entrevista/comentário	N/A	13/mar/24	00:20:00	março	N/A	CNN Prime Time	N/A	Confronto com o Ocidente	Putin	N/A	Sim	Dramatização	Não
247	Entrevista/comentário	N/A	13/mar/24	00:07:00	março	N/A	CNN Prime Time	N/A	Política de guerra	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
248	Eleição Putin	Miguel Cabral de Melo	13/mar/24	00:02:12	março	Não menciona	CNN Prime Time	Edição Internacional	Ataques pessoais/políticos	Putin	Notícia com reações	Não	Amplificação	Sim
249	Entrevista/comentário	N/A	14/mar/24	00:33:00	março	N/A	CNN Prime Time	N/A	Política de guerra	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
250	Entrevista/comentário	N/A	14/mar/24	00:14:00	março	N/A	CNN Prime Time	N/A	Política de guerra	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
251	Entrevista/comentário	N/A	14/mar/24	00:25:00	março	N/A	CNN Prime Time	N/A	Política de guerra	Putin	N/A	Sim	Dramatização	Não

252	Putin e stentado	Sérgio Furtado	14/mar/24	00:01:10	março	Não menciona	CNN Prime Time	Edição Internacional	Ataques pessoais/políticos	Putin	Notícia com reações	Não	Dramatização	Sim
253	Entrevista/comentário	N/A	14/mar/24	00:17:00	março	N/A	CNN Prime Time	N/A	Ataques pessoais/políticos	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
254	Zel aviso EUA	Verónica	14/mar/24	00:00:47	março	Reuters	CNN Prime Time	Desk da TVL CNN	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Off	Não	Dramatização	Sim
255	Rússia sabia ataque	Claudia	14/mar/24	00:00:31	março	CNN Internacional	CNN Prime Time	Desk da TVL CNN	Política de guerra	Putin	N/A	Não	Personalização	Sim
256	Entrevista/comentário	N/A	14/mar/24	00:12:00	março	N/A	CNN Prime Time	N/A	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	N/A	Não	Dramatização	Não
257	Últimas Ucrânia	Antônio Oliveira e Silva	14/mar/24	00:00:39	março	Reuters	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Off	Não	Dramatização	Não
258	Ucrânia	Hugo Belezá	15/mar/24	00:00:49	março	Associated Press	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Off	Não	Personalização	Não
259	Vivo Zel-putin	Marganda Pres	15/mar/24	00:01:50	março	Associated Press	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Vivo	Não	Personalização	Não
260	Entrevista/comentário	N/A	15/mar/24	00:21:26	março	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Ameaça nuclear	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
261	Vivo Zelensky	Joana Lima	15/mar/24	00:00:31	março	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Vivo	Não	Dramatização	Não
262	Entrevista/comentário	N/A	15/mar/24	00:15:00	março	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Ameaça para a UE Ocidente	Zelensky	N/A	Sim	Consonância	Não
263	Vivo Zelensky	Joana Lima	15/mar/24	00:00:47	março	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Vivo	Não	Dramatização	Sim
264	Reax Zelensky	Joana Lima	15/mar/24	00:00:47	março	Não menciona	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Ataques pessoais/políticos	Zelensky	Off	Não	Dramatização	Sim
265	Entrevista/comentário	N/A	15/mar/24	00:22:00	março	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Ataques pessoais/políticos	Zelensky	N/A	Não	Dramatização	Não
266	Vivo Zelensky	Filipa Tojal	15/mar/24	00:00:38	março	Associated Press	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Ataques no campo de batalha	Zelensky	Vivo	Não	Dramatização	Não
267	Vivo Putin OFEP	Miguel	15/mar/24	00:00:30	março	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Política de guerra	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
268	Ucrânia ataque Odessa	Helena Lins	15/mar/24	00:01:26	março	Não menciona	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Ataques no campo de batalha	Zelensky	Notícia com reações	Não	Personalização	Sim
269	Rússia hoje	Rolando Santos	15/mar/24	00:01:21	março	Não menciona	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Ataques pessoais/políticos	Putin	Notícia com reações	Não	Personalização	Não
270	Entrevista/comentário	N/A	15/mar/24	00:29:00	março	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Política de guerra	Zelensky	N/A	Sim	Personalização	Não
271	Vivo Zelensky Embaixador	Miguel	16/mar/24	00:00:46	março	Associated Press	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Política de guerra	Zelensky	Vivo	Não	Personalização	Sim
272	Defesa UK Kiev	Patricia Lima Leitão	16/mar/24	00:00:26	março	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Off	Não	Personalização	Não
273	Entrevista/comentário	N/A	17/mar/24	00:26:00	março	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Política de guerra	Zelensky	N/A	Sim	Personalização	Não
274	Vivo Putin Dia da Mulher	Miguel	17/mar/24	00:00:34	março	Associated Press	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Política de guerra	Putin	Vivo	Não	Dramatização	Não
275	Zelensky Turquia	Helena Lins	17/mar/24	00:01:45	março	Não menciona	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Política de guerra	Zelensky	Notícia com reações	Não	Personalização	Sim
276	Estado da União	Sandra Azevedo	17/mar/24	00:01:54	março	Não menciona	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Confronto com o Ocidente	Putin	Notícia com reações	Não	Personalização	Não
277	Entrevista/comentário	N/A	18/mar/24	00:16:00	março	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Política de guerra	Zelensky	N/A	Sim	Personalização	Não
278	Turquia Cimeira Paz	Natasha	17/mar/24	00:00:27	março	Reuters	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Política de guerra	Zelensky	Off	Não	Personalização	Sim
279	Entrevista/comentário	N/A	17/mar/24	00:26:00	março	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Política de guerra	Zelensky	N/A	Sim	Personalização	Não
280	Ucrânia Papa	Sandra Azevedo	17/mar/24	00:02:07	março	Não menciona	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Ataques pessoais/políticos	Zelensky	Notícia com reações	Não	Personalização	Não
281	Entrevista/comentário	N/A	17/mar/24	00:19:00	março	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Ataques pessoais/políticos	Zelensky	N/A	Sim	Personalização	Não
282	Ataques Rússia	Miguel Cabral de Melo	17/mar/24	00:02:29	março	Não menciona	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Ataques pessoais/políticos	Putin	Notícia com reações	Não	Personalização	Não
283	Entrevista/comentário	N/A	18/mar/24	00:23:00	março	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Política de guerra	Putin	N/A	Sim	Consonância	Não
284	Entrevista/comentário	N/A	18/mar/24	00:23:00	março	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Confronto com o Ocidente	Putin	N/A	Sim	Amplificação	Não
285	Entrevista/comentário	N/A	18/mar/24	00:16:00	março	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Política de guerra	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
286	Prêmios Zelensky	Quimino	18/mar/24	00:00:34	março	Associated Press	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Política de guerra	Zelensky	Off	Não	Personalização	Não
287	Vivo Zelensky	Quimino	18/mar/24	00:00:29	março	Associated Press	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Política de guerra	Zelensky	Vivo	Não	Dramatização	Não

288	Entrevista/comentário	N/A	18/mar/24	00:27:00	março	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Confronto com o Ocidente	Putin	N/A	Sim	Amplificação	Não
289	Entrevista/comentário	N/A	18/mar/24	00:15:00	março	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Política de guerra	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
290	Eleições Rússia	Carla Rodrigues	18/mar/24	00:02:16	março	Não menciona	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Política de guerra	Putin	Notícia com reações	Não	Dramatização	Sim
291	Vivo Zel Odessa	Patricia Lima Leitão	18/mar/24	00:00:38	março	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Ataques no campo de batalha	Zelensky	Vivo	Não	Dramatização	Não
292	Entrevista/comentário	N/A	18/mar/24	00:27:00	março	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Ataques pessoais/políticos	Putin	N/A	Sim	Dramatização	Não
293	Eleições Rússia	Miguel Cabral de Melo	18/mar/24	00:02:07	março	Não menciona	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Ataques pessoais/políticos	Putin	Notícia com reações	Não	Personalização	Sim
294	Vivo Zelensky	Quimino	19/mar/24	00:00:38	março	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Produção de armamento	Zelensky	Vivo	Não	Amplificação	Não
295	Putin discurso	Quimino	19/mar/24	00:01:03	março	Associated Press	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Política de guerra	Putin	Off	Não	Dramatização	Sim
296	Vivo Zelensky eleições	Quimino	19/mar/24	00:00:53	março	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Ataques pessoais/políticos	Zelensky	Vivo	Não	Personalização	Não
297	Estados Unidos	Sandra Azevedo	19/mar/24	00:00:49	março	Não menciona	CNN Meia Noite	Edição Internacional	Ataques pessoais/políticos	Putin	Off	Não	Personalização	Não
298	Vivo Trump Ucrânia	Teresa Rodrigues	19/mar/24	00:00:34	março	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Vivo	Não	Dramatização	Não
299	Entrevista/comentário	N/A	19/mar/24	00:23:00	março	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Política de guerra	Putin	N/A	Sim	Dramatização	Não
300	Vivo Putin Ucrânia	Quimino	20/mar/24	00:00:49	março	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Ameaça para a UE Ocidente	Putin	Vivo	Não	Amplificação	Não
301	Vivo Putin Macron	Quimino	20/mar/24	00:00:17	março	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Proposta de paz	Putin	Vivo	Não	Amplificação	Não
302	Vivo Putin protesto	Quimino	21/mar/24	00:00:42	março	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Ataques pessoais/políticos	Putin	Vivo	Não	Personalização	Não
303	Votos russos PT	Andreia Jorge Luis	21/mar/24	00:00:17	março	Não menciona	CNN Meia Noite	Outras editorias	Ataques pessoais/políticos	Putin	Notícia com reações	Não	Da noticioso	Não
304	Vivo Portas Eleições Rússia	Vanessa	21/mar/24	00:00:45	março	CNN Portugal	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Ameaça para a UE Ocidente	Putin	Vivo	Não	Dramatização	Não
305	Sanador Apolo	Miguel	21/mar/24	00:00:49	março	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Off	Não	Personalização	Não
306	Vivo Zelensky	Filipa Calado	22/mar/24	00:00:32	março	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Vivo	Não	Personalização	Não
307	Ontape Rússia	Jessica	22/mar/24	00:01:31	março	CNN Portugal	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Política de guerra	Putin	Ontape	Não	Personalização	Não
308	Entrevista/comentário	N/A	22/mar/24	00:20:00	março	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Política de guerra	Putin	N/A	Sim	Personalização	Não
309	Vivo Zelensky	Miguel	22/mar/24	00:00:33	março	Reuters	CNN Meia Noite	Desk da TVL CNN	Ajuda da UE/EUA	Zelensky	Vivo	Não	Amplificação	Não
310	Entrevista/comentário	N/A	23/mar/24	00:18:00	março	N/A	CNN Meia Noite	N/A	Visitas oficiais	Putin	N/A	Sim		

Anexo 7. Tabelas de análise do discurso

16 DE FEVEREIRO – A MORTE DE ALEXEI NAVALNY

Quem profere	Função	Ator político em destaque	Excertos de declarações	Leads	Adjetivos	Posição	Tom
Pedro Bello Moraes	Jornalistas	Putin	"Morreu Alexei Navalny a voz russa que descreveu o poder de Putin como acidente histórico. Ninguém acredita em quase nada do que Vladimir Putin diz. Putin teve uma conversa absolutamente amistosa com Tucker Carlson e depois teve o deslante de vir criticar a postura permissiva do jornalista que foi lá fazer um frete à propaganda russa."	Breaking news: morreu Alexei Navalny, opositor de Putin Breaking news: putin já foi informado da morte de Alexei Navalny	Acidente histórico do regime de Putin	Negativa	Alarmista
Volodymyr Zelensky	Políticos	Putin	"Obviamente foi assassinado por Putin. Putin não quer saber quem morre, desde que mantenha a sua posição."	Volodymyr Zelensky: "obviamente foi morto por Putin"	Putin é assassino	Negativa	Agressivo
Antony Blinken	Políticos	Putin	"A morte dele numa prisão russa e a obsessão e medo de um homem só sublinham a fraqueza e a podridão no centro do sistema que Putin construiu."	reação à morte de Navalny: reflexo da "fraqueza e podridão" do sistema de Putin	Fraqueza e podridão do regime de Putin	Negativa	Dramático
João Gomes Cravinho	Políticos	Putin	"Putin que exerceu o seu poder arbitrário prendendo-o em circunstâncias cada vez mais draconianas, é responsável pela sua morte."	João Cravinho sobre Navalny: "resistiu ao regime de Putin e lutou pela democracia"	Poder arbitrário e draconiano de Putin	Negativa	Dramático
Helena Ferro Gouveia	Comentadores	Putin	"Putin ao longo destes 20 anos tem um historial muito longo de morte de opositores políticos e de jornalistas. "Estamos perante um homem obcecado pelo poder, pela manutenção do poder e pela sua cosmovisão e ideia de mundo. Putin saiu do KGB mas o KGB não saiu de putin nem da sua metodologia."	N/A	Putin é assassino	Negativa	Agressivo
Ksenia Ashrafullina	Ativista	Putin	"Ele não morreu, ele foi assassinado. Era isso que o regime de Putin queria: passar este assassinato como uma morte natural."	N/A	Putin é assassino	Negativa	Agressivo
Ursula von der Leyen	Políticos	Putin	"Putin recebe a dissidência do seu próprio povo."	Von der leyen sobre Navalny: "Putin recebe agora a dissidência do seu próprio povo"	Putin receoso	Neutra	Moderado
Josep Borrell	Políticos	Putin	"A morte do opositor russo é da exclusiva responsabilidade de Putin."	Josep Borrell sobre Navalny: "a morte é da exclusiva responsabilidade de Putin"	Putin é assassino	Negativa	Agressivo
Francisco Pereira Coutinho	Especialistas	Putin	"Acreditar na palavra de Putin naquela entrevista ao Tucker Carlson em que ele disse "não se preocupem as minhas ambições territoriais estão circunscritas à Ucrânia" é algo que obviamente ninguém pode acreditar."	breaking news: mulher de Navalny diz que Putin deve ser punido; breaking news: Kamala: "morte de Navalny é sinal de brutalidade de Putin"; breaking news: blinken: "morte de navalny mostra podridão do regime russo"	Putin é assassino e mentiroso	Negativa	Moderado
David Cameron	Políticos	Putin	"A Rússia de Putin prendeu-o, inventou acusações contra ele, envenenou-o, enviou-o para uma colónia no Ártico, onde agora, tragicamente, morreu. E Putin deve ser responsabilizado por isto. E ninguém pode ter dúvidas acerca da natureza tenebrosa do regime de Putin."	Reação à morte de Navalny: "deveríamos responsabilizar Putin"	Putin é assassino e o seu regime tem uma natureza tenebrosa	Negativa	Agressivo
Yulia Navalnaya	Cidadãos	Putin	"Este regime e Vladimir Putin devem ser pessoalmente responsabilizados por todas as coisas terríveis que tem feito ao meu país, à nossa Rússia em anos recentes"	mulher de Navalny garante: Putin não ficará impune se for responsável pela morte	Regime terrível de Putin	Negativa	Alarmista
Armando Marques Guedes	Especialistas	Putin	"Navalny disse algo importantíssimo: a ideia de que Putin se contentaria em enfiar-me numa fortaleza no polo norte e deixar de me torturar na cela de confinamento era não só covarde como também ingénua."	N/A	Putin é assassino	Negativa	Moderado
Sónia Sénica	Comentadores	Zelensky	"Zelensky vai tentar ao máximo mostrar aos parceiros europeus e também aos EUA que a importância de conter a ameaça russa é necessária, atual e significativa, por força do ocorrido com o principal opositor russo."	N/A	Perspicácia de Zelensky	Neutra	Informativo
Ana Sofia Cardoso	Jornalistas	Putin	"Os principais líderes políticos do ocidente culpam Vladimir Putin pela morte do ativista, mas como fica agora a oposição na Rússia? Mais fragilizada? Mais forte? Como vai o regime de Putin explicar a série de coincidências relacionadas com a morte de pessoas incómodas ao regime? A morte de Navalny é apenas mais uma, ou poderá fazer diferença no curso da História?"	maior opositor de Putin: Alexei Navalny morreu na prisão na siberia aos 47 anos; morte de Alexei Navalny: líderes ocidentais apontam dedo a Putin	N/A	Neutra	Informativo
Joe Biden	Políticos	Putin	"Putin é responsável pela morte de Navalny. O que aconteceu a Navalny é mais uma prova da brutalidade de Putin."	Morte de Alexei Navalny: mulher responsabiliza Putin "pessoalmente"; morte de Alexei Navalny: líderes ocidentais apontam dedo a Putin	Putin é assassino	Negativa	Agressivo
Sérgio Furtado	Jornalistas	Zelensky	"O presidente ucraniano disse que não tinha dúvidas de que tinha sido Vladimir Putin a ordenar a morte de alguém que era incómodo para o Kremlin. O ministro da defesa ucraniano veio dizer numa publicação no Telegram que isto é a prova de que Putin não tem nenhum respeito nem sequer pelos cidadãos russos."	maior opositor de Putin: Alexei Navalny morreu na prisão na siberia aos 47 anos	Putin é assassino	Negativa	Agressivo
Azeredo Lopes	Comentadores	Putin	"Vladimir Putin sabe o seguinte: a rutura e o desamor entre ele e o Ocidente é absolutamente radical e definitivo."	Biden: "Putin é responsável pela morte de Navalny"; morte de Alexei Navalny: líderes ocidentais apontam dedo a Putin	N/A	Neutra	Informativo
Volodymyr Zelensky	Políticos	Zelensky	"É uma necessidade crítica na frente de batalha, bem como armas, bem como sistemas de defesa aérea que são tão necessários ao nosso povo agora."	N/A	N/A	Neutra	Informativo
Alexei Navalny	Políticos	Putin	"Não quero que Putin governe a Rússia. Não quero que ele seja o presidente nem o czar da Rússia, porque ele anda a matar pessoas. Ele é a razão pela qual o nosso país está a degradar-se, é por causa dele que as pessoas são tao pobres."	Entrevista à CNN Internacional: Navalny referia-se ao Kremlin como estrutura de assassínio	Putin é assassino	Negativa	Agressivo
Diana Soller	Comentadores	Putin	"Putin vai ganhar as eleições, com uma percentagem significativa por dois motivos: em primeiro lugar, porque se as eleições não corressesem bem a Putin seriam falsificadas, e em segundo lugar, a máquina de propaganda do Kremlin está muito bem montada e oleada."	N/A	N/A	Negativa	Moderado

24 DE FEVEREIRO – DOIS ANOS DE GUERRA NA UCRÂNIA

Quem profere	Função	Ator político em destaque	Excertos de declarações	Leads	Adjetivos	Posição	Tom
Volodymyr Zelensky	Políticos	Zelensky	"Qualquer pessoa normal quer que a guerra acabe. Mas nenhum de nós vai deixar que a Ucrânia acabe. É por isso que as palavras "fim da guerra" acrescentamos sempre "nas nossas condições."	dois anos de guerra na Ucrânia: Zelensky recebe líderes ocidentais em Hostomel	Zelensky determinado	Neutra	Moderado
Volodymyr Zelensky	Políticos	Zelensky	"Graças à nossa cooperação [com o G7], milhões na Ucrânia e nos países vizinhos da Rússia podem sentir que a sua pátria não se tornará o quintal de Putin."	Zelensky agradece ao G7: "em nome de todos os ucranianos obrigado pelo apoio"	N/A	Neutra	Dramático
Vladimir Putin	Políticos	Putin	"Decidi realizar uma operação militar especial. Por isso, vamos esforçar-nos para desmilitarizar e desnazificar a Ucrânia."	guerra na Ucrânia: invasão russa começou há dois anos	Ucrânia Nazi	Negativa	Alarmista
Volodymyr Zelensky	Políticos	Zelensky	"Já estamos a distribuir armas e iremos distribuí-las para defender o nosso país a todos que querem e têm a capacidade de defender a nossa soberania. O futuro da Ucrânia depende de cada cidadão."	guerra na Ucrânia: invasão russa começou há dois anos	Coragem de Zelensky	Negativa	Informativo
Volodymyr Zelensky	Políticos	Putin	"Foi horrível. Aquilo que vimos... o diabo não está algures debaixo de nós na terra, ele está entre nós."	guerra na Ucrânia: invasão russa começou há dois anos	Putin é o diabo	Negativa	Dramático
Volodymyr Zelensky	Políticos	Zelensky	"Infelizmente, manter a Ucrânia num défice artificial de armas, particularmente num défice de artilharia e de capacidades de longo alcance, permite a Putin adaptar-se à atual intensidade da guerra."	guerra na Ucrânia: invasão russa começou há dois anos	N/A	Neutra	Moderado
Carlos Branco	Comentadores	Zelensky	"Também nos recordamos do presidente Zelensky ter dito que renunciava a adesão à Nato e de um momento para o outro toda essa possibilidade de se chegar a um acordo cai por terra."	guerra na Ucrânia: invasão russa começou há dois anos	Contrassenso de Zelensky	Negativa	Moderado
Volodymyr Zelensky	Políticos	Zelensky	"Na história futura a palavra "Ucrânia" virá sempre, mas sempre, com a palavra "independente". Estamos a lutar por isso, já há 730 dias das nossas vidas. E vamos vencer no melhor dia da nossa vida. Agradeco a todos vocês, combatentes! Agradeco ao nosso povo!"	dois anos de guerra na Ucrânia: Zelensky: "Qualquer pessoa quer que a guerra acabe"	Zelensky determinado	Positiva	Dramático